



ARRANCANDO
O MAL PELA RAIZ

Robert D. Jones





Índice

[Conteúdo](#)

[Agradecimentos](#)

[Introdução](#)

[A Bíblia e nosso problema de raiva](#)

[O plano deste livro](#)

[1. O que é raiva?](#)

[Uma Definição Funcional de “Raiva”](#)

[Categorias bíblicas de raiva](#)

[Visitando a Galeria de Imagens da Bíblia](#)

[2. Sua raiva é realmente justa?](#)

[O perigo da auto-ilusão](#)

[Três Critérios de Raiva Justa](#)

[A Justa Ira de Nosso Senhor](#)

[Ira Justa em Saul e Jônatas](#)

[Avaliando nossa própria raiva](#)

[3. Chegando ao coração da raiva](#)

[Considerando a causa da raiva](#)

[A verdadeira causa: o coração](#)

[A raiva no cristão](#)

[Identificando as causas do coração da raiva](#)

[Reflexões de Agostinho sobre sua infância](#)

[Seu desejo está governando você?](#)

[instantâneos bíblicos](#)

[4. Arrependimento: o caminho para erradicar a raiva do coração](#)

[Repreensões que atingem as raízes](#)

[A graça de Deus: esperança para corações irados](#)

[Nossa resposta: Arrepende-se dos desejos do coração irado](#)

[Assumindo sua culpa e recebendo a graça de Deus](#)

[Papai Rei ou Papai Servo?](#)

[Arrependimento de Jack e Jill](#)

[5. Mudando nosso comportamento raivoso: revelação pecaminosa](#)

[Exemplos bíblicos de raiva revelada](#)

[Preceitos bíblicos contra a raiva revelada](#)

[Observações sobre a raiva de Provérbios](#)

[Estratégias práticas e passos para a mudança](#)

[6. Mudando nosso comportamento raivoso: esconder o pecado](#)

[Três Passagens Bíblicas Chave](#)

[Estratégias práticas e passos para a mudança](#)

[7. Raiva contra Deus](#)

[Sua situação](#)

[É errado ficar com raiva de Deus](#)

[É correto expressar suas perguntas a Deus com fé no coração](#)

A Agenda de Deus no Sofrimento

Não raiva, mas oração humilde e submissa

8. Raiva contra você mesmo

9. Ajudar os outros a lidar com a raiva

10. Por que você deve lidar com sua raiva pecaminosa

Stuart: Mudando sem Deus?

Resumo

Apêndice A: Desenvolvimento de Amostras e Atribuições de Aplicação

Apêndice B: Reconsiderando Dois Textos sobre “Ira”: Efésios 4:26 e Hebreus 12:15

Efésios 4:26: Mandamento ou Concessão?

Hebreus 12:15 e a raiz da amargura

Notas

Índice das Escrituras

Sobre o autor

DESENRAIZAMENTO
RAIVA

**AJUDA BÍBLICA PARA UM PROBLEMA
COMUM**

ROBERTO D. JONES


P U B L I S H I N G
P.O. BOX 817 • PHILLIPSBURG • NEW JERSEY 08865-0817

© 2005 por Robert D. Jones

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio - eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro - exceto por breves citações para fins de revisão ou comentário, sem o permissão prévia do editor, P&R Publishing Company, PO Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

As tarefas de casa do apêndice A podem ser fotocopiadas sob as seguintes condições: (1) você comprou uma cópia deste livro, (2) você usa essas tarefas fotocopiadas com seus aconselhados e (3) você não cobra mais do que o custo da fotocópia .

Salvo indicação em contrário, todas as citações das Escrituras são da BÍBLIA SAGRADA, NOVA VERSÃO INTERNACIONAL®. NIV®. Copyright © 1973, 1978, 1984 pela International Bible Society. Usado com permissão da Zondervan Publishing House. Todos os direitos reservados.

Itálicos dentro das citações das Escrituras indicam ênfase adicionada.

Design de página e composição tipográfica por Lakeside Design Plus
Impresso nos Estados Unidos da América

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Jones, Robert D., 1959—

Desarraigando a raiva: ajuda bíblica para um problema comum / Robert D. Jones.
pág. cm.

Inclui referências bibliográficas e índice.

ISBN-10: 1-59638-005-5 (pbk.)

ISBN-13: 978-19638-005-9 (pbk.)

1. Raiva—Aspectos religiosos—Cristianismo. 2. Raiva – ensino bíblico. I. Título.

BV4627.A5J67 2005

2005049438

CONTEÚDO

Agradecimentos 7

Introdução 9

1. O que é raiva? 13

2. Sua raiva é realmente justa? 27

3. Chegando ao coração da raiva 45

4. Arrependimento: O caminho para desenraizar a raiva do coração 61

5. Mudando Nosso Comportamento Irritado: Revelação Pecaminosa 77

6. Mudando Nosso Comportamento Irritado: Ocultação Pecaminosa 95

7. Raiva contra Deus 113

8. Raiva contra você mesmo 129

9. Ajudando os outros a lidar com sua raiva 139

10. Por que você deve lidar com sua raiva pecaminosa 153

Apêndice A: Desenvolvimento de amostras e designações de aplicativos 169

Apêndice B: Reconsiderando Dois Textos sobre “Ira”:

Eféios 4:26 e Hebreus 12:15 181

Notas 189

Índice das Escrituras 201

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos podem ser lidos como genealogias do Antigo Testamento: se você não estiver listado, pode pular para algo mais emocionante. Mas meus agradecimentos, assim como as genealogias do Antigo Testamento, têm uma função importante: eles nos lembram de pessoas reais que Deus conhece e usa.

Agradeço a Deus pela querida congregação da igreja que servi de 1985 até o verão de 2004, antes de me mudar para ensinar aconselhamento bíblico no Southeastern Baptist Theological Seminary. A Grace Fellowship Church, de Hurricane, West Virginia, e meus ex-presbíteros, Gerald, Fred, Dave, Allen e Danny, forneceram a seu pastor sênior oportunidades contínuas de estudar, ministrar e escrever ao longo de nossos dezoito anos juntos. Este livro surgiu inicialmente de uma série de sermões sobre a raiva, e duvido que algum dia vá esquecer o corpo para o qual eles foram preparados.

Por quase tantos anos, por meio de seus escritos, palestras e discussões particulares, o corpo docente da Fundação Educacional e de Aconselhamento Cristão em Glenside, Pensilvânia, estimulou meu pensamento bíblico. As palestras, escritos e conselhos capítulo por capítulo de David Powlison e a supervisão de meu projeto de doutorado anterior foram inestimáveis. Obrigado, David, Paul Tripp, Ed Welch e John Bettler, por me ensinarem como erradicar a raiva pecaminosa de minha vida. Minha esposa também agradece por ter dado a ela um marido melhor do que eu era antes de te conhecer.

Muitos de nós, pastores e professores, apreciamos o compromisso de longa data da P&R com o aconselhamento bíblico; Tenho o privilégio de juntar-me a eles para acrescentar outra oferta ao crescente corpo de literatura prática centrada em Cristo do nosso movimento. Obrigado, Al Fisher, por abrir esta porta, e Tara Davis, por gerenciar o projeto, e a mim, com habilidade e graça.

Versões anteriores de dois capítulos apareceram pela primeira vez em forma de livreto. Obrigado, Sue Lutz do CCEF, por seus toques editoriais e por me encorajar a continuar escrevendo.

Este livro não surgiu em isolamento intelectual. Sou grato às muitas dezenas de pastores, membros da igreja e aconselhados que interagiram comigo sobre o assunto da raiva e me deram a oportunidade de aconselhá-los e ensiná-los. Confiar suas vidas a mim me levou a pesquisar as Escrituras para trazer Cristo para suas

lutas. Nas páginas a seguir, seus nomes e detalhes de identificação foram alterados para proteger os que ainda não foram glorificados. Minha esposa, Lauren — minha amante e melhor amiga por mais de vinte e dois anos — me ajudou de todas as maneiras mencionadas acima e muitas outras. Junto com nossos filhos, Tim e Dan, ela lidou graciosamente com minhas demonstrações de raiva e suportou pacientemente minhas longas horas no laptop. Ao longo dos anos, as verdades contidas neste livro nos ajudaram a aprender juntos como resolver conflitos no casamento e nos arrepender da raiva em nossa vida familiar.

INTRODUÇÃO

Vovó Kresge estava certa. Não admiti na época; a teimosia adolescente se recusou a fazê-lo. Mas, como adulto, agora admito. “Bobby”, disse ela, “você precisa arrancar as ervas daninhas pela raiz ou elas simplesmente crescerão de novo”. Infelizmente, a vovó estava certa. Campos de dente-de-leão para sempre.

Anos depois, recém-casado, lembrei-me das palavras da vovó. Nosso vizinho aposentado, que na minha opinião tinha muito tempo disponível, mantinha um gramado bem cuidado. Embora nunca tenha conhecido minha avó, ele sabia a verdade que ela pregava: pegue as raízes, ou as ervas daninhas voltarão. Todos os dias ele desenraizava aqueles dentes-de-leão intrusos. O resultado foi um quintal livre de ervas daninhas.

O que essas reflexões sobre cuidar do gramado têm a ver com a raiva? Simples: você deve arrancar sua raiva pecaminosa, ou suas ervas daninhas retornarão. Não haverá mudança piedosa completa e duradoura sem a remoção da raiz. Esforços moralistas para ser paciente com seus colegas de trabalho não serão suficientes. Resoluções cheias de arrependimento para parar de gritar com seus filhos não vão durar. Você deve arrancar essas raízes raivosas.

A BÍBLIA E NOSSO PROBLEMA DE RAIVA

Erradicar a raiva pecaminosa é uma meta realista? Isso pode acontecer? A resposta de Deus na Bíblia é “Sim!” Este livro é sobre O Livro, a Bíblia e o que ela nos ensina sobre a raiva.

Em certo sentido, a Bíblia é toda sobre raiva. Considere os patriarcas em Gênesis ou os israelitas peregrinando em Êxodo. Observe a dinâmica relacional em Juízes e Samuel e Reis. Entre nas lutas dos salmistas. Preste atenção à sabedoria e advertências de Provérbios. Sinta a paixão dos profetas. Ouça nosso Senhor nos evangelhos. Veja a fúria real do rei Herodes explodir. Veja a interação entre Jesus e os líderes judeus. Ouça o apóstolo Paulo aconselhar suas congregações. Humilhe-se diante das repreensões penetrantes de Pedro e Tiago. De capa a capa, em narrativa e preceito, a Bíblia é um livro sobre raiva.

Embora essa realidade nos deixe sóbrios, ela também gera esperança. Por que? Porque este livro sobre raiva dá respostas para essa raiva! A Escritura gera esperança para pessoas iradas como nós. Esta é uma boa notícia porque, como conselheiros experientes sabem, quase todos os conflitos relacionais envolvem questões de raiva. A Palavra de Deus nos dá tudo o que precisamos

para lidar com esse problema universal. “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, repreender, corrigir e instruir na justiça” (2 Timóteo 3:16). “Seu divino poder nos deu tudo o que precisamos para a vida e a piedade, por meio do conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e bondade” (2 Pedro 1:3).

O PLANO DESTE LIVRO

Este livro foi escrito para o leitor comum que reconhece que a raiva é um problema muito frequente em sua vida e um problema muito comum em sua família, trabalho e relacionamentos na igreja. Minha própria experiência certamente confirma isso; as ilustrações que compartilharei de minha própria vida e ministério confirmam o lugar comum que a raiva ocupa em nossas vidas.

Além disso, este livro fornece a pastores, conselheiros e outros ajudantes de pessoas um recurso prático centrado em Cristo para guiá-los em seus ministérios e repassá-los àqueles a quem servem. Quer esses ministérios envolvam pregação/ensino público ou discipulado/aconselhamento privado – o duplo ministério da Palavra em Atos 20:20 – este livro tem como objetivo fornecer aconselhamento bíblico para ajudar pessoas iradas a mudar e crescer. “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17:17).

O capítulo 1 apresenta uma visão geral do ensino bíblico sobre a raiva e define a raiva como um julgamento moral de toda a pessoa contra o mal percebido. O próximo capítulo oferece critérios práticos para distinguir a raiva justa da pecaminosa, ilustrando a distinção com estudos de caso de personagens bíblicos.

O cerne do livro - capítulos 3 e 4 - explora as raízes da raiva pecaminosa e descobre sua causa final para mentir não na situação de uma pessoa, mas em suas crenças e motivos internos. Em seguida, procuramos ajuda prática para erradicar nossa raiva maligna. O próximo par de capítulos apresenta algumas estratégias para lidar com formas reveladas e ocultas de comportamento raivoso.

O capítulo 7 aborda o problema da raiva contra Deus, enquanto o capítulo 8 explora a raiva de si mesmo. Frequentemente encontro ambos em meu ministério de aconselhamento. O primeiro é mais comum do que podemos admitir e muitas vezes é indefinido; o último é frequentemente diagnosticado erroneamente como a necessidade de “perdoar a si mesmo”.

O capítulo 9 descreve uma estratégia de ministério em três etapas que aborda a situação, o coração e o comportamento da pessoa. Embora cada leitor possa aplicá-los à sua própria vida, este capítulo

nos ajuda especialmente a ministrar com mais sabedoria e compaixão a nossos amigos e familiares. Em primeiro lugar, devemos desenvolver uma relação de cuidado e procurar compreender tanto a pessoa como a sua situação. Em segundo lugar, devemos ajudá-lo a reconhecer e erradicar a causa de sua ira pecaminosa por meio da mudança de suas crenças e motivações. Terceiro, devemos ajudá-lo a controlar e corrigir sua expressão de raiva pecaminosa por meio da mudança de palavras e ações.

O capítulo final procura motivar-nos a uma mudança piedosa com base nas advertências e promessas de Deus. Os leitores descobrirão que a meditação sobre as três razões positivas e as três negativas que as acompanham ajudarão em sua agenda de desenraizamento. Os apêndices examinam dois textos mal-entendidos sobre “ira”, Efésios 4:26 e Hebreus 12:15, e fornecem tarefas práticas de crescimento para ajudar você e outras pessoas a aplicar as verdades do livro.

Se você tende a ferver ou explodir, se implode ou explode, há ajuda bíblica para você. Jesus morreu e ressuscitou para ajudá-lo a erradicar a raiva ímpia.

O QUE É RAIVA?

A O dedo é um problema universal, prevalente em todas as culturas, vivenciado por todas as gerações. Ninguém está isolado de sua presença ou imune a seu veneno. Ele permeia cada pessoa e estraga nossos relacionamentos mais íntimos. A raiva é uma parte do nosso tecido humano caído.

Infelizmente, isso é verdade até mesmo em nossos lares e igrejas cristãs. O crente em Cristo não está isento de raiva. Suas palavras e gestos o traem. Ele luta com seus remanescentes internos, percebendo a tarefa atribuída por 1 Pedro 2:11, “abster-se de desejos pecaminosos, que lutam contra sua alma”, e atendendo ao chamado de Efésios 4:31, para “livrar-se de toda amargura, raiva e raiva, brigas e calúnias, junto com toda forma de malícia.” Ele batalha diariamente.

Jack tornou-se cristão aos dezessete anos e conheceu Jill aos vinte e quatro. Em seus onze anos de casamento, Deus os abençoou com um emprego estável, um lar confortável e dois filhos saudáveis. De muitas maneiras, eles estão vivendo o sonho da classe média americana. Eles são membros ativos de sua igreja local e servem a Cristo todas as semanas como professores da escola dominical.

No entanto, sob esse verniz de sucesso, esconde-se uma dinâmica relacional de raiva de longa data. Um grande realizador e trabalhador, Jack leva a si mesmo e sua família para um desempenho de acordo com seus padrões. E quando ele não obtém os resultados que deseja - o afeto de Jill, a aprovação de seu supervisor, a obediência de sua filha - Jack explode.

Jill também tem um problema de raiva, embora raramente entre em erupção. Por dentro, ela se ressentida de Jack pelas exigências que ele faz a ela e às filhas. Às vezes ela até se sente traída por Deus. *Por que você me deixou casar com ele?* ela murmura para Deus. *Eu nunca soube que acabaria assim.* Ela ressoa com aquela esposa frustrada que uma vez brincou: “Quando me casei, estava procurando muito, mas descobri que era uma provação e agora quero um novo negócio”.

Você vê a dinâmica? Você pode se relacionar com isso? Jill reage às explosões de Jack se retirando; Jack reage à sua retirada explodindo. Eles alimentam a raiva um do outro e, para estender a metáfora, digerem-na de bom grado e respondem na mesma moeda. Ambos atacam e defendem. Ambos recuam e chafurdam.

Ambos se sentem justificados. Enquanto isso, seu abismo relacional aumenta, seus filhos inalam seu fumo passivo e Deus é desonrado. Voltaremos a Jack e Jill em um capítulo posterior.

A raiva é mais fácil de descrever do que definir. Nem sempre podemos dissecá-lo, mas o reconhecemos quando o vemos nos outros ou o sentimos subindo em nossas próprias veias. O protesto do nosso amigo, “Irritado? Não, não estou com raiva”, raramente nos engana, assim como nossas negações não cobrem nossas expressões de raiva. Você e eu, e Jack e Jill, estamos mais zangados do que gostaríamos de admitir.

Então, o que é raiva? Embora a Bíblia não apresente uma definição formal, ela repetidamente retrata pessoas iradas. Ele usa uma ampla variedade de termos que dão sabor ao nosso entendimento. As Escrituras descrevem graficamente as muitas formas de raiva, nos advertem contra a raiva pecaminosa e prescrevem maneiras sábias de erradicá-la.

UMA DEFINIÇÃO FUNCIONAL DE “RAIVA”

Vamos começar com uma definição prática de “raiva”, uma definição que reúne os dados bíblicos em categorias fáceis de usar.

NOSSA RAIVA É NOSSA RESPOSTA ATIVA E PESSOAL DE JULGAMENTO MORAL NEGATIVO CONTRA O MAL PERCEBIDO.

Essa definição incorpora várias ideias-chave.

1. Nossa raiva é uma **resposta ativa**. É uma ação, uma atividade. A raiva é algo que *fazemos*, não algo que *temos*. Não é uma coisa, um fluido ou uma força. A Bíblia retrata pessoas que sentem raiva, não têm raiva.

2. Nossa raiva é uma resposta ativa **de toda a pessoa**. Envolve todo o nosso ser e envolve toda a nossa pessoa. Devemos resistir a várias distinções compartimentalizadas que emergem da psicologia pop, e não das Escrituras. Muita literatura popular rotula a raiva simplesmente como uma “emoção”. ¹ Enquanto isso, os teóricos cognitivos enfatizam os sistemas de crenças e os behavioristas se concentram nas reações raivosas.

A Palavra de Deus, é claro, reconhece e aborda os muitos aspectos emocionais, cognitivos, volitivos e comportamentais da raiva. A raiva nas Escrituras transmite emoção, abrangendo o espectro da raiva ardente à rejeição azul-gelo. Mas sempre envolve crenças e

motivos, percepções e desejos. E a Bíblia descreve isso em termos comportamentais que são ricos e gráficos.

No entanto, a Bíblia não divide a torta em categorias analíticas puras. A raiva é mais do que mera emoção, volição, cognição ou comportamento. A Escritura resiste a esquemas simplistas. A raiva é complexa. Compreende a pessoa como um todo e abrange todo o nosso pacote de crenças, sentimentos, ações e desejos.

3. Nossa raiva é uma **resposta contra** algo. Não surge no vácuo ou aparece espontaneamente. A raiva reage contra alguma provocação. Tal provocação, é claro, não deve ser vista como uma causa (“Ele me *deixou* com raiva.” “Eu estava com raiva *porque* meu carro quebrou.”). Como veremos no capítulo 3, o núcleo causal da raiva está em nossos corações ativos. Mas nossos corações ativos estão sempre respondendo às pessoas e eventos da vida diária.

4. Nossa raiva, em essência, envolve um **juízo moral negativo** que fazemos. Ela surge de nosso senso judicial e funciona sob a dinâmica mais ampla do julgamento. Nesse sentido, podemos chamar a raiva de “emoção *moral*”.² A raiva protesta: “O que você fez foi *errado*!” Ele declara: “Essa ação é *injusta*!” Ele implora: “Isso *deve* parar!” A raiva se opõe aos erros cometidos.

Nós o chamamos de julgamento moral “negativo” não porque é sempre pecaminoso, mas porque se *opõe* ao mal percebido. Nossa raiva nos posiciona contra o que determinamos ser o mal. Lança votos mentais negativos contra ações injustas. Ele determina que todos os infratores devem mudar, ser punidos ou removidos. Emite veredictos de pena de morte mental contra os culpados. Não é de admirar que Jesus tenha ensinado que a ira é o equivalente moral do assassinato: “Vocês ouviram o que foi dito ao povo há muito tempo: ‘Não matem, e quem matar estará sujeito a julgamento.’ Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento” (Mateus 5:21–22). O apóstolo João repete esta verdade: “Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna nele” (1 João 3:15).

Há, porém, outro sentido em que nossa raiva é moral. Fazemo-lo diante da face de Deus, *coram Deo*, diante daquele que contempla o mais profundo do nosso ser.³ Seus olhos perfuram e penetram nossas crenças e motivações interiores. E o Deus que vê com mais certeza julga cada aspecto de nossa atividade de raiva (Prov. 5:21; 15:3; 16:2; Jer. 17:9–10; Heb. 4:12–13).

5. Nossa raiva envolve um julgamento contra o mal **percebido**. Nosso julgamento moral surge de nossa percepção pessoal. Na raiva, percebemos alguma ação, objeto, situação ou pessoa como má ou injusta. Jack e Jill veem coisas um no outro das quais não gostam e se opõem.

Nossas percepções, é claro, podem ser precisas ou imprecisas. Podemos avaliar as ações da outra pessoa de maneira correta ou incorreta. Para complicar ainda mais as coisas, nossas respostas às nossas percepções podem ser piedosas ou ímpias. De qualquer forma, nossa raiva surge de nosso sistema de valores. Expressa nossas crenças e motivações. Quando um tirano mata um cidadão inocente, percebemos que esse ato é injusto e reagimos com raiva. Quando o estado executa um serial killer implacável cujo mal está além de qualquer dúvida razoável, reagimos com aprovação.

Um teólogo resume a evidência bíblica da raiva como julgamento: “A raiva humana geralmente é dirigida contra outros homens. A razão para a raiva humana pode ser que alguém tenha sido tratado injustamente. . . , que se vê como outros homens são explorados . . . , ou que o próximo manifeste desobediência ou descrença em Deus.” [4](#)

Um benefício de nossa definição de trabalho é que ela nos permite eliminar algumas cortinas de fumaça comuns que podemos oferecer. “Não estou zangado”, protestamos sem jeito. “Estou apenas frustrado (ou incomodado ou chateado).” Mas o que as duas palavras diferentes podem conotar torna-se irrelevante quando vemos que ambas são reações a alguma injustiça ou injustiça percebida. Podemos discutir sobre distinções sutis entre palavras como “raiva” e “frustração”, mas o ponto principal é que estou reagindo ao que você fez de errado comigo.

Nossa definição prática de “raiva” se alinha com as descrições de vários pensadores sábios. O pastor puritano Richard Baxter descreveu a raiva como “o surgimento no coração em um deslocamento apaixonado contra um mal apreendido, que nos atrapalharia ou nos impediria de algum bem desejado”. [5](#) Observe vários componentes-chave na definição de Baxter. A raiva vem de dentro, do “coração”. Inclui uma resposta emocional negativa, um “deslocamento apaixonado”. A raiva se opõe ao mal como o percebemos, “um mal apreendido”. E consideramos essa pessoa ou situação como má porque interfere no que queremos. Isso “nos atrapalharia ou nos impediria de algum bem desejado”. A raiva vem quando as circunstâncias ou pessoas frustram nossos desejos.

Outro pastor contemporâneo oferece uma definição comparável: a raiva é “um descontentamento ardente do coração ou da alma que é experimentado em resposta a algo que você percebe estar errado e que exige justa retribuição ou retribuição”. [6](#) Mais uma vez, a raiva inclui a experiência emocional de “desprazer intenso”. Surge de uma percepção fundamental de algo como errado. E convida a um desejo volitivo de retribuir.

CATEGORIAS BÍBLICAS DE RAIVA

Como nossa definição se encaixa nas várias formas de raiva nas Escrituras? Podemos classificar a raiva biblicamente em três categorias: *raiva divina*, *raiva humana justa* e *raiva humana pecaminosa*.

Vamos começar com a *ira divina*, um assunto que surpreende muitos leitores novatos da Bíblia. Estatisticamente, a grande maioria das referências bíblicas à raiva são sobre Deus. Um proeminente estudioso da Bíblia observa que apenas vinte palavras hebraicas diferentes se referem à indignação de Deus contra o mal.^z Todas as quatorze ocorrências do verbo hebraico mais frequente (*anaph*) e 181 das 229 ocorrências do substantivo relacionado (*af*) referem-se à ira de Deus. Quando acrescentamos o restante do vocabulário do Antigo e do Novo Testamento, descobrimos várias centenas de referências à ira de Deus na Bíblia. Em certo sentido, Deus é tanto a pessoa mais amorosa quanto a mais irada do nosso planeta.

Como é a ira de Deus? Aqui nossa definição nos serve bem. A ira de Deus é uma resposta de toda a pessoa envolvendo sua mente, vontade, afeições e ações. Por exemplo, os termos hebraicos mencionados acima às vezes são traduzidos como “nariz”, “narinas” e “rosto” em referência às respostas iradas de Deus. Esses antropomorfismos bíblicos — descrições de Deus em formas humanas — adicionam cor e calor à nossa compreensão da ira de Deus. Considere estes textos que ligam a raiva à emoção:

Pelo sopro de suas narinas as águas se amontoaram. As águas turbulentas permaneceram firmes como uma parede; as águas profundas congelaram no coração do mar. (Ex. 15:8)

Ao sopro de Deus, eles são destruídos; na explosão de sua ira eles perecem. (Jó 4:9)

A terra tremeu e estremeceu, e os fundamentos das montanhas tremeram; eles tremeram porque ele estava com raiva. Fumaça subiu de suas narinas; fogo consumidor saiu de sua boca, brasas ardentes saíram dela. . . . Os vales do mar foram descobertos e os fundamentos da terra expostos à tua repreensão, ó Senhor, ao sopro de tuas narinas. (Salmos 18:7–8, 15)

A raiva nas Escrituras — de Deus ou nossa — normalmente irradia emoção. A raiva é “quente”; muitas vezes “queima”.

Contra o que, ou contra quem, Deus fica irado? Usando nossa definição, a ira de Deus é sua resposta ativa de toda a pessoa de julgamento moral negativo contra o mal percebido. Simplificando, Deus está zangado com os pecadores e seus pecados. Ele mantém a ira justa contra todas as formas de maldade. A ira de Deus é sua oposição perfeita, pura e estabelecida ao mal. É sua santa aversão a tudo que viola seu caráter ou falha em sua vontade. Certamente alguém fica maravilhado com representações gráficas como estas:

Quando eu afiar minha espada flamejante e minha mão a agarrar em julgamento, me vingarei de meus adversários e retribuirei aqueles que me odeiam. (Deuteronômio 32:41)

Aquele que está entronizado no céu ri; o Senhor zomba deles. Então ele os repreende em sua ira e os aterroriza em sua cólera. . . . (Salmos 2:4–5)

Deus é um juiz justo, um Deus que expressa sua ira todos os dias. (Sl 7:11)

O Novo Testamento também não apresenta um Deus mais bondoso e gentil:

Quem crê no Filho tem a vida eterna, mas quem rejeita o Filho não verá a vida, pois a ira de Deus permanece sobre ele. (João 3:36)

A ira de Deus está sendo revelada do céu contra toda a impiedade e maldade dos homens que suprimem a verdade por sua maldade. . . . (Rom. 1:18; cf. 2:5–9, 16)

Além disso, a ira de Deus flui de sua justiça. Ela surge do julgamento moral negativo de Deus contra o mal percebido e, ao contrário de nós, ele sempre percebe o mal com total precisão.

Por exemplo, Números 25:11 aclama Finéias como aquele que “desviou a ira [de Deus]” de Israel por seu ato ousado de lançar um casal imoral. A justa ira de Deus pairou sobre seu povo por causa de seu pecado. A ira de Deus reflete sua percepção precisa do mal, seu santo ódio por ele e sua determinação de erradicá-lo; ou, aqui, aceitar expiação por isso (cf. Rom. 3:21–26).

Em segundo lugar, as Escrituras falam da *justa ira humana*. Aqui podemos incluir a ira de Jesus, embora como Deus-Homem ele faça a ponte entre as duas categorias. Vemos isso, por exemplo, na descrição do Salmo 2:12 do Filho messiânico: “Beije o Filho, para que ele não se irrite e você seja destruído no seu caminho, pois a ira dele pode explodir em um momento. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam”. Vemos a conexão aqui entre raiva e julgamento divino. A fúria do Messias surge contra os rebeldes perversos e os castiga.

A justa ira humana imita a ira de Deus. É a nossa resposta negativa ao mal que percebemos com precisão como sendo o mal. Em Êxodo 32:19–20, Moisés reproduziu a mesma ira ardente contra os israelitas que Deus havia revelado contra eles anteriormente (32:9–10) e revelaria contra eles mais tarde no mesmo capítulo (32:33–35). Exploraremos a ira de nosso Senhor Jesus e algumas exhibições adicionais da justa ira humana em nosso próximo capítulo.

Uma terceira categoria de raiva — o foco deste livro — é a *raiva humana pecaminosa*. Como sugere uma pesquisa bíblica, quase toda raiva humana é pecaminosa.⁸ Passagens como Tiago 1:13–15 e 3:13–4:12 revelam as sutilezas de nossos desejos malignos e enganosos. Uma avaliação honesta de nossa vida e ministério verifica quão raramente a raiva humana é justa.

Você se lembra da nossa definição? A raiva é a nossa resposta ativa de julgamento moral negativo contra o mal percebido. Essa abordagem nos ajuda a identificar as maneiras específicas pelas quais nossa raiva pode ser pecaminosa.

Por exemplo, em alguns casos nossas percepções estão erradas. Somos cegos para o que é verdadeiramente pecaminoso. Mentiras enganosas ou concupiscências egocêntricas nos governam. Talvez a ignorância ou a impulsividade distorçam nossas perspectivas. Nossos julgamentos são tortos. Impugnamos os motivos de outras pessoas. Em outros casos, nossas respostas são ímpias. Eles violam a vontade de Deus em sua forma, grau ou tempo. Examinaremos esses insights no capítulo 3 e nos capítulos subsequentes.

VISITANDO A GALERIA DE IMAGENS DA BÍBLIA

Vamos caminhar pelo corredor de nossa Bíblia e espiar algumas salas raivosas para ver como os personagens da Bíblia demonstram nossa definição. Veremos como o traço comum do julgamento conduz todos os casos.

No primeiro caso registrado de raiva, Caim ficou bravo com Deus porque presumiu que Deus era injusto (Gn 4:5). Ele *queria que* Deus aceitasse seu sacrifício em seus termos e acreditava que *Deus* deveria fazê-lo. A raiva sempre começa no coração, com desejos malignos e crenças erradas – luxúrias e mentiras.

Os patriarcas do Antigo Testamento fornecem muitos exemplos. A raiva de Esaú com o enganador Jacó em Gênesis 27 segue o padrão que já vimos. Tendo descoberto a dupla traição de seu irmão de roubar seu direito de primogenitura e agora sua bênção, Esaú guardou rancor e planejou seu assassinato. Com razão, Rebekah o descreveu como furioso e zangado.

Às vezes, a raiva inflama palavras pontiagudas. Com ciúmes da fertilidade de Lia, Raquel implorou desesperadamente a Jacó por filhos em Gênesis 30:1–2. Jacó respondeu com raiva à sua irritação com uma severa repreensão: “Estou eu no lugar de Deus, que te impediu de ter filhos?”

Mais frequentemente nas Escrituras, a raiva traz explosões violentas ou ações punitivas, como na ira de Potifar contra José em Gênesis 39. Tendo percebido - embora de forma imprecisa - o erro de José, ele explodiu em uma raiva ardente e começou a prendê-lo. Ironicamente, em Gênesis 44, Judá implorou a esse mesmo José — cuja identidade ainda era desconhecida para Judá — que não ficasse zangado com ele e seus irmãos. Judá temia com razão o poder deste agora exaltado José de aprisioná-los, escravizá-los ou matá-los por sua conduta aparentemente ilegal.

Ou considere Moisés. Provocado pela rápida e idólatra decadência do povo, “sua cólera se acendeu e ele jogou fora as tábuas de suas mãos” (Êxodo 32:19). Linguagem semelhante marca Jacó (Gn 30:2; 31:36), Balaão (Nm 22:27), Balaque (Nm 24:10), Saul (1 Sm 18:8; 20:30), Davi (2 Sm. 6:8; 12:5), Jonas (Jonas 4:1) e outros. Em cada caso, a pessoa com raiva percebe que alguém está errado e reage com vários sentimentos e comportamentos negativos.

Em 2 Crônicas 25:5–13, o rei Amazias de Judá imprudentemente contratou cem mil soldados israelitas e, em seguida, por ordem de Deus, os dispensou antes que eles vissem uma ação militar. As tropas responderam com grande raiva a esse suposto maltrato - uma percepção imprecisa porque era Deus quem estava por trás de sua demissão. Como um empregado desleixado “enlouquecendo” ou se vingando dos filhos do chefe, eles invadiram muitas cidades da Judéia e mataram três mil ocupantes. Da mesma forma, Eliú reagiu com raiva contra Jó por sua aparente autojustificação e contra os amigos de Jó por condenar, mas não refutar Jó (Jó 32:1–5). Eliú, por sua vez, dirigiu-se a todos com veementes reprovações. Traçar outro termo hebraico frequente (*hemah*) através do livro de Ester é especialmente instrutivo, uma vez que julgar — às vezes justo, às vezes injusto — é a base de cada ocorrência. O rei Xerxes enfureceu-se quando sua rainha independente, Vashti, ignorou sua convocação para comparecer à festa (Est. 1:12; 2:1). Ele considerou suas ações como um insulto pessoal. Em seguida, seu perverso oficial Hamã “queimou” contra Mardoqueu, o judeu, e planejou sua destruição (3:5; 5:9). Finalmente, com ironia clássica, o juiz Haman passa a ser ele mesmo julgado. O rei se enfurece contra Hamã e o executa na mesma força que Hamã havia construído para Mordecai (7:7, 10). A vida de Hamã é um trágico testemunho da verdade de que homens violentos “espreitam o seu próprio sangue; eles atacam apenas a si mesmos!” (Pv 1:18).

Derivado de uma raiz semítica para tempestade ou chuva violenta, outro termo hebraico (*za'aph*) muitas vezes carrega a ideia de raiva ou raiva despertada. Com patética ironia, o sábio escritor observou que “a própria estultícia do homem arruína a sua vida, mas o seu coração se revolta contra o Senhor” (Provérbios 19:3), enquanto 2 Crônicas descreve a ira pecaminosa de Asa (2 Crônicas 16: 10) e Uzias (26:19), e a justa ira de Deus (28:9). Cada um desses indivíduos raivosos respondeu ao mal percebido ou à injustiça.

Além desses termos hebraicos, o livro de Daniel usa um par de termos aramaicos para “ira” que transmitem julgamento. O rei Nabucodonosor está zangado com seus supostos sábios por sua incapacidade de interpretar seu sonho (Dan. 2:12). Mais tarde, ele reage com fúria contra os três jovens hebreus que se recusam a adorar a imagem idólatra que ele ergueu (3:13, 19).

O que encontramos em todos esses textos do Antigo Testamento? Pessoas com raiva respondem com todo o seu ser - seus pensamentos, emoções, afetos, palavras, ações, etc. - a pessoas que percebem como erradas ou prejudiciais aos seus próprios interesses. Essas reações são frequentemente reações quentes. Frequentemente - sempre com Deus e às vezes com humanos - essa percepção e a resposta que a acompanha são justas e garantidas. Em outros casos - nunca com Deus e geralmente com humanos - eles não são. A raiva resultante é pecaminosa.

Encontramos as mesmas realidades no Novo Testamento. Os três grupos de palavras para “raiva” refletem em grande parte a ira divina ou a ira humana pecaminosa, com pouca tolerância para a ira justa.

[9](#) Embora muitos apareçam como mandamentos ou proibições (por exemplo, Gálatas 5:20; Efésios 4:31; Colossenses 3:8; 1 Timóteo 2:8; Tiago 1:19–20), várias passagens narrativas retratam pessoas com raiva.

Levado a eliminar toda a competição, o rei Herodes ficou furioso em sua busca pelo bebê nascido para ser rei (Mt 2:16). Os adoradores da sinagoga se voltaram contra Jesus com raiva e tentaram matá-lo depois que ele os lembrou de que a graça de Deus se estende aos gentios e não apenas aos judeus (Lucas 4:28), enquanto um líder da sinagoga ficou indignado com Jesus quando Jesus violou seu senso de propriedade religiosa ao curando uma mulher aleijada no sábado (Lucas 13:14). Os líderes judeus responderam da mesma forma quando viram Jesus curando pessoas e ouviram crianças gritando: “Hosana ao Filho de Davi” (Mateus 21:15). Os discípulos de Cristo expressaram raiva pelo pedido de Tiago e João por um assento especial em seu reino (Mateus 20:24; Marcos 10:41).

Os evangelhos e Atos fornecem mais exemplos de pessoas da vida real reagindo com raiva com base em seus julgamentos morais negativos contra o mal percebido.

Para completar nossa compreensão geral da raiva, vamos avaliar alguns esforços populares para classificar a raiva em três categorias distintas com base nos três grupos de palavras do Novo Testamento para “raiva”. Alguns psicólogos cristãos, em sua tentativa de “integrar” a Bíblia com sua abordagem psicológica particular, postulam um esquema tripartido de raiva, ressentimento e indignação, baseado particularmente nas supostas distinções entre as palavras gregas. [10](#) Ajudar as pessoas a entender seu tipo ou forma de raiva faz parte do plano de tratamento desses psicólogos. Como devemos avaliar esta tríplice categorização? Embora muitos estudiosos cuidadosos do Novo Testamento admitam que “uma ligeira mudança de ênfase” às vezes pode ser vista entre esses grupos de palavras, [11](#) eles concluem que não há “nenhuma diferença

material entre eles” ¹² e que são amplamente sinônimos, aparecendo até mesmo nas mesmas passagens sem distinção (Efésios 4:31; Colossenses 3:8). Quaisquer que sejam as diferenças nuançadas ocasionais que possam existir entre esses grupos de palavras, há pouca justificativa para esse tipo de estrutura de classificação organizada. A Bíblia resiste a tal reducionismo. A amplitude do espectro da raiva humana – sua e minha – desafia categorias simples.

Todas as palavras de raiva da Bíblia, no entanto, nos relatos do Antigo e do Novo Testamento, nos mostram claramente pessoas reais que formam julgamentos morais negativos em face do mal que veem e que respondem a esse erro percebido de maneiras totalmente pessoais - em seus desejos, pensamentos, emoções, palavras, ações e objetivos.

Se nossos julgamentos morais e as reações resultantes são certos ou errados, piedosos ou maus, e como saber a diferença, será o assunto de nosso próximo capítulo.

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Procure em uma concordância os lugares onde as palavras “raiva” (e “irritado”, “irritado”), “ira” e “raiva” aparecem na Bíblia. Leia-os e observe quantas referências pertencem à ira de Deus. E observe a variedade de pessoas e a variedade de comportamentos associados à raiva na Bíblia.
2. Reflita sobre a descrição de raiva de Richard Baxter na página 17 acima. Onde em sua vida você vê as palavras dele definindo você? Preste atenção especial às ocasiões em que algo ou alguém “iria atrapalhar ou atrapalhar [você] algum bem desejado”.
3. Anote um episódio típico de raiva em sua vida. Observe a situação em que sua raiva surgiu, qualquer fator provocador ou desencadeador, o que você queria, mas não estava obtendo (ou não queria, mas estava obtendo) e como sua raiva realmente se parecia.

SUA RAIVA É REALMENTE JUSTA?

S Claro, eu estava com raiva”, declarou Clarence, “mas eu tinha o direito de estar com raiva”. Sua admissão relutante foi rapidamente seguida por uma pergunta retórica, que muitos pastores já ouviram muitas vezes: “Afinal, Jesus Cristo não ficou com raiva?”

Os comentários de Clarence vieram depois de outra discussão intensa com sua esposa, Judy, e seu adolescente difícil de lidar. A raiva doméstica aumentou até que Judy deu o ultimato: "Peça ajuda ou saia!" Cheio de medo, embaraço e frustração, Clarence fez a escolha certa e pediu ajuda ao seu pastor.

O caso de Clarence não é incomum. “Claro, eu estava com raiva, mas era uma raiva justa.” Quantas vezes você já ouviu isso? Quantas vezes você *disse* isso? E o que fazemos com as palavras de Clarence? Ele estava correto? Sua raiva era semelhante à de Cristo? Como você avalia se sua raiva, ou a raiva de seu amigo, é uma raiva justa ou uma raiva pecaminosa? A Bíblia retrata ambos. Como nós sabemos?

O PERIGO DA AUTO-ILUSÃO

Vamos começar com uma observação humilhante: a maior parte da raiva humana é pecaminosa. O registro bíblico confirma isso. O termo mais frequente do Antigo Testamento para “raiva” (hebraico *aph*) denota a ira humana quarenta e sete vezes. E pelo menos quarenta e dois deles - oitenta e nove por cento - indicam raiva pecaminosa.

Embora tenhamos a tendência de presumir o melhor de nós mesmos, a Bíblia frequentemente adverte contra o autoengano. Tendemos a esconder nossos pecados, cobrindo-os com branqueamento espiritual. Pintamos nossa raiva como pura. A Bíblia sabe melhor:

O coração é enganoso acima de todas as coisas e além da cura. . . . (Jeremias 17:9)

Abandone o seu velho eu, que está sendo corrompido por seus desejos enganosos. . . . (Efésios 4:22)

Vejam, irmãos, que nenhum de vocês tenha um coração pecaminoso e incrédulo que se afaste do Deus vivo. Mas encorajem-se uns aos outros diariamente, enquanto se chamam Hoje, para que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado. (Hb 3:12-13)

Este simples aviso deve colorir qualquer consideração sobre a “justiça” de nossa raiva. Devemos abordar esta questão com uma aguda consciência deste perigo.

O profeta Jonas fornece um caso clássico de autoengano. Jonas 4 registra que “Jonas ficou muito descontente e ficou com raiva”. Duas vezes Deus o confronta com a mesma pergunta: “Você tem o direito de estar com raiva?” A resposta de Jonas? “Eu faço”, disse ele. “Estou com raiva o suficiente para morrer.” O profeta auto-enganado de Deus afirma a legitimidade de sua raiva. A resposta de Deus e o fluxo da narrativa deixam claro que Jonas estava errado. Para Jonas, a raiva não era um direito dado por Deus. Jonas não tinha justificativa para justificar sua ira pecaminosa como justa.

Dado o perigo do autoengano, como podemos distinguir a raiva pecaminosa da raiva justa? Como podemos discernir se nossa raiva é realmente cristã e ajudar os Clarences (e Claras) em nosso mundo? Mais importante, como podemos fazer isso com base em critérios *bíblicos* ?

TRÊS CRITÉRIOS DE RAIVA JUSTA

Vamos considerar três marcas distintivas - três critérios diferenciais - da ira justificada e, então, observar esses critérios em Jesus e em vários outros personagens bíblicos. Nosso objetivo é encorajar a raiva justa e expor suas falsificações frequentes.

1. A raiva justificada reage contra o pecado real

A ira justificada surge de uma percepção precisa do verdadeiro mal, do pecado conforme definido biblicamente, ou seja, como uma violação da Palavra de Deus (Romanos 3:23; 1 João 3:4), qualquer “falta de conformidade ou transgressão de, a lei de Deus”. ¹A raiva justificada não resulta apenas de ser incomodado ou de violações de preferência pessoal ou tradição humana. Ela responde ao pecado conforme definido objetivamente pela Palavra de Deus, incluindo violações de ambos os grandes mandamentos de nosso Senhor (Mateus 22:36-40).

2. A raiva justificada se concentra em Deus e em seu reino, direitos e preocupações, não em mim e em meu reino, direitos e preocupações

Nas Escrituras, os motivos centrados em Deus, e não os motivos egocêntricos, conduzem à ira justa. A raiva justa se concentra em como as pessoas ofendem a Deus e seu nome, não a mim e meu nome. Termina em Deus mais do que em mim. Em outras palavras, ver com precisão algo como ofensivo não é suficiente. Devemos vê-lo principalmente como uma ofensa a Deus.

A raiva justa pulsa com as preocupações do reino.

3. A ira justificada é acompanhada por outras qualidades divinas e se expressa de maneiras piedosas

A raiva justa permanece autocontrolada. Ele mantém a cabeça sem xingar, gritar, se enfurecer ou perder o controle. Nem entra em espiral descendente de autopiedade ou desespero. Ele não ignora as pessoas, despreza as pessoas ou se afasta das pessoas. Em vez disso, a raiva justa traz consigo as qualidades gêmeas de confiança e autocontrole. A raiva cristã não consome tudo e é míope, mas canalizada para fins sóbrios e sinceros. Tensões divinas de luto, conforto, alegria, louvor e ação o equilibram.

Em vez de nos impedir de cumprir o chamado de Deus, a ira justa leva a expressões piedosas de adoração, ministério e obediência. Demonstra preocupação com o bem-estar dos outros. Levanta-se em defesa dos povos oprimidos. Busca justiça para as vítimas. Ele repreende os transgressores. A ira divina confronta o mal e exige arrependimento e restauração.

David Powlison faz sete perguntas para ajudar alguém a avaliar se sua raiva é justa: [2](#) (1) Você fica com raiva das coisas certas? (2) Você expressa sua raiva da maneira certa? (3) Quanto tempo dura sua raiva? (4) Quão controlada é a sua raiva? (5) O que motiva sua raiva? (6) Sua raiva está “preparada e pronta” para responder aos pecados habituais de outra pessoa? (7) Qual é o efeito de sua raiva?

Observe como essas perguntas refletem sabiamente nossos três critérios: A pergunta 1 nos aponta para nosso primeiro critério, raiva contra o pecado real. As perguntas 5 e 6 abordam nosso segundo critério, a raiva centrada em Deus. E as perguntas 2, 3, 4 e 7 exploram vários aspectos de nosso terceiro critério, a raiva expressa de maneira piedosa e acompanhada de frutos piedosos.

A JUSTA IRA DE NOSSO SENHOR

Se os frequentes acessos de raiva de Clarence são de fato “justos como os de Cristo”, então precisamos examinar a raiva de Jesus. O que vemos quando estudamos as Escrituras? Profeticamente, os salmos retratam a vinda de Cristo como um Rei cuja “ira pode explodir em um momento” e que tem “amor[d] a justiça e ódio[d] a maldade” (Sl. 2:12; 45:7; cf. Hb 1:9). Outras passagens do Antigo Testamento retratam o Messias como o Juiz vindouro que resgatará e restaurará seu povo e punirá seus inimigos com terrível vingança. Ao se voltar para os evangelhos, pode-se esperar encontrar uma série de demonstrações de raiva em Jesus. Pronto para uma surpresa? Apesar das noções populares, em apenas alguns casos vemos um Salvador irado. A julgar pelo registro da Bíblia, a raiva era incomum para Jesus, e certamente muito menos do que vemos em

Clarence e em nós mesmos. A raiva crônica simplesmente não caracteriza sua vida. Apesar das provocações diárias dos outros, sua raiva se limitava a ocasiões específicas.

Vamos considerar as três ocasiões claras e específicas à luz de nossos critérios. Embora possa haver exposições adicionais, [3](#) limitaremos nosso estudo às três ocasiões em que a Bíblia usa linguagem explícita de raiva para descrever Jesus.

Anexo 1: Jesus e os fariseus (Marcos 3:1–6)

Em Marcos 3:1–6, Jesus encontra um homem em um sábado que precisa de cura. Por causa de suas noções erradas sobre o sábado, os fariseus se opõem à intenção de nosso Senhor de curá-lo. Como nosso Senhor respondeu? “Ele olhou para eles com raiva e, profundamente angustiado com seus corações obstinados, disse ao homem: ‘Estenda a mão’. Ele a estendeu, e sua mão foi completamente restaurada” (v. 5).

Considere nossos critérios para raiva justificada. Jesus percebeu com precisão o pecado dos fariseus - seus corações duros exibidos em seu olhar crítico em relação a ele, sua recusa em responder à sua pergunta penetrante e sua trama assassina. Além disso, eles careciam de misericórdia e compaixão pelo homem sofredor. Claramente, a ira de Cristo é uma reação contra o pecado real deles (critério #1).

No entanto, essa reação foi mais do que uma resposta a uma ofensa pessoal. O pecado dos fariseus se opôs e impediu a *missão de Jesus* como o Messias designado por Deus. No fluxo da narrativa de Marcos, o ministério de cura de Jesus atestou seu chamado messiânico (2:12), e sua escolha deliberada do dia de sábado destacou seu senhorio sobre ele (2:27-28). Desprezar e se opor à obra de cura de Jesus é desprezar e se opor ao avanço do plano redentor de Deus, interromper seu programa messiânico e prolongar o domínio de Satanás. A ira de nosso Senhor estava intimamente ligada a Deus e seu reino, direitos e preocupações (critério #2).

Como a ira de Jesus se manifestou? Com perfeito autocontrole. Ele manteve sua cabeça, sem extravasar raiva ou perder o controle. Nem essa raiva justa o imobilizou ou impediu seu trabalho de cura. Ele permaneceu sóbrio e ousado em ministrar ao aleijado. Nosso Senhor não suspendeu a tarefa que lhe foi dada por Deus enquanto ia “resfriar-se”. Ele não suspendeu seu ministério a essa pessoa necessitada até acabar com seus críticos farisaicos. Ele pressionou apesar de sua furiosa oposição e planos para matá-lo. Temendo a Deus, ele não temia mais ninguém. Ele buscou corajosamente a justiça e a misericórdia enquanto cumpria a missão de seu Pai (critério #3).

Anexo 2: Jesus e Seus Discípulos (Marcos 10:13–16)

Em Marcos 10, vemos novamente Jesus irado, mas não contra seus inimigos, mas contra seus próprios discípulos. Um grupo de pessoas trouxe seus filhos para Jesus tocá-los e abençoá-los, mas por razões não declaradas seus discípulos repreenderam esses pais. Diante de tais maus tratos frios *contra os outros*, nosso Senhor ficou indignado com os discípulos. Quaisquer que sejam seus motivos, esses discípulos efetivamente impediram que esses pequeninos (e talvez seus pais) o conhecessem (critério nº 1).

O que alimentou a ira de nosso Senhor? Um desejo inflexível pela extensão do reino de Deus o impulsionava: “não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus” (v. 15). Os discípulos impediram esse desejo justo. A paixão pelo reino de Deus consumiu Cristo, não sua própria popularidade, fama, aprovação ou “necessidade” de se sentir necessário (critério #2).

Embora nosso Senhor desejasse sinceramente que essas crianças específicas entrassem no reino, uma leitura cuidadosa sugere uma paixão mais ampla. Jesus aproveitou a abordagem deles como uma oportunidade para ilustrar a natureza da fé salvadora. O reino, afirmou ele, não pertence às crianças per se (ou seja, jovens humanos mais do que humanos mais velhos). Pertence àqueles “como estes” (v. 14), aqueles que “receberão o reino de Deus como uma criança” (v. 15). A receptividade infantil retrata o desamparo. Nosso Senhor estava usando uma ilustração visual de que o reino é “recebido” por pessoas desamparadas, pela graça por meio da fé (Lucas 12:32; Hebreus 12:28). Sua raiva surgiu porque seus discípulos estragaram esta poderosa ilustração da salvação pela graça por meio da fé. Eles impediram o evangelho de Deus e minaram seu reino.

Como Jesus se comportou em meio à sua justa ira? Como em Marcos 3, ele manifestou autocontrole. Ele não ficou furioso. Nem sua raiva impediu seu ministério. Ele amou essas crianças, segurou-as e abençoou-as (v. 16). Ele não deu um “tempo limite” para repreender seus discípulos. Ele repreendeu seus discípulos, depois concentrou sua atenção nas crianças e buscou a vontade de seu Pai de abençoá-las (critério #3).

Anexo 3: Jesus e os Mercadores do Templo (João 2:13–17)

João 2 registra uma das talvez duas ocasiões em que Jesus purificou o templo daqueles que o transformavam em um mercado.⁴ Mercadores vendiam animais — presumivelmente para sacrifícios no templo — e trocavam dinheiro nos pátios do templo de Jerusalém para facilitar essas vendas. O relato paralelo de Mateus declara explicitamente sua ilegalidade: “‘Está escrito’, disse-lhes ele, ‘Minha casa será chamada casa de oração’, mas vocês estão fazendo dela um ‘covil de salteadores’” (Mateus 21: 13, citando Isaías 56:7 e Jer.

7:11). Tais atividades desonravam o templo de Deus e vitimizavam os pobres. Novamente, nosso Senhor reage contra o pecado real (critério #1).

Por que vemos esta passagem como uma passagem de raiva? Embora nem João nem os outros escritores do evangelho usem palavras de raiva para o que Jesus fez, uma dessas palavras aparece no versículo 17: “Lembraram-se seus discípulos de que está escrito: ‘O zelo pela tua casa me consumirá.’ ” O termo “zelo” carrega o sabor de raiva e indignação. Hebreus 10:27 combina isso com a ira de Deus, o “fogo ardente que consumirá os inimigos de Deus”. Um escritor define o zelo de nosso Senhor aqui como sua “indignação ardente com a poluição da casa de Deus”,⁵, enquanto outro o chama de “ciúme ardente pela santidade da casa de Deus”.⁶

Zelo, sim. Mas zelo pela casa de quem? O que motivou a ira de Jesus? Era zelo pela casa de Deus, não vingança pessoal. Eles não estavam poluindo e profanando *sua* casa, mas a casa *de seu Pai*. Para Jesus, não era “sobre mim”, mas “sobre meu Pai” (critério #2).

O que marcou a ira de Jesus? O que acompanhou e surgiu a partir dele (critério #3)? Novamente vemos nosso Senhor permanecendo sob controle. Enquanto a raiva pecaminosa grita, amaldiçoa, desabafa e se enfurece, a raiva justa mantém uma conduta piedosa. No entanto, a raiva controlada de nosso Senhor não era fraca. Foi de confronto. Fortalecido com poder, sua raiva se mostrou em atos judiciais ousados. Cristo concentrou sua energia para trazer julgamento contra o mal. Ele expulsou os animais com um chicote. Ele espalhou as moedas, virou as mesas e ordenou aos vendedores de pombas que desocupassem o local imediatamente.

Neste ato judicial, motivado pela glória de Deus, vemos uma amostra das demonstrações finais de julgamento de Cristo. Apocalipse 6:16–17 retrata uma dessas cenas: “Eles clamavam aos montes e às rochas: ‘Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira deles, e quem poderá resistir?’ ”

Em resumo, a ira de Cristo apresentou três critérios para avaliar a retidão ou injustiça de nossa própria ira. Ele reagiu contra o pecado atual (critério #1). Ele se concentrou em Deus e em seu reino, direitos e preocupações mais do que nos seus. E surgiu não porque as pessoas pecaram contra ele, mas porque pecaram contra seu Pai e contra outras pessoas (critério #2). Além disso, outras qualidades e expressões divinas o acompanhavam. Jesus não era frio, estóico e indiferente à honra de Deus e ao bem-estar de outras pessoas. Ele também não teve ataques ou recuou. Ele ministrou às pessoas (critério #3).

Mas e as ofensas pecaminosas dirigidas a ele pessoalmente? Como Jesus respondeu? Surpreendentemente, não com raiva! Em vez disso, 1 Pedro 2:21–23 descreve sua reação ao abuso severo. Jesus confiou a si mesmo e seus inimigos a Deus, seu Pai, o justo Juiz (v. 23; cf. 4:19; Rom. 12:19). Ele não se vingou ou pecou com a língua (vv. 22–23). Em vez disso, ele fez o bem (4:19) ao orar pelo perdão de seus inimigos (Lucas 23:34a). Tendo estabelecido seus “direitos” pessoais (Filipenses 2:5-11), ele estava livre para servir seus inimigos sem raiva.

IRA JUSTA EM SAUL E JÔNATAS

Nosso Senhor não é o único exemplo de justa ira humana. Mesmo os pecadores caídos podem demonstrar raiva piedosa. Considere três casos.⁷

Em 1 Samuel 11:1–6, Naás, o amonita, atacou a cidade israelita de Jabes Gileade. Os moradores se encolheram de medo e ofereceram sua rendição. Saul ouviu sobre o episódio e, como registra o versículo 6, o Espírito Santo desceu poderosamente sobre ele e produziu uma ira ardente.

Essa raiva produzida pelo Espírito atende aos nossos três critérios: ela respondeu à arrogância militar pecaminosa do amonita diante de Deus e à subjugação violenta de outros. Não se concentrava no bem de Saul em si, mas no bem de Deus e de seu povo da aliança. E levou a uma obediência ousada e lúcida. Saul não ficou sentado e cozinhando o dia todo. Ele não perdeu o controle ou recuou de vergonha. Como Jesus limpando o templo, Saul aproveitou a ocasião e pressionou a campanha militar com a raiva dada pelo Espírito.

Primeiro Samuel 20:24–35 revela um relato comovente do Antigo Testamento sobre a ira justa. Saul - não mais cheio do Espírito - planejou eliminar Davi, seu concorrente real e o sucessor do trono designado por Deus. Com seu reino ameaçado e seus ídolos egocêntricos minados, Saul explodiu em uma fúria pecaminosa. Ele atirou uma lança em seu filho Jônatas porque Jônatas havia (com razão) ficado do lado de Davi contra seu pai, Saul.

Como avaliaríamos a raiva de Jonathan? Claramente, ele reagiu com raiva ao pecado de Saul (critério #1). No entanto, contra qual pecado? Foi o pecado de Saul de atirar uma lança em Jônatas ou o pecado de Saul de odiar e tramar o assassinato do rei de Deus, Davi? A resposta é surpreendente: Jônatas estava mais zangado com Saul por tentar matar o rei Davi do que por tentar matá-lo (critério #2)! O impulso de Saul para matar o rei ungido de Deus perturbou Jônatas mais do que Saul arremessou a lança. Além disso, essa raiva levou Jônatas a tomar uma atitude sábia e ousada

— encontrar-se com Davi e informá-lo sobre a missão de Saul (critério nº 3).

Os crentes saúdam o Salmo 119 como um tributo à Palavra de Deus, uma sinfonia que exalta as Escrituras. No entanto, é mais do que isso. Testifica a total devoção do escritor inspirado em conhecer e obedecer a essa Palavra. Observe como nossos três critérios emergem repetidamente nas seguintes passagens, juntamente com uma ampla gama de respostas emocionais piedosas.

Nos versículos 52–54, o salmista experimenta “indignação” para com os ímpios. Isso o agarra; ele está em suas garras. Essa raiva justa não é um sentimento passageiro, um pensamento fugaz ou uma emoção momentânea.

Lembro-me de suas leis antigas, OL ORD , e encontro conforto nelas. A indignação se apodera de mim por causa dos ímpios, que abandonaram a tua lei. Seus decretos são o tema da minha música onde quer que eu esteja.

Sua indignação não vem de aborrecimento pessoal, mas é uma reação firme contra aqueles que abandonam a lei de Deus. Também não é míope. O texto intercala a raiva justificada entre conforto e elogio. A raiva justificada coexiste com a confiança e com o canto alegre.

Várias passagens falam do ódio do salmista aos “caminhos errados”, baseando seu julgamento não em preferências pessoais, mas na Palavra de Deus:

Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar, mais doces do que o mel à minha boca! Eu ganho entendimento de seus preceitos; por isso odeio todo caminho errado. (vv. 103–4)

Porque amo os teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro puro, e porque considero justos todos os teus preceitos, odeio todo caminho errado. (vv. 127–28)

Ao mesmo tempo, este sentimento de ódio coexiste, sem contradição, com um sentimento de doce deleite na Palavra de Deus. O salmista não é um touro furioso; ele ama a verdade de Deus e odeia tudo o que se opõe a ela.

No entanto, o escritor não apenas odeia os caminhos errados, mas também odeia aqueles que andam neles: “Eu odeio os homens de coração dobre, mas amo a tua lei. Tu és meu refúgio e meu escudo; Coloquei minha esperança em sua palavra. Afastem-se de mim, malfeitores, para que eu cumpra os mandamentos do meu Deus!” (vv. 113–15).

O que impulsiona seu ódio piedoso? Seu amor por Deus e sua Palavra. Junto com o ódio ele expressa o desdém, o desejo de se distanciar dos malfeitores que o impedem de obedecer a Deus. Sua atitude simplesmente reflete a antipatia de Deus pelos ímpios.

Poucas seções das Escrituras apresentam a gama de emoções piedosas melhor do que o Salmo 119. Nos versículos 135–36,

testemunhamos não sua ira, como nos versículos anteriores, mas seu luto piedoso. Rios de lágrimas fluem dos olhos do crente: “Faze o teu rosto brilhar sobre o teu servo e ensina-me os teus decretos. Rios de lágrimas correm dos meus olhos, porque a tua lei não é obedecida” (vv. 135–36).

O que quebrou esta comporta de lágrimas? Não alguma mágoa pessoal, mas a rejeição de Deus e de sua verdade por outros. Tais sentimentos surgem do compromisso do salmista de aprender e seguir a Palavra de Deus. Sentimos o mesmo esgotamento emocional no versículo 139: “O meu zelo me consome, porque os meus inimigos ignoram as tuas palavras”. Seu zelo, semelhante ao Salmo 69:9 e João 2:17, o domina tanto que ele está esgotado. O verbo hebraico carrega a ideia de extermínio. Por que ele sente tanta dor? Porque seus inimigos deliberadamente ignoram não suas palavras, mas as palavras de Deus.

Considere a experiência comum de ser desprezado em um ambiente social. Lembre-se de momentos em que alguém não retornou sua ligação prontamente, se é que o fez. Você se sentiu ignorado? Você foi tentado a responder com raiva “justa”? Lembre-se de que a ira do salmista surgiu porque as pessoas ignoraram a Deus, não porque o ignoraram. Ele odeia e tem pena dos ímpios, não porque eles o perseguem, mas porque eles se opõem a Deus:

Muitos são os inimigos que me perseguem, mas não me afastei dos teus estatutos. Eu olho para os infiéis com nojo, porque eles não obedecem à tua palavra. Veja como amo seus preceitos; preserva a minha vida, OL ORD , de acordo com o teu amor. (vv. 157–59)

Embora a perseguição a ele seja o mau fruto da rejeição a Deus, é a desobediência deles contra Deus mais do que a perseguição a ele que alimenta sua ira justa. Auto-retaliação, autodefesa e autoproteção não o motivavam. Estabelecer “limites” não era seu objetivo. Ele confiou no Senhor como seu protetor. O amor por Deus e sua Palavra o ancorou.

Um último texto completa nossa varredura do Salmo 119. Nos versículos 162-64, o coração piedoso odeia a falsidade:

Regozijo-me com a tua promessa como quem encontra grande despojo. Odeio e abomino a falsidade, mas amo a tua lei. Sete vezes ao dia eu te louvo por suas leis justas.

No entanto, esse ódio e aversão não consomem tudo. Eles são acompanhados de grande alegria e louvor no coração do salmista. Tanto seu ódio quanto seu arrebatamento surgem da mesma raiz: amor pela Escritura e a convicção de que ela é justa.

AVALIANDO NOSSA PRÓPRIA RAIVA

Com base em nosso estudo de Jesus e dos personagens bíblicos acima, concluímos que três critérios marcam a raiva justa:

1. Ele reage contra o pecado real (como definido biblicamente).
2. Concentra-se em Deus e em suas preocupações (não em mim e em minhas preocupações).
3. Ela coexiste com outras qualidades divinas e se expressa de maneira piedosa.

Nosso estudo nos convoca para duas grandes agendas de crescimento e preocupações ministeriais. Primeiro, devemos expor nossa raiva pseudojusta. Isso requer arrependimento não apenas da raiva em si, que agora descobrimos ter sido uma raiva *pecaminosa*, mas também de nossa auto-ilusão de justificação em nome da raiva “justa”. A fachada cai quando colocamos cuidadosamente nossa raiva diante do espelho de nossos três critérios bíblicos. As Escrituras expõem nossa raiva como pecaminosa. Isso convida a novas oportunidades de se arrepender e acreditar, de se aproximar de Deus e de conhecer a Cristo e a nós mesmos com mais precisão.

Considere os momentos em que seu cônjuge o ofende. Em nome da “raiva justificada”, você já se queixou dele ou dela? Você ignora ou se afasta do seu cônjuge? Você espiral para baixo em autopiedade? As ofensas dele ou dela consomem sua mente? Você cancela seus planos para aquela noite ou suspende seu serviço para Cristo naquele fim de semana? Ou você simplesmente chuta o cachorro ou a porta? Se assim for, sua raiva não é cristã.

Suponha que seu filho se rebele. Talvez ele desafie seu limite de toque de recolher ou fale desrespeitosamente com você. Você explode de raiva ou retalia com palavras imprudentes? Você desconta em seu cônjuge ou em outras pessoas? Você desiste do seu filho ou começa a evitá-lo? Você repete diariamente a cena em sua mente? Você perde o controle ou fica obcecado por isso? Se assim for, sua raiva não é justa.

Ou o que acontece dentro de você quando seu chefe o ignora para uma promoção, depois de você ter trabalhado duro para resolver os pontos cegos observados em sua última avaliação? Sua decepção se transforma em raiva e você justifica essa raiva com um tom crescente em sua voz? *Aquele péssimo supervisor não reconhece um bom trabalhador quando vê um. Deve ser porque sou cristão que ele me trata assim.* Você trilha o caminho do martírio, assumindo sua indignação como justa, a resposta piedosa contra a “perseguição”?

Embora um cônjuge ofensor, um adolescente rebelde ou um chefe injusto possam tentar (não causar) uma reação de raiva, você deve se fazer algumas perguntas-chave: Você está com raiva por causa do que a pessoa fez a você ou do que ela fez ao seu Salvador? ? Quem você considera o mais ofendido - você ou Jesus? No meio de

sua emoção acalorada, você está consumido por si mesmo ou por seu Deus? Sua indignação surge porque o nome de Deus foi desonrado ou porque seu orgulho foi ferido? A raiva justificada surge por causa do pecado da outra pessoa contra Deus, não por causa de suas mágoas pessoais ou desejos vingativos.

Santo Agostinho de Hipona entendeu isso. Em sua famosa obra *As Confissões*, o pai da igreja do século IV comenta sobre uma época em que ficou com raiva. Antes de sua conversão, ele veio para Roma aos 29 anos para iniciar sua carreira como professor de retórica. Ao chegar, ele começou a reunir alunos, mas logo percebeu uma manobra particular que muitos deles usavam. “Para evitar pagar o salário de seu professor, vários jovens de repente conspiravam juntos e procuravam outro professor, desrespeitosos, que por amor ao dinheiro desvalorizam a justiça.” ⁸

Como Agostinho respondeu? “Meu coração os odiava, embora não com um ‘ódio perfeito’ (Sl 139:22), pois talvez eu os odiasse *mais porque eu deveria sofrer por eles do que porque eles faziam coisas totalmente ilegais*” (ênfase adicionada). ⁹ Em outras palavras, a ira de Agostinho não era justa — não era o ódio perfeito do salmista. Por que não? Porque acabou com ele e sua perda financeira mais do que com as leis justas que os perpetradores quebraram.

Mais tarde, porém, após sua conversão e crescimento como cristão, Agostinho olhou para trás, para esses ofensores, com uma raiva mais justa. “E agora eu odeio essas pessoas depravadas e desonestas, embora eu as ame se forem corrigidas, de modo que, em vez do dinheiro, prefiram o aprendizado que adquirem e o aprendizado de Ti, ó Deus, a verdade e a plenitude da bondade e da paz garantidas.” ¹⁰ O que mudou? Sua consciência de Deus. A raiva de Agostinho para com os ofensores tornou-se voltada para a rejeição de Deus. No entanto, como o salmista acima, concomitantemente com seu ódio, ouvimos um desejo de que eles conhecessem e amassem a Deus mais do que ao dinheiro. “Mas naquela época”, conclui Agostinho, “eu preferiria, *para meu próprio bem*, não gostar deles por serem maus do que ter gostado e desejado o bem deles para Ti” (ênfase adicionada). ¹¹

Voltemos a Clarence, o pai que defendeu sua assim chamada raiva justa. “Claro, eu estava com raiva”, declarou Clarence, “mas eu tinha o direito de estar com raiva.”

O Senhor usou nossos três critérios para convencer Clarence de sua raiva pseudojusta. Suas alegações de “raiva justificada” em resposta à desobediência de seu adolescente meramente encobriram sua própria ira descontrolada. Como assim? Ele via sua filha existindo para tornar seu mundo conveniente e organizado. Mas ela não se encaixava em sua agenda organizada. Quando ela falhou em viver de acordo com o roteiro de seu pai, ele ficou com

raiva. O fato de que ela também estava falhando em viver pela Palavra de Deus era de importância marginal para Clarence na época.

Clarence confessou sua raiva e sua pretensa “justiça”. Embora a desobediência de sua filha e a conversa fiada fossem pecaminosas (satisfazendo assim o critério nº 1), esse fato apenas o ajudou a racionalizar sua resposta errada. Pensamentos sobre a honra ferida de Deus eram - como ele próprio admitiu posteriormente - a coisa mais distante de sua mente quando ele explodiu (perdendo assim o critério nº 2). Além disso, ele não era nada semelhante a Cristo na maneira como respondia à filha (violando o critério nº 3). Seu bem-estar não estava em sua tela de radar. “Foi tudo sobre mim, não ela”, ele confessou mais tarde.

Uma vez que Clarence se arrependesse de sua raiva pecaminosa e de seu auto-engano, ele poderia ministrar com mais eficácia a sua filha. E sua esposa passou a apoiá-lo mais. Na verdade, esse ministério começou no dia em que ele pediu humildemente a ambos que o perdoassem, não apenas por suas explosões, mas também por racionalizá-las.

Uma segunda agenda piedosa e preocupação ministerial decorre de nosso estudo: não devemos apenas expor nossa raiva pseudojusta, mas também cultivar a raiva justa. Se Deus está zangado com o pecado, então o crescimento na piedade acarreta um crescimento correspondente na ira justa.

Embora nenhum texto nos ordene a ficar com raiva, [12](#), tanto as passagens discutidas acima quanto o caráter santo de Deus revelado por toda a Escritura formam um apelo sólido à ira justa. A semelhança com Cristo inclui a raiva cristã. A ausência de raiva justa quando é apropriado é tão pecaminosa quanto a presença de raiva pecaminosa.

Escrevo este capítulo como um pastor americano e professor de seminário vários anos após os trágicos eventos de 11 de setembro de 2001. Naquele dia terrível, terroristas sequestraram aviões a jato e os lançaram contra o World Trade Center de Nova York e o Pentágono de Washington, matando mais de três mil pessoas. A raiva de meus compatriotas americanos até hoje continua quente. Mas os motivos por trás dessa raiva – de acordo com os critérios bíblicos exemplificados em Jesus e nos outros personagens bíblicos mencionados acima – certamente são confusos.

Como você pode cultivar a raiva piedosa? Releia os muitos textos citados neste capítulo e peça a Deus, por meio de seu Espírito, que reproduza essa característica piedosa em você.

O que envolve cultivar a ira piedosa? Refoque seu coração em Deus e em seu reino, direitos e preocupações. Arrependa-se de seus desejos egocêntricos. Medite nas ações e atributos de Deus. A

paixão por Deus é a única sementeira para a raiva justa. Só ela produz ódio ao pecado. Um amor cada vez mais profundo por Deus e sua Palavra e caminhos cria uma aversão correspondente daqueles que se endurecem contra ele. Deleitar-se com a verdade é desdenhar o mal. Regozijar-se com a justiça torna a maldade repulsiva.

Clarence começou a dar passos nesse progresso. Ele pediu a Deus para enchê-lo com um ódio sagrado por sua própria raiva, para perceber a rapidez com que ele ascende ao trono e brinca de Deus sempre que sua filha ou sua esposa o desapontam. Ele também está pedindo a Deus que o ajude a odiar não sua filha, mas seu pecado remanescente que a engana e procura escravizá-la.

Embora nenhum texto *comande* a ira justa, Hebreus 1:9, citando messianicamente o Salmo 45:7 sobre nosso Senhor Jesus, apresenta diante de nós seu exemplo perfeito:

Amaste a justiça e odiaste a maldade;
por isso Deus, teu Deus, te colocou acima de teus
companheiros
ungindo-o com o óleo da alegria.

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. No momento seguinte, você é tentado a ver alguma resposta raivosa dentro de si como “justa”, pare! Lembre-se dos perigos do autoengano e revise os três critérios acima, juntamente com algumas das passagens bíblicas que consideramos. Teste sua raiva contra este padrão bíblico. E faça isso impiedosamente. Não faça cativos.
2. Existem pelo menos mais dois passos práticos que irão ajudá-lo. Primeiro, escreva por que você está com raiva e sua aparente justificativa para rotular sua raiva como justa. Em segundo lugar, convide um pastor, presbítero ou amigo cristão maduro para ajudá-lo a avaliar sua reivindicação.
3. Leia o Salmo 119 em uma ou duas sessões, prestando atenção não apenas à devoção do salmista à Palavra de Deus (a maneira usual como vemos o Salmo 119), mas também à ampla gama de emoções piedosas que ele experimenta e às respostas variadas que exhibe.
4. Memorize Hebreus 1:9a, “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade,” e peça a Deus para enchê-lo com este espírito dual de Cristo. Entreviste dois ou três amigos cristãos maduros para saber como a ira justa pode parecer em suas vidas e como eles a cultivam.

CHEGANDO AO CORAÇÃO DA RAIVA

eu Assim como você e eu, Jack e Jill têm um problema de raiva. Jack sopra; Jill amêijoas. Ele reclama e delira; ela ferve e cozinha.

É quinta-feira. Jack retorna às 6h30 de um dia de trabalho pressionado, ansioso para desfrutar de uma refeição saborosa e uma noite relaxante com sua família. Infelizmente, a casa está bagunçada e as crianças estão loucas. A ceia não está pronta; nem está iniciado. "Tudo que eu quero é voltar para uma casa tranquila", ele grita para Jill. "Isso é pedir muito? Este lugar é uma bagunça!" Ele então agrava o problema fazendo aquela pergunta proverbialmente provocativa que nenhum cônjuge sensato deveria fazer: "O que você tem feito o dia todo por aqui?"

Jill também está com raiva, mas ela não grita de volta, pelo menos desta vez. Sua raiva é mais azul-gelo do que incandescente. Jill se ressentida das críticas de Jack, de seus gritos e de sua falta de ternura. Por sua vez, ela se retira. Ela se retira - obedientemente - para a cozinha, lambendo suas feridas, sentindo-se sozinha e derrotada. Ela murmura para si mesma seu refrão comum, *Se ao menos eu tivesse um marido que me aceitasse como sou. Eu preciso ser amado incondicionalmente, não atacado o tempo todo . Jantar?* ela murmura. *Eu gostaria para despejar essa massa quente bem na cabeça quente .*

CONSIDERANDO A CAUSA DA RAIVA

As teorias de nossa cultura sobre a causa da raiva

- Forças psicodinâmicas internas e inconscientes
- Trauma infantil ou maus cuidados crônicos
- Sofrimentos atuais
- Necessidades emocionais não atendidas
- Fatores fisiológicos
- ataques satânicos

Como Jack e Jill podem aprender a lidar com sua raiva pecaminosa? Onde eles começam o processo de mudar suas explosões e ressentimentos? Como cristãos bíblicos, eles sabem que a mera modificação comportamental não é suficiente. Jesus tinha muito a dizer sobre túmulos caiados cheios de ossos mortos. É claro que Jack e Jill querem acabar com essas brigas frequentes e

substituir suas palavras e ações pecaminosas por um comportamento piedoso e pacífico. No entanto, uma mudança piedosa completa e duradoura requer mais do que uma mudança externa. Jack e Jill querem e precisam de uma mudança interior.

Para realizar essa mudança, Jack e Jill devem lidar com suas raízes raivosas. O que causa a raiva deles? Nossa cultura oferece uma miríade de teorias. Alguns teóricos acham que a raiva flui de forças psicodinâmicas profundas, internas e inconscientes. Motivos obscuros espreitam dentro de nós e nos impulsionam impulsivamente.

Outros culpam a raiva por maus tratos na infância. Isso pode incluir crises traumáticas, como espancamentos físicos ou abuso sexual. Ou pode resultar de maus cuidados crônicos, como negligência dos pais, dinâmica familiar disfuncional ou modelagem incorreta dos pais de raiva em muitas formas. Outros argumentam que as dificuldades atuais e o sofrimento circunstancial atual produzem raiva. Ofensas contra nós, necessidades emocionais não atendidas ou viver com pessoas raivosas nos “enlouquecem”.

Os proponentes do modelo médico veem a raiva surgindo de fatores fisiológicos - fadiga, anormalidades genéticas, desequilíbrios químicos cerebrais, deficiências hormonais ou deficiências físicas. Alguns cristãos enraízam a raiva na atividade satânica direta dentro de nós – possessão ou opressão do diabo ou talvez até “demônios da raiva”. E todo escritor denuncia a plethora de atletas, atores e outros heróis culturais raivosos exibidos diante de nós como modelos inadequados. (Suplicar “eu não sou um modelo” não os isenta de sua influência sobre seus fãs.)

A Bíblia, é claro, reconhece muitas dessas dificuldades e fala sobre elas com compaixão e perspicácia robusta. Certamente existe um verdadeiro diabo que mente e engana. Nosso homem exterior está se deteriorando; doenças e alterações hormonais nos atrapalham e se tornam ocasiões de pecado. Em nosso mundo caído, as pessoas – do passado e do presente – nos machucam e abusam de nós. Além disso, a Bíblia reconhece que tais fatores podem exercer enorme impacto. Eles nos tentam e nos provocam, tornando a raiva fácil de desenvolver e difícil de controlar. Todo conselheiro sábio conhece o impacto dessas provocações.

No entanto, provocações não são causas. O pai perpetuamente zangado de Jack não *causou* a explosividade de Jack. A “época do mês” de Jill torna mais difícil para ela lidar com Jack, mas não a *torna* amarga. A Escritura resiste tanto ao reducionismo quanto ao determinismo implícitos nessas teorias. Como portadores da imagem divina, não somos máquinas passivas, mas respondedores morais ativos, responsáveis perante Deus. Não devemos permitir que nenhuma das meia dúzia de dificuldades mencionadas acima

nos desumanize. Somos mais do que meros reatores. “Entra lixo, sai lixo” pode explicar a produção de computadores feitos pelo homem, mas não o comportamento dos portadores da imagem de Deus. Jack e Jill, e você e eu, não somos robôs complexos, mas pessoas que escolhem ativamente e são agentes livres responsáveis perante o Senhor vivo.

Como, então, podemos começar a entender a raiva de Jack e Jill? Para lidar com o problema da raiva e dos conflitos, devemos começar com a causa. Apenas abordar o comportamento errado não é suficiente.

A VERDADEIRA CAUSA: O CORAÇÃO

O que, então, causa a raiva maligna? As Escrituras fornecem respostas mais profundas, ricas e realistas do que as teorias seculares ou pseudocristãs: a raiva vem do coração. Como Jesus disse em Marcos 7:20–23 “O que sai do homem é que o torna 'impuro'. Pois de dentro, do coração dos homens, vêm os maus pensamentos, imoralidade sexual, roubo, homicídio, adultério, ganância, malícia, engano, lascívia, inveja, calúnia, arrogância e loucura. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem 'impuro'.”

Ou ainda, em Lucas 6:43-45: “Nenhuma árvore boa dá frutos ruins, nem árvore ruim dá frutos bons. Cada árvore é reconhecida por seu próprio fruto. As pessoas não colhem figos dos espinheiros, nem uvas das sarças. O homem bom tira coisas boas do bem guardado em seu coração, e o homem mau tira coisas más do mal guardado em seu coração. Pois do que está transbordando em seu coração, sua boca fala” (cf. Mateus 5:21–22; 15:15–20; Gálatas 5:16–21; Hebreus 3:12–13; Tiago 1:13–15). O coração de todo pecado – incluindo a raiva pecaminosa – é o coração humano.

O que é o “coração”? É o termo bíblico mais frequente para todo o eu interior de uma pessoa, um termo abrangente que inclui nossos pensamentos, vontade, afeições e emoções. Hebreus 4:12 aponta duas funções principais - nossas crenças e motivos. A Palavra viva e ativa de Deus “julga os pensamentos e as atitudes do coração”.

Em outras palavras, a raiva pecaminosa surge das crenças e motivos pecaminosos que reinam no incrédulo e permanecem no cristão. Não é de admirar que Provérbios 4:23 insista: “Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele procede a vida.”

Portanto, para mudar a raiva em seu coração, você deve reconhecer e extirpar suas crenças e motivos pecaminosos e substituí-los por outros piedosos. A mudança piedosa para Jack e Jill, e para você e para mim, deve ocorrer nas crenças e motivações subjacentes às nossas respostas.

Em *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, o escritor russo Alexander Solzhenitsyn retratou essa verdade em uma poderosa cena de prisão. O personagem-título questiona como seu companheiro de prisão Alyosha, um cristão, pode se apegar a um Deus que o deixa na prisão, com fome. Ivan desafia seu amigo cristão a pedir comida a Deus. A resposta de Alyosha surpreende os céticos. Em vez de pedir comida a Deus, Alyosha diz a Ivan que eles devem orar “para que o Senhor Jesus remova a escória da raiva de nossos corações”.

1

A RAIVA NO CRISTÃO

O apóstolo aborda a ira ímpia em Tiago 4:1–2: “O que causa brigas e brigas entre vocês? Eles não vêm de seus desejos que lutam dentro de você? Você quer algo, mas não consegue. Você mata e cobiça, mas não pode ter o que deseja. Você briga e briga. . . .”

James acusa seus leitores cristãos com várias formas de frutas iradas. Ele fala de matar, cobiçar, brigar e lutar. Embora a matança possa se referir a homicídio, é mais provável que alude à comparação de nosso Senhor, no Sermão da Montanha, da raiva como o equivalente moral do assassinato (Mateus 5:21-22; cf. 1 João 3:15).

Mais tarde, Tiago acrescenta os pecados relacionados de calúnia e julgamento: “Irmãos, não caluniem uns aos outros. Quem fala contra seu irmão ou o julga fala contra a lei e a julga. Quando você julga a lei, você não a está guardando, mas está sentando para julgá-la. Há apenas um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Mas você... quem é você para julgar o seu próximo? (Tiago 4:11–12).

Tudo isso, relata Tiago tristemente, ocorre dentro do corpo de Cristo, a igreja! Tendo tido o privilégio de ajudar igrejas em sério conflito em várias denominações, posso testemunhar que as descrições de Tiago no primeiro século não são menos relevantes no século XXI. A ira pecaminosa golpeou e machucou muitas partes do corpo de Cristo. Como alguém observou: “O vestido da noiva está rasgado”.

IDENTIFICANDO AS CAUSAS DO CORAÇÃO DA RAIVA

As causas da raiva no coração: quatro sinônimos em Tiago 4:1–3

- Desejos e prazeres arraigados e em luta
- Vontades e desejos não atendidos
- Cobiça e inveja
- Motivos egoístas (mesmo para coisas boas)

Como James lida com essas expressões de raiva? Ele começa com a causa deles: “O que causa brigas e brigas entre vocês?” (Tiago

4:1a). James não é behaviorista ou moralista. Como outros escritores bíblicos, ele busca intensamente a motivação. Não basta você tentar cessar o comportamento raivoso e substituí-lo por frutos piedosos. Você deve lidar com o seu coração.

No entanto, James não depende da psicodinâmica moderna ou precisa de psicologias para entender a motivação humana. A causa não reside em forças esotéricas e inacessíveis à espreita em alguma região interior inconsciente da alma. James não é behaviorista nem psicanalista. E enquanto ele nos chama para resistir ao diabo no versículo 7, ele não culpa o diabo pelo nosso pecado.

Ouçá a análise do apóstolo sobre a causa da ira no coração: “Não vêm de seus desejos que lutam dentro de você? Você quer algo, mas não consegue. Você mata e cobiça, mas não pode ter o que deseja. Você briga e briga. Você não tem, porque você não pede a Deus. Quando pedem, não recebem, porque pedem por motivos errados, para gastar em seus prazeres” (vv. 1b–3).

Considere quatro figuras contidas nesses versículos. Primeiro, a raiva surge de nossos desejos e prazeres arraigados que “batalham” dentro de nós. O verbo grego apresenta uma imagem militar de nossos desejos servindo em um exército acampado para a batalha. Eles são tropas entrincheiradas, fixas e posicionadas para lutar, não facilmente movidas ou abandonadas. Da mesma forma, 1 Pedro 2:11 descreve os desejos pecaminosos “que guerreiam contra a vossa alma”. É uma guerra espiritual no coração, a batalha da carne contra o Espírito (veja Gálatas 5:16–26).

Além disso, nossos “desejos” ou “desejos” insatisfeitos produzem raiva. Como veremos a seguir, o contexto implica que o problema com esses desejos é que eles nos governam ou nos controlam. No final, sem controle, eles produzem pecado e morte (ver Tiago 1:14–15).

Terceiro, a raiva surge da cobiça. Como os termos anteriores, o verbo “cobiçar” pode se referir à busca piedosa ou à inveja ímpia, como neste contexto. O décimo mandamento – “Não cobiçarás” – nos revela (Êxodo 20:17; Romanos 7:7–11). Corações ávidos e gananciosos geram conflitos.

Finalmente, com base no versículo 3, a raiva vem de motivos egoístas. Tiago adverte contra orar para satisfazer “prazeres” pessoais. O coração pecaminoso procura agradar a si mesmo mais do que agradar a Deus. Ele anseia por seu próprio reino, não o de Deus. Não ora em nome de Cristo de acordo com a vontade de Deus. Não é de admirar que Alyosha de Solzhenitsyn não tenha orado por pacotes ou rações, mas para que Deus “removesse a escória da raiva” de nossos corações. E observe tanto em Tiago 4:3 quanto no caso de Alyosha que até mesmo a oração pode ser

rapidamente subvertida para fins egoístas. O próprio dom e privilégio que Deus concedeu pode facilmente se tornar o meio pelo qual nossos corações pecaminosos se expressam. E como veremos no capítulo 7, quando Deus não nos dá o que pedimos, facilmente ficamos com raiva dele.

Como podemos determinar se nossos desejos são pecaminosos? Uma resposta óbvia é quando desejamos um objeto pecaminoso, ou seja, quando o próprio item é proibido. Desejar algo que é intrinsecamente mau ou explicitamente proibido é, obviamente, pecaminoso. Mas a percepção de James é mais profunda. Um desejo também pode ser pecaminoso quando é desordenado ou egoísta. Em outras palavras, é possível desejar *demais um objeto bom ou legítimo*. O problema não está em querer algo, mas em querer demais. Não é o que queremos, mas o quanto queremos.

Por que acreditamos que esse seja o significado de Tiago? Porque no versículo 2 ele oferece a possibilidade de que Deus possa conceder o item desejado (se os leitores cumprirem suas condições, etc.). Certamente o Deus de perfeita bondade não concederia um item inerentemente ruim a seus seguidores (veja 1:13, 17).

Embora Tiago não mencione o objeto desejado nos versículos 1–3, alguns comentários sugerem, com base na linguagem escolhida, que o objeto é dinheiro. Certamente se encaixa no contexto. O dinheiro, é claro, não é inerentemente pecaminoso, apesar das citações modernas da Bíblia de que “o dinheiro é a raiz de todos os males”. O que 1 Timóteo 6:10 realmente diz é que “o *amor* ao dinheiro é a raiz de todos os tipos de males” e que ser “ávido por dinheiro” leva à apostasia. Não é o dinheiro, mas o amor ao dinheiro que é pecaminoso. O dinheiro é uma coisa boa; um desejo desordenado por isso é mau.

O que Tiago 4:1–3 ensina, então, é que nossa raiva vem dos desejos pecaminosos que governam nossos corações. E esses desejos muitas vezes não são por coisas ruins, mas por coisas boas que queremos muito.

REFLEXÕES DE AGOSTINHO SOBRE SUA INFÂNCIA

Vimos *onde* a raiva pecaminosa começa - no coração humano. Mas *quando* ela surge? Quando esse problema surge no coração humano? Desde a concepção. “Sou pecador desde o nascimento, pecador desde que minha mãe me concebeu” (Sl 51:5).

Santo Agostinho compreendeu esta dinâmica. Ouça a descrição de seu coração exigente - quando criança - no livro 1 de *As Confissões de Santo Agostinho*. [2](#) (Pais, deixe-me avisá-los com antecedência de que o seguinte pode revolucionar a maneira como vocês olham para seus bebês!)

Tendo reconhecido com gratidão a Deus como seu provedor final (através de sua mãe e babá), Agostinho escreve:

Então eu sabia apenas chupar, repousar no que me agradava e chorar no que me ofendia a carne, nada mais.

Depois comecei a sorrir, primeiro durante o sono, depois ao acordar. Assim me foi dito sobre mim mesmo, e eu acreditei, pois vemos o mesmo em outras crianças, embora eu não me lembre disso. Assim, pouco a pouco, tomei consciência de onde estava e comecei a expressar meus desejos a quem pudesse satisfazê-los. . . . Então eu joguei ao acaso, membros e vozes, fazendo os poucos sinais que pude e como pude, como - embora na verdade muito pouco - o que eu desejava. E *quando eu não era imediatamente obedecido* , meus desejos eram prejudiciais para mim ou ininteligíveis, então *eu ficava indignado com meus mais velhos por não se submeterem a mim* , com aqueles que não me deviam nenhum serviço, por *não me servirem* , e *me vingava* deles com lágrimas.³

Que visão penetrante da raiva humana! Uma criancinha arremessando braços e pernas, chorando inconsolavelmente, toda movida pela vingança contra aqueles que não obedeciam imediatamente ao seu coraçãozinho exigente. Algumas páginas depois, Agostinho reflete novamente sobre seu próprio pecado original. É uma expressão de bondade interior, ele pergunta,

mesmo que por um tempo, chorar por quê, se dado machucaria? Ou amargamente se ressentir disso. . . os próprios autores do meu nascimento não *me serviram* ? Que muitos, além disso, mais sábios do que eu, não *obedeceram* ao aceno de minha boa vontade? Para fazer o meu melhor para atacar e ferir porque os comandos não foram *obedecidos* , o que teria sido obedecido apenas para minha dor?⁴

Agostinho então faz uma observação brilhante sobre nossa natureza pecaminosa: “A fraqueza, então, dos membros de uma criança, não sua vontade, é sua inocência”.⁵ O que nos faz chamar uma criança de “inocente”? É sua incapacidade de se levantar e dar um soco na pessoa que não o alimenta sob demanda, não em seu coração inocente. O coração de uma criança lançaria um gancho de direita se seus braços fossem fortes o suficiente. “A fraqueza, então, dos membros de uma criança, não sua vontade, é sua inocência.”

Agostinho continua descrevendo a mesma dinâmica raivosa no bebê que amamenta, cuja inveja o impede de querer que seu irmão adotivo compartilhe seu suprimento de leite. “Isso também é inocência, quando a fonte de leite está fluindo em rica abundância, não permitir que alguém a compartilhe, alguém que está em extrema necessidade e cuja própria vida ainda depende disso.”⁶

Por que fazer uma coisa tão grande sobre tudo isso? Isso não é apenas imaturidade infantil? Agostinho responde: “Suportamos tudo isso gentilmente, não como se fossem males inexistentes ou leves, mas porque eles desaparecerão com o passar dos anos. Pois, embora tolerados agora, os mesmos temperamentos são totalmente intoleráveis quando encontrados em anos mais maduros.”⁷ Em outras palavras, a “inocência” da infância logo cede lugar ao

egoísmo mais maduro do adolescente e do adulto. Quando os membros anteriormente “inocentes” de uma criança se tornam tão desenvolvidos quanto seu coração sempre exigente, esteja pronto para demonstrações de raiva totalmente desenvolvidas!

SEU DESEJO ESTÁ GOVERNANDO VOCÊ?

Pistas para detectar um desejo desordenado

- Isso consome você? Você insiste nisso constantemente?
- Você está disposto a pecar para obtê-lo?
- Você peca quando não consegue?

Se de fato o coração da raiva está no coração humano e em seus desejos dominantes, como você pode saber se seu desejo está governando você? Quando nossos desejos se tornaram desordenados? Quais são alguns indicadores de que um bom desejo se tornou um mestre ruim?

Várias pistas podem nos ajudar. Em primeiro lugar, um desejo bom é desordenado quando o consome, isto é, quando você se demora ou ruma sobre ele. Faça a si mesmo estas perguntas: para qual tópico sua mente se desvia quando não é direcionada? O que você pensa no seu tempo livre?

Imagine um vendedor de computadores recém-contratado entrando neste mercado competitivo pela primeira vez. Ele começa a dominar cada recurso de cada PC que vende. Ele lê a pesquisa de mercado de sua empresa sobre seu público-alvo. Todas as noites ele dedica um tempo extra pesquisando a linha de produtos de seu concorrente. Na verdade, ele está se preparando para sua apresentação de vendas na manhã de quarta-feira para uma grande empresa que é um cliente em potencial. Pergunta: Você pode prever a reação dele quando sua noiva menciona que ela aceitou um convite para jantar para eles na casa de sua namorada recém-casada na noite de terça-feira? Suspeito que seria diferente da resposta do vendedor estabelecido, cujo desejo por novos clientes é relativamente baixo.

Ou talvez você esteja ansioso para parar na sorveteria Baskin-Robbins local para surpreender sua família comprando um galão de chocolate com menta, o favorito de todos os tempos para você e sua família. Você espera não apenas o sabor cremoso de menta e os pedaços de chocolate doce espalhados por toda parte, mas ainda mais os olhares apreciativos nos rostos de sua família. Ao dirigir até a loja, você não apenas pensa nisso, mas também começa a salivar. Pergunta: Como você reagirá se descobrir que a loja está sem sorvete de menta com gotas de chocolate? Suspeito que sua resposta seria diferente da pessoa que se contenta com qualquer sabor.

Além disso, um bom desejo torna-se desordenado quando você está disposto a pecar para obtê-lo. Você manipula os outros para obter o resultado que deseja? Você chora para atrair simpatia ou explode para fazer as pessoas temerem você?

Em nosso estudo de caso, Jack ataca Jill para pressioná-la a se tornar a mãe e dona de casa que ele exige que ela seja. Ao ameaçá-la e envergonhá-la alternadamente, ele espera mudá-la.

Ou considere a declaração clássica do funcionário prestes a perder o emprego que declara: “Eu faria qualquer coisa para manter este emprego”. Seu amor desmedido por seu trabalho o torna presa fácil para uma série de incentivos para mentir ou trapacear que um supervisor antiético pode oferecer. Compare essa atitude com a do homem cujo desejo de manter seu emprego está sob controle. Embora *goste* do seu trabalho, ele não *vive para* o seu trabalho. Como ele não ama seu trabalho de maneira desmedida, as tentações antiéticas de mantê-lo não o atraem. Ele rejeita a mentira de que os homens *encontram* sua identidade em seus empregos; ele sabe que seu trabalho é apenas um lugar onde ele *expressa* sua identidade em Cristo.

Finalmente, e talvez mais comumente, um bom desejo torna-se desordenado quando você peca se não consegue o que deseja. Como você lida com isso quando Deus retém soberanamente o desejo do seu coração? Quando suas necessidades sentidas permanecem não atendidas? Você está aprendendo o contentamento piedoso? Ou você sente e mostra raiva pecaminosa, depressão ou medo?

Uma viagem de carro de minha antiga casa em Hurricane, Virgínia Ocidental, para uma conferência em Pittsburgh, vários anos atrás, mostrou-me essa dinâmica em meu próprio coração. O evento começou na sexta-feira de manhã e estava programado para terminar no sábado ao meio-dia, dando-me tempo suficiente para voltar para casa para a celebração do aniversário do meu filho no sábado à noite. Esse desejo de que a conferência terminasse na hora para eu poder fazer a festa era um desejo bom. As conferências devem seguir seus horários. É a coisa *certa* a fazer, e em minha mente eu tinha o *direito* de que fosse feito da maneira certa!

Mas meu bom desejo rapidamente se tornou um mau mestre. Como vários segmentos da manhã de sábado passaram da hora extra, fiquei um pouco nervoso. *Isso vai acabar na hora? Por que o orador deve falar sem parar?* Logo meu nervosismo deu lugar à obsessão, enquanto eu ansiosamente checava meu relógio a cada dez minutos. Estava consumindo minha mente e me distraíndo das atividades valiosas da conferência.

Infelizmente, as coisas pioraram, pois agora parecia que a conferência terminaria tarde. Senti-me tentado a abandonar meus deveres como delegado e sair mais cedo. Embora tenha escolhido ficar até o fim, corri porta afora, rudemente evitando ou ignorando as pessoas que podia e cortando no meio da frase aquelas que não podia. Corri como um piloto da NASCAR para chegar em casa a tempo. Resumindo, pequei para conseguir o que queria.

Mas ainda não acabou. No caminho para casa, me vi ressentido com o palestrante que havia feito hora extra e com os colegas que tiveram a ousadia de querer falar comigo na porta, atrasando minha saída (eles deveriam saber que eu tinha uma viagem de quatro horas !) . Eu critiquei os organizadores da conferência por seu mau planejamento. Em tudo isso, meu coração exigente me controlava e me enganava.

Você consegue ver melhor essas dinâmicas em Jack e Jill? Cada um ficou bravo quando não recebeu o tratamento conjugal desejado. A percepção de James é profunda. Seus corações exigentes eram a causa final de sua raiva. Um desejo de outra forma legítimo torna-se um desejo arraigado ou dominante, até mesmo uma demanda. Se insaciável, produz conflitos, brigas e raiva assassina. A raiz da raiva está na decisão insatisfeita de “eu-desejos”, demandas não atendidas e ídolos do coração caídos. Desejos causam conflitos.

INSTANTÂNEOS BÍBLICOS

Vemos essa mesma dinâmica de coração em muitos exemplos bíblicos. Em Gênesis 27, Esaú ficou furioso quando não conseguiu a bênção que queria de seu pai, Isaque. Ele guardou rancor de seu irmão conivente e até planejou seu assassinato. Seu desejo dominante por uma coisa boa - sua herança que seu próprio irmão havia roubado - acendeu sua raiva e vingança.

Balaão espancou e amaldiçoou sua jumentá porque ela o impediu de conseguir o que queria, ou seja, ir até o rei Balaque sem contestação (Números 22). “Você me fez de tolo”, gritou o profeta em sua raiva egocêntrica. Não importa que a mão de Deus estivesse atrás do burro. “Você me fez de bobo” — eu, o grande eu! Dois capítulos depois, o rei Balaque ardeu de raiva contra Balaão (Números 24). Por que? O profeta não cooperativo que havia despertado para a ordem de Deus havia frustrado o desejo do rei - seu desejo governante - de que seu inimigo Israel fosse amaldiçoado.

Dominado por seus próprios desejos, Saul se irritou contra seu próprio filho (1 Sam. 20). Ele queria que Jônatas fosse mais dedicado a ele do que a Davi (e, por extensão, a Deus!). Saul queria se apegar ao seu reinado e dominar seu concorrente, Davi. Quando

Jônatas fez amizade com Davi, Saul praguejou, acusou e arremessou sua lança contra ele. Embora possa não haver nada de errado em querer preservar o papel designado, há tudo de errado em tentar mantê-lo a todo custo. A que custo? O coração exigente de Saul ignorou o anúncio de Deus sobre sua iminente remoção e procurou matar aquele que Deus havia levantado para substituí-lo. Os fariseus, é claro, mais tarde demonstrariam essa mesma dinâmica de coração, rejeitando o Messias que interferia em seu governo religioso.

A determinação de Herodes de se apegar à sua realeza o levou a assassinar em massa as crianças das quais poderia nascer o “rei dos judeus” (Mateus 2). Isso significa que o nascimento de Cristo *enlouqueceu* Herodes? Não. O nascimento de Cristo ocasionou, não causou, a ira de Herodes. Se você perguntasse a Herodes por que ele estava louco, ele poderia responder: “Porque ouvi dizer que outro rei nasceu”. Mas o “porque” de Herodes seria falso: o nascimento daqueles meninos foi apenas a ocasião de sua raiva, não sua causa — o quando, não o porquê. O porquê estava em seu próprio coração e exige se apegar orgulhosamente à sua realeza e se livrar de toda a competição real.

Lucas 4 descreve um grupo furioso de judeus em um culto na sinagoga de Nazaré. Jesus os lembrou de como Deus salvou graciosamente os gentios durante os dias de Elias e Eliseu. Governados pelo orgulho e farisaísmo, esses “adoradores” da sinagoga rapidamente se inflamaram de raiva e procuraram matar a Cristo, o próprio que cumpriu suas próprias Escrituras.

Os trabalhadores da prata em Éfeso irromperam contra o apóstolo Paulo porque amavam o dinheiro (Atos 19). Eles perceberam que seu ataque à idolatria significava a perda de seu lucro. Quando os ídolos de metal em suas mãos foram ameaçados, os ídolos de mamom em seus corações explodiram.

Todos esses exemplos bíblicos — e há mais — reforçam o que Tiago 4 nos ensina: a raiva surge quando não conseguimos o que desejamos desesperadamente. Nossos desejos por coisas más, ou nossos desejos desordenados até mesmo por coisas boas, estão por trás de nossa raiva. Estas são as raízes do coração de nossas ervas daninhas raivosas.

Onde começa a sua raiva? Deus diz que começa em seu coração. Lembre-se das palavras da vovó Kresge: “Você precisa arrancar as ervas daninhas pela raiz ou elas simplesmente crescerão de novo”. Em nosso próximo capítulo, aprenderemos como erradicar essa raiva por meio do arrependimento bíblico.

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Leia Tiago 3:13–4:12 várias vezes de uma só vez e veja a incansável preocupação do apóstolo Tiago com o coração como sede da ira. De que várias maneiras ele descreve nossas raízes raivosas?

2. Leia os estudos de caso bíblicos mencionados na última seção e observe a ligação direta entre o coração exigente da pessoa e suas ações raivosas. Peça a Deus para torná-lo mais consciente dessa conexão em sua própria vida.

3. Observe com que frequência você pode pensar ou dizer frases que começam com “Eu preciso. . .” ou “Eu quero. . .” ou “Eu tenho o direito de . . .” Em seguida, considere quantas vezes o fracasso em satisfazer esses desejos o deixa com raiva ou, pelo menos, irritado ou frustrado. Treinando-se para se tornar mais sensível ao poder de seus desejos, você estará no caminho para se tornar biblicamente inteligente.

4. Preste atenção especial às ocorrências que você classificaria como “desapontamento”. Embora às vezes essas possam ser as experiências piedosas do sofrimento cristão em um mundo caído, elas também podem revelar maneiras pelas quais seus desejos se tornaram desordenados.

5. Mantenha um diário escrito de episódios de raiva (ou de conflito, depressão ou frustração, uma vez que estão intimamente ligados). O seguinte formato sugerido pode ajudar:

(a) Sua situação: Quem, o quê, onde, quando? Resuma o que aconteceu.

(b) Seu comportamento: O que você disse, fez e sentiu em resposta ao que aconteceu? Resuma suas palavras, ações e emoções, especialmente as negativas.

(c) Seus pensamentos e desejos: O que você estava pensando ou querendo em meio a essa situação? Resuma suas atitudes, pensamentos, desejos e motivos que podem ter motivado o comportamento errado. Observe qualquer dinâmica de “bom desejo, mestre ruim”.

ARREPENDIMENTO: O CAMINHO PARA DESENRAIZAR A RAIVA DO CORAÇÃO

EU Em nosso último capítulo, consideramos os conflitos conjugais de Jack e Jill; voltaremos ao caso deles no final deste capítulo, quando veremos o resultado humilhante que Deus trouxe.

Vimos no capítulo 3 que a causa da raiva está em nossos corações. Especificamente, com base em Tiago 4 e apoiado por uma série de outros textos bíblicos, vimos que a raiva surge de corações que são governados por algo diferente de Jesus Cristo. Ficamos com raiva quando não conseguimos o que desejamos profundamente. Isso é verdade até mesmo - e enganosamente - quando o que queremos não é inerentemente ruim. Entre os cristãos, muitas vezes é bom desejarmos demais ou por motivos egoístas.

REPREENSÕES QUE ATINGEM AS RAÍZES

Deixe-me propor um cenário fictício, mas que vai atingir muitos leitores: estou no final do meu dia de trabalho e me preparando para ir para casa. Estou ansioso para ver minha esposa e que ela me receba calorosamente quando eu chegar. Ao entrar pela porta da frente, anuncio: "Oi, querida; Estou em casa." Não recebo resposta. Eu ando até a parte de trás da nossa casa e vejo Lauren trabalhando em nosso computador doméstico. Repito minha saudação, mas recebo apenas um "Ah, é você; oi," enquanto ela continua a digitar. Minha expectativa de ser cumprimentada rapidamente se transforma em raiva.

Nesse ponto, várias expressões comportamentais podem surgir, algumas das quais examinaremos nos capítulos subsequentes. Vamos considerar quatro. Primeiro, posso gritar com minha esposa. Posso até atacar o back office com uma postura direta. Posso dizer a ela como ela falhou comigo, como "o mínimo que você pode fazer depois de eu trabalhar o dia todo é levantar e me cumprimentar", como "esposas realmente boas como Sally ou Cindy" cumprimentam seus maridos.

Por outro lado, posso responder de maneira oposta. Eu poderia me afastar e ir para o meu pequeno escritório em casa - retirando-me para a minha caverna - para me envolver em alguma autopiedade aparentemente merecida. *Se ela quiser falar comigo, ela pode rastejar até mim*. Afinal, eu sou o rei, e o rei Bob pode conceder acesso à sala do trono real a quem ele quiser. Depende de mim. Posso recebê-la, ou posso dispensá-la, mandando-a embora com indiferença.

Alternativamente, da minha mesma caverna, eu poderia pegar o telefone e ligar para meu amigo Doug e “compartilhar” (bons cristãos como eu não “fofocam”) o comportamento de Lauren com ele. “Doug, ela fez de novo. Trabalho duro o dia todo e só peço que ela me receba na porta. E o que eu ganho? Nada! Nada! Nada! E então acrescento um lamento final: “Tudo que eu quero é ser cumprimentado por minha esposa; isso é tão ruim? Doug, é claro, desempenha seu papel habitual de “apoio”. Ele me ouve, se compadece de mim, me garante que meu desejo é legítimo e que mereço ser saudado, e se junta a mim no processo contra minha esposa. Na verdade, Doug me confia algumas de suas próprias frustrações semelhantes com sua esposa, e logo estamos envolvidos naquele jogo familiar de “você pode superar isso?” Em pouco tempo, temos todos os ingredientes de um grupo de apoio para “maridos cujas esposas não os cumprimentam na porta”. Podemos até entrar no circuito de talk shows e começar grupos HWWGTAD de 12 passos por todo o país.

Mas minhas opções continuam. Um quarto passo pecaminoso que posso tomar é pegar o mesmo telefone e, desta vez, em vez de ligar para minha amiga, ligar para a amiga de Lauren. “Donna? Oi, Bob aqui. Ouça, você pode falar com Lauren para mim? Eu chego em casa todos os dias e ela nunca me cumprimenta. . . . Mas ela vai ouvir você, Donna. Dê a ela um pouco daquele conselho bíblico sobre ser uma esposa amorosa encontrado naquele livro que você leu. Você sabe, aquele sobre atender às necessidades emocionais de seu marido, ou encher sua garrafa térmica de amor, ou o que quer que seja chamado.

Agora, é óbvio que todas essas quatro respostas estão erradas. Na verdade, um irmão fiel em Cristo pode me repreender por cada um. “Bob, você sabe que não é certo perseguir sua esposa e gritar com ela. Jesus ordena que você a valorize e alimente, não a exploda e a bombardeie. Não é assim que Jesus trata você.” Envergonhado, abaixo a cabeça e me arrependo. “Você está certo, irmão; Eu pequei. Ó Deus, por favor, perdoe-me.”

“Além disso, Bob”, meu fiel amigo continua, “a maneira como você se afastou de sua esposa e se escondeu em sua caverna não é a maneira como Cristo amou sua noiva. Ele se moveu em direção a

ela em Efésios 5. Ele se aproximou, não se afastou. Envergonhado, abaixa a cabeça e me arrependo. “Você está certo, irmão; Eu pequei. Ó Deus, por favor, perdoe-me.”

“E Bob”, ele conclui, “você sabe que reclamar com seu amigo Doug é fofoca, e pedir à amiga Donna para intervir é manipulação. Em vez de ignorar ofensas menores ou ir até ela para lidar com seu problema, da maneira como Mateus 5 e Mateus 18 o instruem, você está envolvendo outras pessoas que não fazem parte do problema”. Mais uma vez, abaixo minha cabeça de vergonha e me arrependo. “Você está certo, irmão; Eu pequei. Ó Deus, por favor, perdoe-me.”

Como podemos avaliar o ministério do meu amigo? Tinha muitas marcas de amizade cristã. Ele se importava o suficiente comigo para me confrontar. Ele me confrontou com amor para me ajudar. Ele usou as Escrituras, não apenas sua própria opinião pessoal. Ele me conectou a Deus.

No entanto, algo está faltando no conselho de meu amigo. É útil, mas insuficiente. O que está faltando? Ele não confrontou meu coração. Ele não foi atrás das edições de James 4. Em particular, ele não repreendeu o desejo de meu coração de ser saudado por minha esposa, aquele desejo desordenado de uma coisa boa que produziu o fruto pecaminoso.

A GRAÇA DE DEUS: ESPERANÇA PARA CORAÇÕES IRADOS

Vamos ver como Deus procura graciosamente extirpar nossos desejos pecaminosos. Felizmente, Tiago 4 faz mais do que diagnosticar desejos pecaminosos. A Palavra de Deus dá esperança e ajuda a Jack e Jill, a você e a mim. Em que consistem essa ajuda e essa esperança? A graça de Deus! Ouça a resposta de Tiago no versículo 6: “Mas ele [Deus] dá mais graça. É por isso que a Escritura diz: 'Deus se opõe aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes'.”

Observe que a resposta de Deus para a raiva não vem de um conjunto de passos de ação ou dicas de autoajuda. A resposta de Tiago para corações irados não é “como fazer”, mas “para quem”: devemos ir ao próprio Deus. Como observou um conselheiro bíblico e autor, David Powlison, “a solução de James para o conflito interpessoal é chocantemente vertical”. O versículo [1](#)6 nos aponta para Deus como Aquele que fornece graça para os idólatras irados. Ele “nos dá mais graça”; ele “dá graça aos humildes”.

Que tipo de graça precisamos? Certamente precisamos *da graça perdoadora de Deus*, sua misericórdia em Cristo que perdoa todos os nossos pecados (Hebreus 4:16; 1 João 1:8–2:2). Nossa raiva - tanto no coração quanto no comportamento - é maligna. No entanto, felizmente, Jesus fornece perdão abundante. Sua fonte expiatória

nunca seca. Seu sangue nunca se esgota ou expira. Há misericórdia até para os idólatras irados.

Leitor, não minimize esta provisão. Depois de ver a profundidade de sua raiva - as raízes da raiva, não apenas os frutos da raiva - você descobrirá que precisa de um Salvador maior do que pensava. Você precisará de um Salvador grande o suficiente para perdoar grandes pecadores - pecadores que pecam interiormente em seus corações exigentes, não apenas externamente com suas línguas críticas. Louvado seja Deus por termos um Redentor tão imponente.

No entanto, também precisamos da *graça capacitadora de Deus*, a graça que nos capacita a ser e fazer o que ele quer que sejamos e façamos. É graça divina “ajudar-nos na hora da necessidade” (Hb 4:16). É a graça poderosa que é “suficiente” em tempos de fraqueza (2 Coríntios 12:9–10). Sua graça nos permite perdoar aquelas pessoas cujas ofensas provocariam raiva. Ele nos capacita a superar progressivamente os padrões de longo prazo de julgamento, desabafo e clamor. A graça de Deus nos nutre, guia e fortalece mesmo quando nossas más circunstâncias continuam.

NOSSA RESPOSTA: ARREPENDER-SE DOS DESEJOS DO CORAÇÃO IRADO

Como devemos responder a esta gloriosa oferta de graça de Deus para pessoas iradas? Tiago 4 usa uma série de metáforas para apelar ao arrependimento completo do coração. Nos versículos 4–5, Deus nos chama para rejeitar nossos amantes mundanos. “Vocês adúlteros, não sabem que a amizade com o mundo é ódio a Deus? Quem escolhe ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus. Ou você acha que a Escritura diz sem razão que o espírito que ele fez viver em nós tende à inveja? . . . ?”

O apóstolo invoca a imagem do adultério espiritual do Antigo Testamento para nos chamar a abandonar nossa exigência pecaminosa. Embora os falsos conselhos e os vãos encantos do mundo não possam causar pecado, eles moldam e estimulam nossos desejos de maneiras poderosas. Os flertes de Jack e Jill com suas próprias exigências do coração - o que eles erroneamente pensam que *devem* ter um do outro - comprometem sua fidelidade a Deus e um ao outro. James nos implora para parar de fazer amizade e dormir com mentiras.

Nos versículos 6–10, Deus nos chama para nos arrependermos de nossos desejos pecaminosos de governo. James emite uma série rápida de comandos específicos:

É por isso que a Escritura diz: “Deus se opõe aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes”. Submetam-se, então, a Deus. Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Aproxime-se de Deus e ele se aproximará de você. Lavai as mãos, pecadores, e purificai os vossos corações,

vacilantes. Lamentar, lamentar e lamentar. Transforme seu riso em luto e sua alegria em tristeza. Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará.

Devemos nos humilhar diante de Deus. A repetição de “humilde” no início e no final forma uma *inclusão literária* – um par de suportes de livros – que delimita esta seção. Devemos abandonar o tipo de orgulho “meus direitos, meu reino, minha vontade” que gera raiva.

Certa manhã, minha esposa e eu estávamos montando nosso berço não utilizado para hospedar alguns bons amigos. Eles e seu novo bebê viriam nos visitar por vários dias. Armados com nossas chaves de fenda, ela à direita e eu à esquerda, avançamos para concluir nossa tarefa.

Quando Lauren terminou seu lado, ela percebeu que eu estava tendo um problema. Eu estava fazendo pouco progresso (mais tarde descobrimos que o orifício do parafuso foi removido). Ela se inclinou para perguntar inocentemente se poderia ajudar. Eu bati com ela com raiva: “Não, eu não preciso de ajuda!” e continuei com meu trabalho infrutífero, descarregando vapor de ambas as orelhas avermelhadas. Acabamos terminando a tarefa juntos, em um silêncio frio.

Eu refleti sobre esse episódio mais tarde naquele dia. *Por que eu bati nela? Por que as palavras afiadas? Por que o aumento da temperatura?* Enquanto examinava meu coração, Deus, o grande Cirurgião, já guiava seu bisturi. Percebi que minha raiva vinha de desejos pecaminosos gêmeos: *devo estar no controle deste projeto e devo ser visto como o competente. Ela e outros devem me ver como o “homem da casa”, aquele que pode aparafusar rápida e habilmente qualquer parafuso (mais rápido que uma bala, é claro) e lidar com qualquer tarefa de manutenção “viril”.*

Felizmente, Deus me mostrou minha loucura e o orgulho de minhas crenças. Eu havia absorvido um padrão falso, uma definição antibíblica de liderança e masculinidade. Outros homens eram habilidosos faz-tudo, incluindo o pai de Lauren; Eu também devo ser. Tal legalismo me escravizou e gerou minha raiva. O desejo de parecer competente — de acordo com meus padrões — me controlava.

Pela graça de Deus, eu me humilhei e vim a ver que a verdadeira masculinidade não consiste em papéis socialmente determinados. Envolve edificar e encorajar minha esposa. Também significa assumir a responsabilidade pelas tarefas domésticas, melhorar minhas habilidades de faz-tudo sempre que possível e aprender com minha esposa - juntos - como remontar berços. Busquei seu perdão e reconciliamos a tensão. Até rimos muito depois: ambos concordamos que eu não deveria largar meu emprego para ser carpinteiro!

Voltando a Tiago 4, vemos no versículo 7 que o arrependimento inclui submeter-se a Deus e aproximar-se dele. Você deve “lavar as mãos” e “purificar o coração” — outra maneira de descrever o arrependimento comportamental e interno, ou “fruto e raiz”. As ervas daninhas da raiva devem ser arrancadas. Tiago vê corretamente os cristãos irados como pecadores salvos que precisam de arrependimento contínuo. Como Paulo em Romanos 7, somos pessoas de mente dúbia com lealdades divididas entre Deus e os ídolos (Tiago 1:6–8). Devemos lamentar, lamentar e lamentar. O arrependimento é um assunto sério e resulta em tristeza emocional pelo pecado.

O versículo 7 coloca de outra forma: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”. Assim como o mundo, o diabo não *causa* nossa raiva, mas estimula os desejos pecaminosos — nossa carne — que a causam (observe a estreita conexão entre nossos corações pecaminosos e Satanás em Efésios 2:1–3; 4:26–27; Tiago 3:15). Tanto o pecado quanto Satanás procuram nos devorar (Gn 4:7; 1 Pedro 5:8). Embora seja errado culpar Satanás por nossa raiva, é ingênuo isolá-lo dela. Ambas as atividades são perigosas.

Qual é o nosso modo de guerra contra o diabo? Observe o verbo operativo “resistir”, o comando mais frequente nas epístolas para o modo de guerra contra ele (ver também Efésios 6:10–18; 1 Pedro 5:8–9). Nem Tiago nem qualquer outro escritor de epístolas nos manda exorcizar ou repreender o diabo ou seus demônios.

O que significa resistir ao diabo? O contexto de cada passagem produz respostas. Resistimos a Satanás em Tiago 4:7 ao nos aproximarmos de Deus em humilde submissão, fé e arrependimento. Em 1 Pedro 5:6–9, resistimos a ele permanecendo firmes na fé, exercendo autocontrole e vigilância espiritual, humilhando-nos perante o Senhor e lançando sobre ele nossas ansiedades. E Efésios 6:10–18 nos chama a resistir, vestindo e permanecendo firmes em nossa armadura cristã de fé, retidão, verdade e oração.

Resistir ao diabo, então, significa identificar e rejeitar suas mentiras. Resistir implica expor e resistir às suas tentações. Significa descansar em nosso Salvador-Advogado, Jesus Cristo, o Justo, em meio às acusações de Satanás. Envolve arrepender-se da carne e recusar-se a seguir o exemplo raivoso e a vontade assassina do diabo. Isso significa uma agenda diferente para Jack enquanto ele volta para casa e Jill enquanto ela antecipa sua chegada.

Finalmente, nos versículos 11-12, Deus chama você para renunciar ao seu jogo de Deus e se recusar a usurpar suas únicas prerrogativas:

Irmãos, não caluniem uns aos outros. Quem fala contra seu irmão ou o julga fala contra a lei e a julga. Quando você julga a lei, você não a está guardando, mas está sentando para

ulgá-la. Há apenas um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Mas você - quem é você para julgar seu próximo?

Em certo sentido, todo pecado reflete o jogo de Deus. O primeiro ato pecaminoso surgiu do desejo de Adão e Eva de serem como Deus (Gn 3:1–6). Assassinato usurpa o direito de Deus de dar e tirar a vida. Roubar apodera-se de seu direito de distribuir bênçãos materiais como bem entender.

E quanto à raiva ou calúnia? Como uma forma de julgamento - um julgamento moral negativo contra o mal percebido - estes também são jogos de Deus. Usurpamos seus direitos. Como assim? Começa quando legislamos o comportamento necessário para o outro. [2](#) Podemos ou não escolher contar à outra pessoa. Por exemplo:

- Quando você dirige seu automóvel, você não deve virar para a esquerda ou para a direita na minha frente, a menos que você sinalize sua intenção de fazê-lo com sua seta.
- Não deixarás que o sol se ponha no meu telefonema ou e-mail, mas deves devolvê-lo hoje, enquanto ainda é chamado hoje.
- Tu me amarás do jeito que eu quero ser amado, com todo o teu coração, alma, mente e força.

Se você quebrar um dos meus estatutos, eu registro sua violação em meu livro de registro mental. Posso ou não apresentar as provas a vocês, dependendo da minha preferência (afinal, posso fazer o que quiser no meu mundo imaginário em que reino divinamente!). Em ambos os casos, sou tanto a testemunha principal quanto o promotor-chefe contra você. Além disso, eu interpreto tanto o juiz quanto o carrasco. Eu soo o martelo, declaro-te culpado, sentencio-te a qualquer punição que esteja ao meu alcance e faço justiça.

Como é o arrependimento? Eu jogo fora meu livro de estatutos. Retiro as acusações. Eu cubro suas ofensas com o manto do amor cristão e as apago do meu livro. Eu coloco meu martelo, desço meu banco judicial e removo meu manto preto. Recuso-me a puni-lo, mas, em vez disso, começo a amá-lo.

E quanto aos pecados graves que as pessoas cometem contra nós? Deus nos chama para repreender tais ofensores e talvez dar o próximo passo ao convocar as autoridades civis ou da igreja. No entanto, mesmo aqui devemos, em última análise, confiar tais perpetradores às mãos justas de Deus. Devemos aprender a deixá-lo ser o legislador, registrador, testemunha, promotor, juiz e carrasco. Ele nos chama a confiar em sua justiça perfeita. Ele condenará o culpado e justificará o justo em seu tempo e de sua maneira. Ele não nos substituiu.

ASSUMINDO SUA CULPA E RECEBENDO A GRAÇA DE DEUS

Você se lembra da verdade de Tiago 4:6? Deus “nos dá mais graça. É por isso que a Escritura diz: 'Deus se opõe aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes'. ” Para receber a graça perdoadora de Deus, você deve reconhecer sua raiva. Deus se opõe aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes. Não devemos culpar as circunstâncias passadas ou presentes. Nós somos responsáveis. Não é uma questão inocente obedecer a desejos egoístas, marchar ao ritmo do mundo e de seu governante perverso e destronar Deus Todo-Poderoso. Nossos próprios corações causam nossa raiva. Como Provérbios 28:13 declara: “Quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia”.

Como soa a transferência de culpa? “Fiquei com raiva *porque* ele gritou comigo.” Isso revela a ocasião, mas não a verdadeira causa da raiva - meu desejo dominante de tratamento justo. Considere a visão funcional do homem embutida nestas queixas comuns:

- “Ela me deixou com tanta raiva.”
- “Meus filhos me irritam.”
- “O diabo me enganou.”
- “Eu tenho o temperamento do meu pai.”
- “Não sou eu, mas a bebida falando.”
- “Eu fico assim todo mês por causa da TPM.”

Cada uma dessas afirmações implica que somos vítimas ou máquinas passivas, sujeitas ao controle de outra pessoa (ou coisa). Um dos meus desenhos animados favoritos ilustra habilmente essa tendência. Dois robôs de peito largo - marido e mulher - sentam-se no escritório de um terapeuta de casamento humano. A legenda cita o conselheiro: “Posso ver que vocês dois são extremamente hábeis em apertar os botões um do outro”.

Contra essa visão, a Bíblia nos retrata como agentes morais ativos — feitos à imagem de Deus — responsáveis por nosso próprio comportamento. Não devemos culpar nossos familiares, nossos amigos, nossos genes, nossos pais, nossos líderes religiosos, a sociedade, nossos hormônios ou o diabo por nossa raiva.

Em vez disso, quando nos humilhamos diante de Deus e confessamos que nossa raiva é nossa, originada de mentiras e concupiscências idólatras, encontramos a graça perdoadora e capacitadora de Deus. Devemos nos encontrar com Deus, nos aproximar de Deus, ter relações com Deus, nos submeter a Deus e levar nossa ira a Deus. Devemos mudar nossa fé funcional de ídolos de coração inúteis para o Filho de Deus.

Começamos identificando o desejo dominante. Escrevê-lo é um passo útil. “Estou com raiva agora porque penso erroneamente que devo ter um marido que _____.” Então, arrependa-se, não do

desejo em si, mas do domínio do desejo, da maneira como você tem permitido que ele controle seu coração. Peça a Deus por sua graça perdoadora e capacitadora. E submeta conscientemente esse desejo à soberania, bondade e sabedoria de Deus. Em seguida, busque conscientemente por oração e meditação olhar acima dela com um desejo maior de conhecer e amar a Deus, viver as implicações da cruz e servir aos outros.

PAPAI REI OU PAPAI SERVO?

O que acontece quando comungamos com Deus? Ele nos assegura que ele, não nós, julgará os malfeitores e justificará seu povo. E nós o encontramos como nosso próprio Salvador misericordioso e o Pai soberano comprometido com sua glória eterna e nosso bem eterno. Este Deus de toda a graça nos inunda com profundo arrependimento e fé renovada.

Nos primeiros dias de meu pastorado, complementava minha renda pintando casas. Uma semana, eu tinha um trabalho de pintura em uma cidade a trinta minutos de distância. Comecei na segunda-feira e trabalhei onze horas por dia. No final da primeira noite, eu estava exausto e com fome. Cheguei em casa às 20 horas cheio de minhas próprias necessidades: *devo ter o jantar pronto para mim e servido por minha esposa. Devo ter filhos que me deixem em paz e me deixem relaxar. O Rei Papai chegou; todos se curvam!*

Como Jack em nosso caso acima, quando essas exigências não foram atendidas, fiquei com raiva. Por que? Em que mentiras eu acreditei? O mundo, no meu universo de brincar de Deus, deveria girar em torno de mim. Minha esposa e filhos eram luas feitas para orbitar ao meu redor, o sol. Lauren existia para me proporcionar ceia e tranquilidade. Meus filhos deveriam seguir meus decretos e ordenanças e obedientemente abster-se de interromper o descanso do rei. Como você pode imaginar, minha família e eu tivemos uma noite infeliz.

Voltei para casa pelo mesmo caminho na noite seguinte, tão faminto e cansado quanto antes. No entanto, desta vez foi diferente. Deus me encontrou em oração. Ele me surpreendeu com um texto simples, Marcos 10:45: “Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”.

Por meio desse único versículo, Deus colocou toda a minha agenda diante dos meus olhos. Eu seria como meu Salvador ou como aqueles que o mataram? Procuraria ser servido ou servir? De quem eu estava procurando o prazer? “Pois nem mesmo Cristo agradou a si mesmo . . .” (Romanos 15:3).

O que aconteceu naquela noite? Eu me aproximei de Deus e ele se aproximou de mim. Meu encontro com o Filho do Homem me

mudou. Tendo me arrependido do egocentrismo e agora com uma nova meta de serviço cristão, fui abençoado com uma noite de paz e alegria com minha família. Submeti meus desejos por comida e tranquilidade aos desejos maiores de Deus, ou seja, que eu fosse um amante piedoso e servo de minha família. King Daddy foi exilado; O servo papai havia chegado. Em vez de “King Daddy veio; todos reverenciem”, o tema da noite tornou-se “O servo papai está aqui; fique feliz!”

O problema que tive naquela primeira noite é o problema que levantamos no cenário fictício no início deste capítulo. O desejo de ser recebido na porta pode dominar tanto o coração de alguém que, quando não é atendido, pode produzir todo tipo de expressão de raiva. Mas o texto de Marcos 10:45 citado acima expõe o verdadeiro problema: querer ser cumprimentado, não cumprimentar! Na verdade, podemos parafrasear as palavras de nosso Senhor desta forma: “Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser *saudado*, mas para *saudar* e dar a sua vida em resgate por muitos”.

ARREPENDIMENTO DE JACK E JILL

Em Jesus Cristo, as pessoas iradas encontram um Salvador perfeitamente adequado para atender às suas necessidades mais profundas de misericórdia perdoadora e esperança poderosa. Ele morreu e ressuscitou para conquistar sua raiva. Sua Palavra tem respostas. Seu Espírito tem recursos. Sua igreja tem sabedoria. Você pode rejeitar o mundo, arrepender-se de seus desejos dominantes, resistir a Satanás e renunciar ao seu jogo de Deus. Ele nos dá mais graça!

Como essas verdades sobre Deus e sua graça afetaram Jack, o gritador raivoso, e Jill, a fugitiva raivosa? Felizmente, eles transformaram seus corações. Vamos encerrar este capítulo ouvindo o arrependimento deles. Observe particularmente a consciência recém-descoberta e discriminatória de Tiago 4 sobre os desejos malignos que impulsionam sua raiva:

Jack: “Senhor, tu sabes que eu gostaria de uma esposa que mantivesse a casa limpa, cuidasse melhor dos filhos e mostrasse mais interesse sexual. Mas eu não *tenho* que ter essas coisas. Percebo que em Cristo não preciso deles, embora muitas vezes viva como se precisasse. O desejo por essas coisas muitas vezes me domina. É por isso que critico Jill. É por isso que eu reclamo e deliro. Senhor, tenho obedecido ao mundo, à carne e ao diabo.

“Pai, me perdoe. Tenho absorvido as mentiras do mundo. Ajude-me a rejeitá-los. Eu cooperei com o diabo, que está criando uma barreira entre mim e minha esposa. Ajude-me a resistir a ele. Acima

de tudo, brinquei de Deus. Eu usurpei seu trono exigindo que meu reino venha e minha vontade seja feita.

“Obrigado pelo sangue de Jesus, seu Filho, que pagou por todos os meus pecados - tanto minhas palavras impetuosas quanto meus desejos idólatras. Obrigado por ele ter morrido e ressuscitado por pecadores como eu. Obrigado por seu Espírito, que me permite amar Jill do jeito que Cristo amou a igreja e se entregou por ela na morte sacrificial. Ajude-me, querido Senhor, a morrer para mim e viver para você. Ajude-me a amar Jill com seu tipo de amor. Esteja comigo esta noite enquanto busco seu perdão. Amém.”

Jill: “Senhor, tu sabes o quanto eu gostaria de um marido que fosse mais gentil e paciente e menos crítico. Tenho certeza de que é isso que você quer que Jack seja. Mas isso é entre você e ele. Senhor, eu pequei. Meu desejo por essas coisas fez de mim uma esposa azeda, fria e amarga. Eu gostaria que Jack mudasse, mas não preciso que ele mude. Com sua ajuda, posso ser uma esposa gentil e cristã.

“Pai, vejo que assumi seu papel de legislador, promotor, juiz e carrasco. Eu decretei que Jack deve me amar do jeito que eu quero ser amado. Tenho mantido um registro de seus pecados e os repassado todos os dias, o dia todo, em minha mente. Eu julguei e o declarei culpado. E impus minha sentença afastando-me dele e criticando-o perto de meus amigos. Eu me arrastei quando ele me pediu para fazer um trabalho melhor com a casa e as crianças.

“Agora vejo como fui sutil e perverso. Tenho acreditado nas mentiras do mundo — mesmo nas encontradas em alguns livros de autoajuda “cristãos” — sobre o que as esposas precisam. Cedi às tentações de Satanás e sinto muito.

“Perdoe-me, Senhor, pelos meus muitos pecados, especialmente aqueles em meu coração. Obrigado por enviar Jesus para morrer por mim. Ajude-me a viver para ele. Ajude-me a descansar em sua justiça. Ajude-me a submeter meus desejos, mesmo os bons, a você. Ajude-me a perdoar Jack como você me perdoou. Ajuda-me a ser uma esposa que te agrada e serve ao meu marido. Amém.”

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Na próxima vez que você ficar com raiva de alguém, observe sua tentação de culpar a pessoa, a situação, o diabo ou até mesmo seu próprio cansaço ou condição física e, assim, ignorar seu próprio coração. Quem ou o que você normalmente culpa? Lembre-se das advertências de Tiago 1:13–15; 3:13–16; e 4:1–3. Frequentemente, um pastor, presbítero ou amigo cristão maduro pode ajudá-lo a ver esses pontos cegos.

2. Memorize Marcos 10:45. Da próxima vez que alguém deixar de tratá-lo da maneira que você gostaria de ser tratado, use o princípio

da servidão em Marcos 10:45 para perguntar se você é mais motivado a ser servido ou a servir. Por exemplo, se alguém não cumprir uma promessa ou não retornar seu telefonema ou e-mail, use isso como uma oportunidade para lembrar se você mesmo não fez o mesmo com alguém.

3. Continue a mesma atividade recomendada no final do capítulo 3, mas adicione o quarto item listado abaixo:

(a) Sua situação: Quem, o quê, onde, quando? Resuma o que aconteceu.

(b) Seu comportamento: O que você disse, fez e sentiu em resposta ao que aconteceu? Resuma suas palavras, ações e emoções, especialmente as negativas.

(c) Seus pensamentos e desejos: O que você estava pensando ou querendo em meio a essa situação? Resuma suas atitudes, pensamentos, desejos e motivos que podem ter motivado o comportamento errado. Observe qualquer dinâmica de “bom desejo, mestre ruim”.

(d) As Respostas de Deus: Como Deus quer que você lide com esta situação agora ou na próxima vez que ocorrer? Que mudanças em seu comportamento e em seus pensamentos, desejos e motivações parecem necessárias? Que medidas você deve tomar para erradicar essa raiva?

4. Memorize Tiago 4:6. Peça diariamente a Deus que ensine e derrame em você sua graça perdoadora e capacitadora, para que você possa lidar sabiamente com as situações que normalmente o provocam à raiva. Quando seu coração irado crescer por dentro, lembre-se de sua promessa de se opor aos orgulhosos, mas dê graça a você que se humilha.

5. Revise as orações de Jack e Jill acima e destaque como eles perceberam que sua raiva era idólatra — brincar de Deus, ouvir a voz de seu inimigo e colocar pessoas ou coisas acima dele. Use suas orações para encorajar seu próprio arrependimento e comunhão com Deus em oração.

MUDANDO NOSSO COMPORTAMENTO RAIVOSO: REVELAÇÃO PECAMINOSA

Jack e Jill percorreram um longo caminho desde a luta de quinta à noite. Eles aprenderam que uma mudança piedosa completa e duradoura começa no coração. Palavras e ações iradas surgem de crenças e motivos egoístas. Raízes pecaminosas produzem frutos pecaminosos. O Senhor usou passagens como Tiago 4 para expor seus desejos pecaminosos, provocar seu arrependimento de todo o coração e acompanhá-los à comunhão com o Deus da graça perdoadora e capacitadora.

Mas este é apenas o começo. A mudança comportamental deve acompanhar a mudança do coração. Como Jack e Jill mudam seu comportamento raivoso?

Vamos lembrar suas ações. Jack revelou sua raiva apontando a língua para a esposa e o punho para a parede. Ele desabafou e explodiu. Por que? Não porque ele fosse constitucionalmente uma panela incontrolável de água fervendo, mas porque queria tornar seu ponto de vista conhecido e sentido por todos dentro da casa. *Todos vocês precisam me ouvir.* Em outras palavras, ele acreditava que revelar sua raiva dessa maneira atingiria seu objetivo. *Talvez Jill se sinta mal o suficiente sobre seus fracassos em mudar.* Jack gritou para vencer o conflito.

Jill, por outro lado, escondeu sua raiva contra Jack. Ela estava igualmente furiosa, mas não gritou e delirou. Em vez disso, ela escondeu sua raiva de Jack, retirando-se para a outra sala. Lá ela e seus feijões verdes ferviam.

É importante notar que em outros momentos, e em relação a outras pessoas, a tática se inverteria. Jill ocasionalmente explodia Jack e seus filhos. Jack fervilhava com uma mistura de culpa e raiva por baixo de seu exterior aparentemente composto, especialmente quando ficava com raiva de seu chefe.

Como devemos avaliar seu comportamento raivoso e como podemos ajudá-los, e a nós mesmos, a adiar suas práticas pecaminosas?

Para responder a uma pergunta tão ampla, vamos primeiro considerar uma maneira de organizar os tipos de comportamento raivoso. Uma vez que a Escritura não fornece nenhuma tipologia simples – ela desafia tal partição – não podemos ser dogmáticos ao

criar categorias. Como podemos cortar o bolo de forma a abranger os dados bíblicos?

A abordagem mais popular entre os conselheiros seculares e cristãos vê o comportamento raivoso como ventilação (ou explosão) ou como internalização (fechamento). Os ventres explodem; coisas de clambers. Venters sopram suas tampas; os moluscos cozinham silenciosamente por dentro, sob as pálpebras. (Em algum momento o clammer pode explodir, mas não necessariamente.) Embora essa divisão básica seja útil, seu foco no mero comportamento pode perder a intencionalidade por trás da ação. Além disso, existem muitas maneiras de autocontrole (por exemplo, cálculo de vingança) pelas quais alguém pode externar raiva sem desabafar. Além disso, as metáforas de ventilação e clamor podem sugerir que a raiva é um tipo de fluido que deve ser liberado ou drenado de alguma forma.¹

Talvez uma maneira mais útil de categorizar as respostas de raiva seja pensar em maneiras pelas quais uma pessoa pode revelar sua raiva ou escondê-la. As pessoas escolhem expressar sua raiva (às vezes desabafando) ou escondê-la.² Nos envolvemos em operações abertas ou encobertas. Os métodos reveladores consistem em várias maneiras pelas quais deixamos que os outros saibam e sintam nossa raiva. As táticas de ocultação escondem nossa raiva dos outros, embora a própria raiva permaneça.

Ambas as estratégias, é claro, são pecaminosas. Tanto a revelação da raiva quanto a ocultação da raiva ofendem a Deus e sabotam os relacionamentos, e exigem passos bíblicos específicos de correção e substituição. Este capítulo enfoca a revelação pecaminosa; o próximo aborda a ocultação pecaminosa.

Como podemos controlar e corrigir expressões pecaminosas de raiva e substituí-las por palavras e ações cristãs? Que diretrizes a Palavra de Deus nos dá?

Difícilmente precisamos descrever as maneiras pelas quais as pessoas revelam raiva. Já ouvimos isso com muita frequência em nós mesmos e nos outros: bocas raivosas, vozes altas, línguas afiadas, palavrões não apagados. Também testemunhamos: punhos arremessados, portas batidas, pessoas saindo de uma reunião. Não há limite para as maneiras pelas quais deixamos os outros saberem que estamos chateados.

EXEMPLOS BÍBLICOS DE RAIVA REVELADA

No capítulo 1, consideramos vários casos de raiva revelada na Bíblia. Vamos examinar vários outros. Gênesis 39 registra os maus tratos de José nas mãos de Potifar e sua esposa. Ela solicitou e abordou Joseph sexualmente. Embora ele tenha recusado e fugido, ela o acusou de tentativa de estupro. Infelizmente, Potifar ouviu as

acusações forjadas de sua esposa. Com uma raiva cega, ele julgou mal a situação e puniu José injustamente. Potifar “ardeu de raiva” contra José e jogou seu servo escolhido na prisão sem julgamento (vv. 19–20).

Moisés revelou sua ira pecaminosa em Números 20:6–12. Ao contrário do exemplo semelhante quarenta anos antes em Horebe (Êxodo 17:1–7), Deus disse a ele para não ferir a rocha, mas apenas falar com ela, e a água jorraria. No entanto, aqui em Cades, com raiva, Moisés feriu a rocha e proferiu palavras imprudentes (Sl 106:32–33). Deus, por sua vez, o repreendeu por sua incredulidade e por desonrá-lo diante do povo. Deus não aplaudiu Moisés por tirar sua raiva do peito; ele o julgou severamente. A raiva, como vimos, é uma questão moral, feita diante dos olhos de Deus.

Mateus 2:1–18 relembra os esquemas enganosos do rei Herodes para procurar e destruir seu recém-nascido concorrente real, “o rei dos judeus”. Quando seus esforços não tiveram sucesso, sua raiva atingiu níveis covardes. Ele não tentou esconder sua raiva: “Quando Herodes percebeu que havia sido enganado pelos magos, ficou furioso e deu ordens para matar todos os meninos de Belém e arredores, de dois anos para baixo, de acordo com o tempo que aprendera dos Magos” (v. 16). Sua determinação de coração maligno de se apegar à sua realeza acabou produzindo assassinato em massa.

PRECEITOS BÍBLICOS CONTRA A RAIVA REVELADA

As Escrituras não apenas nos dão exemplos de tal raiva pecaminosa, mas também registram diretrizes e advertências contra ela. No Sermão da Montanha, Jesus traçou a mesma conexão entre raiva e assassinato que o caso de Herodes ilustrou. Ele declarou em Mateus 5:21–22:

Vocês já ouviram que foi dito ao povo há muito tempo: “Não matem, e quem matar estará sujeito a julgamento”. Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Novamente, qualquer um que disser a seu irmão, “Raca,” é responsável perante o Sinédrio. Mas quem diz: “Seu tolo!” estará em perigo do fogo do inferno.

Duas observações estão em ordem. Primeiro, Jesus reconheceu a raiva como o equivalente moral do assassinato. A raiva do coração é a sementeira do homicídio. Ambos refletem falhas em amar a Deus e ao próximo. O apóstolo João concorda: “Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna nele” (1 João 3:15). Em segundo lugar, a raiva no coração normalmente sai em maldições dos lábios. Provérbios 4:23–24 faz a mesma conexão causal entre nosso coração e nossa fala (cf. Mateus 12:33–37; 15:17–20; Lucas 6:43–45).

Em Efésios 4:17–32, o apóstolo Paulo descreve a mudança radical que a salvação de Cristo traz, contrastando a nova vida do novo convertido com sua antiga vida. Parte dessa mudança de vida nova é o chamado para adiar os caminhos “antigos” (pecaminosos) e substituí-los por caminhos “novos” (justos). Nos versículos 29–32, ele resume várias formas reveladas de mau comportamento:

²⁹ Não saiam da boca de vocês palavras torpes, mas apenas as que forem úteis para edificar os outros de acordo com as necessidades deles, para que beneficiem os que ouvem. ³⁰ E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com quem fostes selados para o dia da redenção. ³¹ Livrem-se de toda amargura, raiva e raiva, brigas e calúnias, juntamente com toda forma de malícia. ³² Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdendo-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo.

Nossas palavras podres falham em edificar os outros (v. 29) e entristecem o Espírito de Deus (v. 30). Esse pesar do Espírito é descrito com mais detalhes no versículo 31. Paulo vasculha seu dicionário de sinônimos para delinear um pote pútrido de pecados de raiva, incluindo formas externas como raiva, briga e calúnia. Essa raiva pecaminosa contradiz a bondade, o perdão e o amor cristãos que deveriam caracterizar o povo de Deus (4:32–5:2).

Essas instruções de nosso Senhor e de seu apóstolo, juntamente com os exemplos de estudo de caso acima, nos alertam sobre os perigos de palavras e ações iradas. Tais revelações de raiva desonram nosso Senhor e destroem nossos vizinhos.

OBSERVAÇÕES SOBRE A RAIVA DE PROVÉRBIOS

O livro de Provérbios contém o mais rico depósito de advertências e instruções contra a ira revelada em toda a Escritura. Ele reúne em forma gráfica os insights que já vimos nas formas narrativa e didática. Além disso, seus rótulos penetrantes e metáforas marcantes o tornam especialmente valioso para persuadir a nós mesmos e àqueles a quem servimos a mudar. Vamos absorver seus insights enquanto percorremos algumas partes principais.

Provérbios 10 e 12 estão agrupados com referências a palavras piedosas e ímpias. Esses dois capítulos fornecem excelentes materiais para o estudo bíblico sobre a língua.

Talvez as palavras mais emocionantes desses capítulos estejam em Provérbios 12:18, um versículo que todo conselheiro e aconselhado desabafado deve memorizar e se alimentar: “As palavras imprudentes ferem como uma espada, mas a língua dos sábios traz a cura”.

O aviso é gráfico: palavras raivosas cortam fundo. O mesmo Jack “macho” que nunca bateria em uma mulher já cortou sua esposa muitas vezes com a língua. Este texto também mata o dístico

infantil: “Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas nomes nunca vão me machucar”.

No entanto, o convite deste texto é tentador. Jack pode - assim como você e eu - aprender a amar os outros por meio de sua fala. Podemos ministrar a nossa família com nossas línguas. Nossas palavras podem curar vizinhos feridos e enfaixar vidas mutiladas. Essa agenda adiada/adiada de Provérbios 12:18 pode e deve se tornar uma alta prioridade para nós.

Como Deus encara uma pessoa que revela sua ira? Ele não é apenas um homem violento (Mt 5:21-22; Pv 12:18). Provérbios 14:16–17 o chama de tolo e cabeça-quente:

O sábio teme ao Senhor e evita o mal, mas o tolo é impetuoso e imprudente. O homem de temperamento explosivo faz coisas tolas, e o homem astuto é odiado.

Ao contrário do nosso termo em inglês, um “tolo” no livro de Provérbios não é um palhaço jovial, mas um homem ímpio. Seu comportamento não convida ao riso, mas à pena e ao castigo. Tal texto se torna poderoso quando pessoas raivosas assumem tais títulos para si mesmas. Quando um revelador furioso como Jack começa a ver a si mesmo como Deus o vê, e chama a si mesmo de “venter” ou “cabeça quente”, ele começa a levar seu pecado a sério. Ele está pronto para se tornar “um homem sábio [que] teme ao Senhor E evita o mal”.

Outra descrição daqueles que revelam raiva pecaminosa é a impaciência. Mais adiante no mesmo capítulo, o escritor sábio observa:

Um homem paciente tem grande entendimento, mas um homem de temperamento explosivo exhibe tolice. Um coração em paz dá vida ao corpo, mas a inveja apodrece os ossos. (14:29–30)

Quando questionado na primeira sessão sobre sua explicação de por que explodiu, Jack declarou rapidamente: “Não tenho paciência”. Embora ele ainda não visse todos os ídolos do seu coração, ele entendeu este versículo. Ele exigiu que sua família fosse o que ele queria que fosse, imediatamente. Ele não queria apenas o *que* queria. Ele queria o que queria *quando* queria. Jack não compreendeu os tratos providenciais de Deus nem considerou as próprias lutas da vida de sua esposa e filhos. Suas expectativas, juntamente com sua impaciência, inflamaram suas tiradas.

O versículo 30 revela outra dinâmica operando na vida de Jack, ou seja, a conexão bíblica entre tal raiva/impaciência e problemas psicossomáticos (veja o capítulo 10). Sua pressão alta, estômago embrulhado e nervosismo constante — seus “nervos”, como ele os chamava — eram sintomas de seu pecado. À medida que aprendeu

a adiar a raiva e a viver em paz, sua alma e seu corpo desfrutaram de uma saúde renovada.

O décimo quinto capítulo de Provérbios fornece um par de versículos essenciais para o controle sábio da raiva:

A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a cólera. (15:1)

O homem de temperamento explosivo provoca discórdia, mas o homem paciente acalma a discussão. (15:18)

Observe as qualidades fingidas em contraste com a raiva. Devemos aprender tanto a mansidão quanto a paciência (ambos frutos do Espírito em Gálatas 5:22-23). Ao fazê-lo, promovemos a paz. Quando deixamos de responder de maneira piedosa, provocamos a raiva dos outros. O conflito aumenta. A calma evapora. O clamor irrompe. Jack aprendeu isso da maneira mais difícil. Em vez de criar um lar pacífico, suas tiradas apenas ataçaram as chamas da família e incitaram a discórdia doméstica. Os ventres geram ventres. Assim como Provérbios 12:18 acima, 15:1 é um versículo vital para todo crente conhecer e meditar.

Provérbios 29:11 fornece um terceiro versículo “obrigatório” para reflexão e aplicação sérias:

O tolo dá vazão à sua raiva, mas o sábio se mantém sob controle.

O texto contém várias verdades resumidas. Como “tolos”, os ventres precisam assumir essa declaração de identidade como um primeiro passo de arrependimento. Em vez disso, eles devem seguir os caminhos da verdadeira sabedoria, aquela sabedoria ancorada no “TEMOR do Senhor” (Pv 1:7; 9:10). Dar vazão à raiva é uma questão moral. É ignorar a Deus e desprezar a sua Palavra. A mudança ocorre quando a pessoa irada dá ouvidos à voz de Deus (Pv 1:20-33) e busca sua verdade (Pv 2:1-8).

Provérbios 29:11 destaca uma qualidade específica da sabedoria divina, um ingrediente que falta nos reveladores de ira: o autocontrole. O autocontrole deve substituir a ventilação. O revelador da raiva deve aprender a amordaçar a boca, como Provérbios 29:20 adverte:

Você vê um homem que fala com pressa? Há mais esperança para um tolo do que para ele.

O discurso apressado - incluindo suas formas imprudentes e raivosas - é visível para os espectadores. Infelizmente, há pouca perspectiva de bênção de Deus além do arrependimento. Quantas vezes você e eu ouvimos - pior, *dissemos* - palavras das quais nos arrependemos mais tarde. Jack costumava fazer isso. "Você é preguiçoso!" ele diria a Jill. "Por que eu me casei com você?" Depois

disso, ele ficou cheio de remorso por suas palavras precipitadas e ofensivas. Parte da agenda de Deus para Jack era se arrepender de sua língua assassina de caráter e falar palavras que ministrassem a Jill (Efésios 4:29).

Provérbios 16:32 e 25:28 fornecem um par de imagens de palavras cativantes que contrastam raiva com paciência e autocontrole:

Melhor um homem paciente do que um guerreiro, um homem que controla seu temperamento do que aquele que toma uma cidade. (16:32)

A verdadeira força aos olhos de Deus significa vitória sobre o próprio temperamento mais do que sobre os inimigos. O humilde seguidor de Cristo é mais poderoso do que o último super-herói da televisão ou boxeador profissional. O “cara durão” que explode com palavras altas ou punhos cerrados não sabe nada sobre a verdadeira força. Diante de Deus, ele é um covarde moral.

A segunda metáfora é igualmente impressionante:

Como uma cidade cujos muros estão derrubados, assim é o homem que não tem autocontrole. (25:28)

As antigas cidades do Oriente Próximo dependiam de paredes de pedra para se protegerem de bandidos invasores, lobos cruéis, exércitos conquistadores e coisas do gênero. Da mesma forma, as pessoas devem perceber que a ventilação descontrolada convida a invasões de seus inimigos espirituais. O homem ou mulher irado é presa fácil para o mundo, a carne e o diabo.

Jack veio para ver esta verdade. Embora tenha procurado aconselhamento para lidar com um problema específico, sua raiva, ele reconheceu que toda a sua vida estava em frangalhos. Ele se sentia longe de Deus e incapaz de orar. Ele começou a beber muito e a se expor à pornografia leve. Jack era uma cidade com muros derrubados. O aconselhamento envolveu a reconstrução dos muros do autocontrole em várias áreas-chave.

Jack também passou a ver o impacto que sua raiva revelada causava nos outros.

O irado provoca discórdia, e o irascível comete muitos pecados. (Pv 29:22)

No caso de Jack, a velha expressão “se o sapato serve, use-o” serviu muito bem ao seu pé. Além disso, para usar outra máxima, esse mesmo pé era um pé que ele frequentemente “colocava na boca”.

A raiva descarregada causa estragos nas pessoas e situações que toca. Produzida por desejos pecaminosos, ela, por sua vez, produz mais pecado (cf. a progressão desejo-pecado-morte em Tiago 1:14-15). A tempestade furiosa de Jack afetou o clima de sua casa.

Uma consequência específica da raiva de Jack ajudou a levá-lo ao aconselhamento. Sua raiva estava se tornando contagiosa. Quando o pequeno Johnny começou a gritar com sua mãe, Jack e Jill viram a dura verdade de Provérbios 22 bem na cara deles:

Não faça amizade com um homem de temperamento explosivo, não se associe com alguém que se irrita facilmente, ou você pode aprender seus modos e cair na armadilha. (22:24-25)

Jack estava inadvertidamente ensinando a seu filho seus próprios modos temperamentais. Johnny simplesmente seguiu o exemplo. O que mais Provérbios ensina aos reveladores de raiva? Junto com paciência e autocontrole, eles precisam aprender a ignorar e perdoar os pecados que outras pessoas cometem contra eles.

A sabedoria de um homem lhe dá paciência; é para sua glória ignorar uma ofensa. (Pv 19:11)

Venters reagem com pressa aos maus-tratos; discípulos pacientes respondem com perdão. “O amor cobre uma multidão de pecados” (1 Pedro 4:8; cf. Prov. 10:12).

Provérbios também nos orienta como lidar com aqueles que expressam raiva, além dos comandos gerais para repreendê-los e instruí-los. Não devemos tentar proteger as pessoas enfurecidas das repercussões negativas que Deus pode usar providencialmente para acordá-las. Desabafar a raiva incorre em consequências:

Um homem temperamental deve pagar a penalidade; se você resgatá-lo, terá que fazê-lo novamente. (Pv 19:19)

A desabafo de Jack havia se tornado um hábito desagradável. Na verdade, estava piorando. A violência estava no horizonte. O padrão tinha que ser quebrado. Se Jack tivesse continuado nesse caminho, seria correto Jill buscar a ajuda e a disciplina da igreja de Cristo. Nos casos em que os reveladores de raiva recorrem à violência, pode ser necessário chamar a polícia ou outras autoridades dadas por Deus (Rm 13:1-6).

Uma passagem mencionada acima, Provérbios 22:24–25, oferece conselhos adicionais sobre como lidar com aqueles que expressam sua raiva:

Não faça amizade com um homem de temperamento explosivo, não se associe com alguém que se irrita facilmente, ou você pode aprender seus modos e cair na armadilha. (22:24-25)

Uma vez que, como vimos, venters geram venters, a pessoa sábia deve evitar contato próximo com eles. A Bíblia reconhece realisticamente o poder de modelos ímpios e piedosos em nossas vidas. Devemos tomar cuidado com o perigo sutil e sedutor de más

companhias (Provérbios 1:10–19; 1 Coríntios 15:33). Para Jack, isso significava afastar-se de alguns de seus colegas de trabalho e cultivar amizade com alguns cristãos maduros em sua igreja (Hb 3:12–13; 10:24–25).

Considere um último insight de Provérbios sobre reveladores de raiva. Não espere argumentar com eles ou trazer reconciliação no meio de sua raiva:

Se um homem sábio vai ao tribunal com um tolo, o tolo se enfurece e zomba, e não há paz. (Pv 29:9)

Ao conversar com Jack sobre questões importantes, Jill aprendeu a “temporizar” seus comentários. Ela entendeu quando falar era sábio e quando era sábio não dizer nada. Ela esperou que Jack se acalmasse e se controlasse antes de levantar assuntos difíceis.

ESTRATÉGIAS PRÁTICAS E PASSOS PARA A MUDANÇA

As passagens do Antigo e do Novo Testamento mencionadas acima fornecem as verdades que os reveladores de raiva e seus conselheiros precisam para mudar. Vamos encerrar este capítulo com sete diretrizes práticas que incorporam essas verdades. Com o capítulo 9, eles formam uma agenda de aconselhamento/auto-aconselhamento.

1. Arrependa-se dos maus desejos que produzem seu comportamento raivoso e receba a graça capacitadora e perdoadora de Deus. Como vimos nos capítulos 3 e 4, você deve reconhecer e se arrepender das crenças e motivos pecaminosos que o levam a revelar raiva. Você deve desarraigar os ídolos do coração e conhecer o verdadeiro Deus. Rasguem seus corações, não suas vestes (Joel 2:13). Nenhum progresso completo e duradouro será feito sem uma extensa invasão do sistema ímpio de raízes. As etapas subsequentes assumem que você deu um golpe sério no coração e que está engajado em uma guerra contínua neste nível.

2. Assumir a responsabilidade por seu comportamento irado e identificá-lo como mau diante de Deus e do homem. Essa raiva é perversa. É diferente de Deus, desagradável para ele e contrário à sua agenda para sua vida. Também é desamoroso e prejudicial para todos os seus relacionamentos. Ele traz danos físicos e espirituais para aqueles em seu caminho e perfura aqueles ao seu redor (Pv 12:18). Você deve rejeitar todas as tendências de transferir a culpa e aceitar para si mesmo o rótulo bíblico de cabeça quente. Você deve ver o mal de seus caminhos tolos.

No início de nosso casamento, minha esposa e eu estávamos recebendo os pais dela na véspera de Natal. Tínhamos planejado passar a fita de vídeo do episódio original de Natal do *The Andy*

Griffith Show mais tarde naquela noite. Depois do jantar, todos se sentaram na sala de estar para desfrutar da alegria de Mayberry.

Então me lembrei de um importante telefonema relacionado à família que eu havia esquecido de fazer. Quando mencionei - na frente de todos - minha necessidade de fazer isso, Lauren mencionou - na frente de todos - que seria melhor eu esperar, já que estávamos todos prontos para assistir ao vídeo. Foi uma boa sugestão. No entanto, rosnei por dentro e depois murmurei um sarcástico: "Tudo bem, querido, o que você disser". Depois de fumegar e tramar dentro de casa por alguns minutos, percebi que tínhamos um problema e pedi para falar com ela em particular.

Enquanto conversávamos em nosso quarto, minha raiva continuou. Eu a acusei de ser mandona na frente de todos. Eu ameacei confrontá-la, puxá-la, opor-se a ela, etc., na frente de seus pais, se ela tentasse isso de novo! A tensão aumentou.

Enquanto conversávamos, porém, Deus me mostrou meu egocentrismo. Meu desejo de estar no controle da situação estava me levando. A opinião de sua família sobre mim me governou; o temor do homem me envolveu (Provérbios 29:25). (Observe a frase "na frente de" repetida duas vezes em minha descrição acima.) Eu não queria que os outros me olhassem como um daqueles maridos dominadores. Eles devem me ver como o responsável pela programação noturna. Infelizmente, a aprovação deles superou a aprovação de Deus. Eu valorizava mais seus olhos do que os olhos de Deus.

Além disso, o Senhor me mostrou quão pouco eu tinha noção de sua presença. Seus ouvidos atentos ouviram minhas palavras sarcásticas, minhas "palavras imprudentes [que] traspassam como uma espada" (Provérbios 12:18). Seus olhos perscrutadores viram meu rosto severo. Meu tratamento desamoroso para com minha esposa ascendeu ao trono do Todo-Poderoso. Mas eu estava alheio. O que gerou meu comportamento pecaminoso? Surgiu de um coração idólatra. Eu não estava descansando em Cristo ou buscando sua sabedoria. O telefonema poderia ter esperado mais meia hora. Eu poderia ter planejado a noite com mais cuidado. Meu amor-próprio ofuscou meu amor por Deus e minha esposa. Arrependimento significava humilhar-me diante de Deus e de minha esposa e buscar o perdão deles.

Felizmente, reconciliamos nosso conflito e cresci em meu conhecimento de Cristo e de meu próprio coração. Também aprendi mais sobre como liderar e nutrir minha esposa. Discutimos como eu poderia abordá-la com sabedoria e sensibilidade para levantar preocupações. Além disso, o Senhor me deu uma liberdade cada vez maior do enganoso medo do homem. A opinião de sua família sobre mim não importava de forma alguma. Na providência de

Deus, esse conflito tornou-se uma oportunidade para eu crescer em Cristo e glorificar o Pai.

3. Confesse e renuncie ao seu comportamento raivoso diante de Deus e dos outros. Depois de ver suas palavras e ações raivosas pelo que são, você deve confessá-las e renunciá-las como más (Provérbios 28:13; Atos 24:16). Comece - primeiro e sempre - com Deus (Sl 51:4). Em seguida, vá até cada pessoa a quem você ofendeu para confessar seu pecado, buscar humildemente o perdão e reconciliar pacientemente o relacionamento (Mt 7:3–5). Isso inclui expressar etapas práticas - um plano de jogo - por meio do qual você buscará a mudança.

4. Acredite novamente em Cristo e em suas promessas do evangelho para pessoas iradas. Tendo confessado seus pecados, você deve receber as novas promessas que Jesus Cristo lhe deu. Você deve descansar em sua provisão de graça perdoadora e capacitadora. Jesus morreu pelos cabeças-quentes, mesmo pelos cabeças-quentes que despejam repetidamente sua raiva. A justa ira que você merecia por sua ira pecaminosa foi derramada com toda a fúria sobre Jesus, o Cordeiro. Além disso, a mesma graça que o perdoa também o capacita à medida que você progressivamente controla, corrige e substitui seu comportamento raivoso.

5. Comprometa-se a tomar medidas ativas e concretas para substituir seu comportamento raivoso por palavras e ações cristãs. Confiante no favor e poder restaurados de Deus, você deve agora seguir um caminho específico de mudança. Embora os detalhes ultrapassem o escopo deste livro, o foco envolve oração, estudo e prática de várias qualidades e ações-chave do personagem:

- Autocontrole (Prov. 16:32; 25:28; 29:11; Gálatas 5:23). Isso inclui palavras e ações gentis e pacientes.
- Palavras piedosas (Prov. 10:19–21, 31–32; 12:18; 15:1; Ef. 4:25–32). Isso inclui falar de maneira verdadeira, benéfica, oportuna e gentil. Suas palavras devem edificar, curar e ministrar aos outros.
- Pacificação bíblica e resolução de problemas. “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5:9). Sua energia de raiva deve ser redirecionada para soluções construtivas à medida que você toma as medidas adequadas para confrontar, perdoar e reconciliar-se com outras pessoas. Seja você o ofensor (Mateus 5:23–26) ou o ofendido (Mateus 18:15–17; Lucas 17:3–4), Jesus o chama para tentar acertar as coisas com a outra pessoa. Ele chama você para perdoar os outros (Mateus 18:21–35; Efésios 4:32). Você deve buscar a paz como uma alta prioridade (Romanos 12:18; 14:19; Efésios 4:3; 2 Timóteo 2:22). Situações de raiva são oportunidades para se aproximar do seu Senhor.

6. *Estabeleça e execute um plano de tentação viável.* Ao começar a realizar essas etapas de mudança, você encontrará rapidamente a resistência do mundo, da carne e do diabo. Portanto, você deve elaborar e executar um plano claro e viável para resistir à tentação e evitar futuras explosões. Tal plano de tentação pode incluir os seguintes componentes:

(a) Evite ocasiões desnecessárias que o tentem a demonstrar raiva. As tentações relacionadas com os deveres diários são inevitáveis e requerem vigilância sóbria (João 17:15; 1 Coríntios 5:9–10). No entanto, você deve procurar evitar, pelo menos neste estágio inicial da batalha, aqueles locais ou atividades opcionais que provocam explosões. Ficar no refeitório da fábrica ou jogar em uma liga de basquete YMCA durante a semana pode ser muito estressante neste estágio. Abster-se de contato com certos amigos, associados ou vizinhos pode ser uma atitude sábia (Provérbios 22:24–25; 1:10–19; 1 Coríntios 15:33).

(b) Retire-se quando possível, o mais rápido possível, de situações explosivas. Os reveladores de raiva precisam reconhecer quando sua frustração está aumentando e deixar a cena. Os membros da família precisam dar permissão e até encorajar a pessoa a se afastar para se acalmar. Um conselheiro bíblico realmente aconselha os “cabeças quentes” a irem até a cozinha e enfiar a cabeça no freezer por dez segundos!

(c) No meio da tentação, peça força a Cristo e recite versículos-chave ou verdades bíblicas que você memorizou. Use cartões de índice de 3 por 5 nos quais você escreveu passagens-chave das Escrituras ou resumos concisos da verdade bíblica. Em vez de contar até dez quando sentir raiva, repita uma ou duas dessas verdades cinco vezes. Considere incluir um ou vários dos seguintes itens em seus cartões:

- “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (Provérbios 15:1).
- “As palavras imprudentes ferem como espada, mas a língua dos sábios traz a cura” (Provérbios 12:18).
- “O insensato dá vazão à sua cólera, mas o sábio se domina” (Provérbios 29:11).
- Verdadeiro, Benéfico, Oportuno e Gentil (palavras-chave sobre palavras piedosas baseadas em Efésios 4:25–32).
- Não preciso ficar com raiva agora. Ninguém pode me deixar com raiva. Eu não sou uma máquina. Cristo pode me ajudar a não explodir.
- Quando eu explodo, estou agindo como um tolo imprudente e cabeça-quente.

- Quando eu explodo, sou como um covarde e fracote (Prov. 16:32) e uma cidade sem muros (Prov. 25:28). Eu sou um alvo fácil para todos os tipos de perigos.

- O que vai agradar a Jesus Cristo agora? O que ele quer que eu faça neste minuto?

(d) Recrute crentes maduros para orar por você, aconselhá-lo, responsabilizá-lo e estar disponível durante e após as crises. Amigos piedosos e anciãos podem servi-lo durante esse período. Selecione pessoas que se importem, que sejam espiritualmente maduras e que lhe darão instruções piedosas - mesmo quando você preferir não ouvi-las! Pastores e conselheiros bíblicos podem orientá-lo nessa seleção.

(e) Manter um registro ou diário de incidentes pessoais de raiva. Registre sua situação, respostas e crenças e motivos subjacentes. Que padrões emergem? Existem pontos em comum em quando e com quem você desabafa? Escrever suas respostas pecaminosas fornece material específico para confissão e arrependimento. Você também pode avaliar como, especificamente, precisa lidar com essas situações de maneira diferente. Quais etapas são indicadas? O diário também permite que seu pastor, amigo cristão ou conselheiro bíblico o ajude com mais sabedoria.

7. Continue a estudar fervorosamente as Escrituras e os recursos baseados nas Escrituras sobre tópicos relevantes. Nos próximos dias, você vai querer crescer em sua compreensão bíblica da raiva, do autocontrole, da resolução de conflitos, da paciência e da língua. Estudar e memorizar as bem-aventuranças (Mateus 5:3–12) e o fruto do Espírito (Gálatas 5:22–23) são benéficos. Meditar na vida de Cristo, especialmente em como ele lidou com os conflitos, renderá ricos dividendos. *The Peacemaker: A Biblical Guide to Resolvendo Personal Conflict and Peacemaking for Families*, de Ken Sande, e *Your Family, God's Way: Developing and Sustaining Relationships in the Home*, de Wayne Mack, são excelentes leituras suplementares.³

Felizmente, Deus começou a usar esses passos para mudar Jack. Embora Jack não tenha chegado a uma vida livre de raiva, ele está no caminho certo. Seu movimento é visível para todos, especialmente para sua família. Suas tiradas são menos frequentes e menos intensas. Ele está aprendendo a usar a língua para elogiar Jill e até mesmo para levantar assuntos difíceis com ela de maneira gentil.

É a Jill? Em nosso próximo capítulo, examinaremos a agenda de mudança de Deus para os que escondem a raiva.

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Selecione dois ou três dos versículos de Provérbios que examinamos, especialmente aqueles que parecem mais fortes e memoráveis para você. Guarde-os na memória e medite sobre eles enquanto se envolve com as pessoas que você considera mais provocantes. (Uma maneira de pensar em meditar é rolar o verso na boca de sua mente como um pedaço de rebuçado e chupá-lo e saboreá-lo em situações estressantes.)

2. Revise as sete etapas práticas acima. Esteja disposto a compartilhar seu conteúdo com seu pastor, um amigo cristão maduro ou um conselheiro bíblico, e convide-o a ajudá-lo a aplicar o conselho bíblico deste capítulo.

MUDANDO NOSSO COMPORTAMENTO IRADO: OCULTAÇÃO PECAMINOSA

Y Você não saberia a princípio que Jill tinha um problema de raiva. Para os espectadores, ela parecia bem-sucedida e muito “combinada”. Os amigos admiravam sua capacidade de realizar tanto. Ela era uma esposa fiel e mãe conscienciosa de dois filhos em idade escolar. Ela ensinava na escola dominical e gostava de hospedar um estudo bíblico em sua casa. Além disso, Jill trabalhava meio período em um escritório de contabilidade no centro da cidade. No entanto, por baixo, como vimos anteriormente, nem tudo estava bem. “Por dentro”, ela admitiu ao pastor, “estou uma bagunça”. Taciturna e deprimida, ela era um feixe de amargura. Ela repassava regularmente em sua mente as repreensões de seu pai e o não envolvimento de sua mãe em sua vida. Ela ensaiava diariamente como seu supervisor de escritório detectava seus fracassos, mas negligenciava seus sucessos. Outros também a desapontaram. Sua amiga íntima, Gail, parecia distante ultimamente. Os sermões de seu pastor não pareciam muito práticos para ela. E, claro, você se lembra de seu marido cabeça-quente, Jack. . . .

Jill era uma mulher raivosa, embora suas críticas raramente saíssem em palavras. Ela aprendera a esconder sua raiva com habilidade. Ela clamou e internalizou isso. Esfriada e controlada por fora, ela cozinhava e fervia por dentro.

Infelizmente, Jill não está sozinha. Algumas pessoas disfarçam bem sua raiva. Eles conseguem mantê-lo em segredo por longos períodos. Eles dominam novas maneiras de evitar pessoas e situações que os enervam. Às vezes, esses escondedores de raiva recorrem a várias fugas.

Jill gostou de duas fugas. Ela correu de seus problemas para sua geladeira. A junk food tornou-se uma fonte de prazer e de controle em meio às pressões conjugais e maternas. Ela também fugiu para a televisão diurna. As novelas forneciam homens de fantasia que iriam cortejá-la e namorá-la. Ela não desejava seus corpos, apenas os jantares à luz de velas e toques sensíveis que Jack nunca dava. Os programas de entrevistas envolveram sua mente com tópicos intrigantes. Claro, ela sabia que a maioria das noções defendidas eram antitéticas a uma cosmovisão cristã - às vezes, felizmente, os anfitriões até a irritavam. E ela percebeu que os tópicos raramente

se aplicavam à sua situação de vida. No entanto, as conversas permitiram que ela esquecesse Jack, e seu trabalho, e. . .

O que a Bíblia diz para Jill? Em nosso último capítulo, examinamos a raiva revelada. Vamos agora considerar a raiva oculta, a outra forma principal pela qual o comportamento raivoso emerge. Assim como a raiva revelada, a raiva oculta ofende a Deus e arruína os relacionamentos. Pecados de omissão são abundantes. A raiva oculta também deve ser corrigida e substituída.

O que Deus diz sobre a raiva que se esconde, do tipo que se retrai para fora, mas ferve por dentro? Quais são suas respostas para ressentimento e amargura? Como os ocultadores de raiva devem mudar? Vamos descobrir insights de três passagens principais.

TRÊS PASSAGENS BÍBLICAS CHAVE

Levítico 19:16–18

Aninhados nesta porção da lei mosaica estão os comandos relacionais remanescentes das passagens “uns aos outros” do Novo Testamento.

Não saia espalhando calúnias entre o seu povo. Não faça nada que coloque em risco a vida do próximo. Eu sou o SENHOR . Não odeie seu irmão em seu coração. Repreenda seu próximo com franqueza para que você não participe de sua culpa. Não busque vingança ou guarde rancor contra alguém do seu povo, mas ame o seu próximo como a si mesmo. Eu sou o SENHOR .

A preocupação de Deus aqui é cultivar e preservar relacionamentos amorosos entre seu povo. A passagem apresenta maneiras específicas pelas quais o povo de Deus deve desenvolver e manter a unidade e se proteger contra a desunião. Por exemplo, não devemos caluniar, ferir ou nos vingar dos outros.

O versículo 17 nos exorta: “Não odeie seu irmão em seu coração”. Vimos no capítulo 3 que a raiva começa no coração. Levítico 19 concorda. Esta passagem internaliza a fonte da raiva. O ódio começa no coração.

O mesmo versículo oferece a alternativa de Deus: “repreender francamente o teu próximo”. Essa expressão hebraica é uma duplicação intensiva do verbo que significa literalmente “repreender repreendendo”. O amor verdadeiro levanta questões difíceis. Ele reconhece a excessiva pecaminosidade do pecado e sabe que, às vezes, nada menos que um confronto cuidadoso pode libertar a pessoa de suas garras. Ouça vários chamados semelhantes nas Escrituras:

Melhor é a repreensão aberta do que o amor oculto. Os beijos de um inimigo podem ser abundantes, mas fiéis são as feridas de um amigo. (Prov. 27:5–6)

Hipócrita, tira primeiro a trave do teu próprio olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão. (Mateus 7:5)

Se o seu irmão pecar contra você, vá e mostre-lhe a culpa dele, só entre vocês dois. Se ele te ouvir, você conquistou seu irmão. (Mateus 18:15)

Se seu irmão pecar, repreenda-o, e se ele se arrepender, perdoe-o. Se ele pecar contra você sete vezes no dia e sete vezes vier a você e disser: “Estou arrependido”, perdoe-o. (Lucas 17:3b-4)

Irmãos, se alguém for pego em pecado, vocês que são espirituais devem restaurá-lo gentilmente. (Gálatas 6:1a)

Tudo isso era estranho à prática de Jill. Ela raramente levantava suas preocupações para a pessoa com quem estava em conflito. Ela não havia abordado questões importantes com sua amiga Gail, seu pastor ou seu chefe. Ela não sabia, ou mesmo não queria, abordar certos assuntos com Jack. *E se ele explodir de novo?*

No entanto, Jill realizou repreensões ocultas e privadas. Ela confrontou essas pessoas em sua própria mente, considerou-as culpadas e executou suas próprias formas de excomunhão. Ela classificou Gail como uma amiga infiel. Jill adotou uma postura distante e complacente em relação ao pastor. Embora seus sermões não fossem muito práticos, pelo menos não eram heréticos. Além disso, ela tinha muitos livros cristãos e alto-falantes de rádio para alimentá-la. Ela rejeitou seu chefe - despedindo-o em sua mente - como insensível e injusto. *Os outros crentes não precisam trabalhar para empregadores injustos? Acho que faz parte do meu sofrimento como cristão.* Mergulhada em versões cristianizadas da teoria da “família disfuncional”, ela havia muito tempo descartado seus pais “abusivos”.

O que acontece quando deixamos de lidar adequadamente com o ódio no coração, por meio do confronto ou do perdão? Ele cozinha. Ele cozinha e ferve no coração. Resultados de vingança e ressentimentos se desenvolvem. É por isso que o comando para repreender em Levítico 19:17 é seguido pelo aviso: “Não busque vingança ou guarde rancor contra alguém do seu povo. . .” (v. 18).

As respostas de Jill listadas acima foram vingativas. Sua vingança foi escondida, não revelada; oculto, não aberto. Os dela eram pecados de omissão mais do que de comissão. Sua vingança era “passiva” – passiva externamente, mas bastante ativa em seu coração.

O comando “Não . . . guardar rancor” (v. 18) traduz um único verbo hebraico que significa “guardar” ou “abrigar”. Os rancorosos mantêm o ofensor e sua ofensa sempre diante de seus olhos, sempre vivos em seus corações. É exatamente o contrário da maneira como o Senhor nos trata, seu povo. O mesmo verbo o descreve: “Nem sempre acusará, nem guardará para sempre a sua cólera” (Salmos

103:9; cf. Jer. 3:5b; 3:12; Naum. 1:3). Ao contrário dos ímpios (por exemplo, Edom em Amós 1:11, mesmo verbo), Deus não guarda rancor contra seu povo. Por causa de Jesus, ele não guarda sua ira contra nós nem mantém nossas ofensas diante de seus olhos.

Esse insight começou a afetar Jill. Ela nunca havia compreendido a cruz com muita clareza. O fato de Deus se recusar a “acusar” e “guardar sua ira” contra ela, apesar de seus muitos pecados, revigorou seu coração. Quando ela começou a refletir sobre a postura livre de rancor de Deus em relação a ela em Cristo, ela viu como ela era diferente dele em relação aos outros.

O que um tão rancoroso deve fazer? Ele deve amar o próximo como ama a si mesmo (Lv 19:18). Isso, é claro, não é um comando para amar a si mesmo. A Bíblia assume consistentemente que já fazemos isso - e com muita profundidade e frequência. Em vez disso, o texto nos chama a amar e servir os outros da mesma forma que naturalmente focamos em nós mesmos (Mateus 22:36-40).

Vamos recolher um último insight de Levítico. Por que devemos repreender e não odiar? Por que não devemos guardar rancor, mas amar a pessoa? Os versículos 16 e 18 pontuam esses mandamentos com um motivo poderoso: “Eu sou o Senhor ”. Palavras simples, mas um lembrete preocupante. A presença de Javé, o Rei e Redentor que guarda a aliança de Israel, nos constrange a uma obediência amorosa.

A única coisa que os escondedores de raiva como Jill mais precisam é conhecer o verdadeiro Deus. Devemos conhecê-lo como Aquele que não guarda rancor contra nós por causa de Cristo e que pode nos encher de graça para fazer o mesmo. E devemos conhecê-lo como o Senhor que com autoridade real nos convoca e nos capacita a amar, não odiar, e a repreender, não nos vingar.

Efésios 4:26–27, 4:30–5:2

O apóstolo Paulo aborda a necessidade de uma mudança piedosa de toda a pessoa em Efésios 4:17–24. Nosso antigo modo de vida era um pote poluído de desejos, crenças e ações pecaminosas. Em Cristo, devemos substituí-los por desejos piedosos, crenças e ações consistentes com a verdade que está em Jesus e com o propósito de Deus de nos recriar à sua imagem.

A arena central para a mudança ocorrer é no relacionamento com outros crentes. A preocupação do apóstolo “uns com os outros” é proeminente em 4:25–5:2. Diretrizes sobre dizer a verdade, trabalhar, doar e falar têm uma importância relacional. Os versículos 26–27 abordam a raiva: “Na tua ira, não peques: Não deixes que o sol se ponha enquanto ainda estiveres irado, e não dê lugar ao diabo.”

A ira humana, diz Paulo, é tanto prevalente (“na tua cólera”) como perigosa (“não peques”). Os crentes não devem “deixar o sol se pôr” em sua raiva. Essa expressão nos exorta a lidar com a raiva o mais rápido possível e não deixar que a amargura se desenvolva. Muitos sóis e luas se põem em relacionamentos conflituosos.

Infelizmente, Jill deixou muitos sóis e luas se pôr sem lidar com sua raiva, especialmente em relação a Jack e seus pais. Ela não cobriu seus pecados com o perdão cristão nem os confrontou com a repreensão cristã. Ela sempre escolheu a terceira opção de mantê-los diante dos olhos e cozinhá-los em seu coração.

O que acontece quando deixamos de lidar com nossa raiva de maneira piedosa e imediata? O diabo coloca uma cunha no corpo de Cristo (v. 27). Raiva não resolvida e relacionamentos não reconciliados promovem a agenda de Satanás de destruir a unidade da igreja.¹

O desapontamento de Jill com seu pastor e com vários outros líderes da igreja começou a afetar não apenas ela, mas o grupo de estudo bíblico que se reunia em sua casa. Ela se ressentiu secretamente daqueles que falavam bem do pastor ou lucravam com suas mensagens. Ela também começou a ficar do lado dos membros do grupo que questionavam o status ou a direção da igreja. Ela odiava a ideia de ser desleal aos líderes ou atizar as brasas da discórdia. No entanto, ela não estava feliz com sua pregação e não sabia o que fazer.

Como é o amor verdadeiro? Procura ajudar os outros. O versículo 29 exorta os que escondem a raiva a adotar uma agenda positiva de usar a língua para edificar os outros, não para evitá-los: “Não saia da boca de vocês nenhuma conversa torpe, mas apenas o que for útil para edificar os outros de acordo com suas necessidades. , para que beneficie os que ouvem.”

O que impressionou Jill nesse versículo foram seus pecados de omissão. Ela evitou cuidadosamente dizer coisas prejudiciais. Ela desprezava fofocas (e fofoqueiros), embora algumas escapassem ocasionalmente. No entanto, seu fracasso sombrio em abençoar as pessoas - em falar bem sobre elas e para elas - tornou-se totalmente claro. Quão raramente ela procurou ajudar, elogiar, afirmar, animar e edificar os outros com suas palavras.

O que destruiu Jill ainda mais foi a percepção de que sua raiva oculta e seus pecados de omissão ofendiam profundamente a Deus. Os versículos 30–31 continuam com esta advertência: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com quem fostes selados para o dia da redenção. Livre-se de toda amargura, raiva e raiva, brigas e calúnias, junto com toda forma de malícia”.

Como, no contexto, os crentes entristecem a Deus? Por um lado, envolvendo-nos em linguagem imprópria e deixando de edificar os outros com nossas línguas (v. 29). Por outro lado, entristecemos o Espírito com nossa ira (v. 31).

Observe o alcance da linguagem da raiva no versículo 31. O apóstolo nos ordena a remover não apenas a fúria e a briga externa, mas também a amargura e o clamor internos. Devemos substituí-los por bondade cristã, compaixão, perdão e amor uns pelos outros.

Sejam gentis e compassivos uns para com os outros, perdendo-se mutuamente, assim como em Cristo Deus os perdoou. Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados, e vivei em amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus. (4:32–5:2)

O apóstolo deixa claro que tal graça para com os outros flui da bondade, perdão e amor de Deus para conosco.

Mais uma vez, enquanto Jill refletia sobre a cruz de Cristo - o foco da bondade, compaixão, perdão e amor de Deus para com ela - surgiu uma nova visão de si mesma e dos outros. Ela viu o julgamento que carregava em relação a uma série de pessoas em seu passado e presente. Uma nova percepção surgiu. Seus rancores raivosos brotaram de seu coração implacável; isso, por sua vez, surgiu de sua ignorância da graça. Os fatos e promessas do evangelho de Efésios 4:32–5:2 tornaram-se a nova fonte da qual ela começou a beber. Essas verdades nutriram seu coração e a energizaram para uma agenda radical de bondade, perdão e amor para com os outros.

Lucas 15:25–30

Os que escondem a raiva, como vimos, se afastam dos outros e vão para a clandestinidade com sua raiva. Nosso Senhor contou um triste relato de raiva oculta em Lucas 15. Depois das boas novas do retorno do filho pródigo e da alegria do pai, lemos:

Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando chegou perto da casa, ouviu música e dança. Então ele chamou um dos empregados e perguntou o que estava acontecendo. “Seu irmão chegou”, respondeu ele, “e seu pai matou o bezerro gordo porque o recuperou são e salvo.” O irmão mais velho ficou com raiva e se recusou a entrar. Então seu pai saiu e implorou a ele. Mas ele respondeu ao pai: “Veja! Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo para você e nunca desobedeci às suas ordens. No entanto, você nunca me deu nem mesmo um cabrito para que eu pudesse comemorar com meus amigos. Mas quando esse seu filho que esbanjou sua propriedade com prostitutas volta para casa, você mata o bezerro gordo para ele! “Meu filho”, disse o pai, “você está sempre comigo e tudo o que tenho é seu. Mas devíamos festejar e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi achado”.

Como o irmão mais velho reagiu ao pai generoso? Ele “ficou irado e recusou-se a entrar” (v. 28). Ele não explodiu; ele simplesmente se retirou e se calou. O pai, porém, não. Ele sabiamente se aproximou de seu filho para iniciar uma conversa e extrair seus pensamentos.

Ele expôs o ressentimento do homem em relação ao pai e o ciúme do irmão.

Jill viu esse traço feio em si mesma em meio a vários relacionamentos. Seu chefe era como o pai e seu colega de trabalho como o irmão mais novo. Ela havia trabalhado zelosamente por anos enquanto esta funcionária mais nova - menos competente do que Jill, pelo menos aos olhos de Jill - recebia um tratamento privilegiado. Como o irmão mais velho em Lucas 15, Jill se retirou e ficou quieta. Por fora, ela escondia sua raiva, mas por dentro as brasas do ressentimento queimavam. Ela precisava de ajuda.

ESTRATÉGIAS PRÁTICAS E PASSOS PARA A MUDANÇA

Como você pode descobrir sua raiva oculta e substituí-la por frutos piedosos? As pessoas podem realmente mudar? Que diretrizes podemos oferecer a Jill e a outras pessoas que escondem a raiva como ela? As sete diretrizes a seguir, com o capítulo 9, formam uma estratégia bíblica para vencer a raiva oculta e substituí-la por palavras e ações cristãs. Em alguns pontos, eles se comparam ao conselho para reveladores de raiva no capítulo 5; de outras maneiras, eles diferem.

1. Veja a pecaminosidade e as terríveis consequências de seu coração amargo e comportamento oculto. Como vimos no capítulo 3, você deve identificar e expor os ídolos em seu coração, aqueles desejos e demandas arraigados. Embora os próprios desejos não sejam necessariamente maus, eles se tornam maus quando dominam seu coração. Bons desejos facilmente se tornam maus mestres. O registro no diário ajuda a detectar esses ídolos e aprender com os episódios de raiva quais mudanças são necessárias.

Por que essa raiva é errada? Por um lado, isso entristece a Deus por usurpar seu papel como legislador, juiz e executor (Efésios 4:30; Tiago 4:11–12). A raiva pecaminosa é diferente do nosso Deus livre de rancor. Não reflete o perdão da cruz para os outros. Essa raiva também produz distância relacional (Lucas 15:25–30) e falha em ministrar aos outros com amor. Além disso, a raiva pode prejudicar seu corpo. Enquanto desabafar prejudica os outros (Provérbios 12:18), clamar prejudica você (Provérbios 14:30). Reconhecer essas consequências ajudará a alimentar seu arrependimento.

Uma tarefa de casa útil é listar consequências negativas específicas – em relação a Deus, aos outros e a você mesmo – de nutrir raiva. O que acontecerá se você continuar a esconder sua raiva? Considere convidar seu cônjuge e amigos para adicionar à sua lista. Outro projeto útil é revisar as três principais passagens bíblicas acima. Em seguida, liste os atos e atributos de Deus que estão em

contraste com suas táticas de esconder a raiva.

2. Volte-se para Jesus Cristo em arrependimento e fé e acredite que ele o perdoa totalmente. Tendo visto a pecaminosidade de sua ocultação de raiva, acredite na provisão de graça abundante de Deus em Jesus Cristo. Ele morreu e ressuscitou não apenas pelos exaltados (pecadores flagrantes), mas também pelos clamores (pecadores silenciosos que escondem sua raiva). À luz de suas graciosas promessas, confesse seus ídolos pecaminosos do coração e ações clamorosas e receba seu perdão.

Além disso, acredite que há ajuda e esperança em Cristo. A graça de Deus não apenas perdoa, mas também transforma os pecadores. Uma razão pela qual muitos cristãos fazem pouco progresso em superar a raiva oculta é que eles duvidam da graça transformadora de Deus. Ele pode derreter sua amargura e torná-lo um perdoador. Ele pode ensiná-lo quando confrontar e quando encobrir as ofensas, e como fazer as duas coisas. Você precisa do poder dele; felizmente, ele está mais do que disposto a dar a você. Peça a ele agora para ajudá-lo a fazer isso.

3. Perdoe seu ofensor de coração (Marcos 11:25). Você deve esvaziar seu coração da amargura adotando uma nova atitude de perdão. Você deve liberar a pessoa de seu controle crítico e estar preparado para reconciliar o relacionamento.

Os seis fatos a seguir sobre os que não perdoam geralmente desalojam o julgamento e derretem blocos de gelo amargos. Quando você guarda rancor e se recusa a perdoar em seu coração, o que Deus diz sobre você?

(a) Você está esquecendo o tamanho da enorme dívida de pecado pela qual Deus o perdoou (Mateus 18:21–35; Efésios 4:32; Colossenses 3:13).

(b) Você está declarando que não precisa do perdão de Deus em sua vida (Mateus 6:12–15; 18:21–35; Marcos 11:25).

(c) Você está declarando que não precisa da misericórdia de Deus no dia do julgamento (Mq 6:8; Mt 5:7; Tg 2:13).

(d) Você está assumindo o papel de Deus como Juiz (Gn 50:19; Rm 12:19; Tg 4:12).

(e) Você está esquecendo o fato de que o ofensor, como pecador, é em certo sentido enganado e escravizado por seu pecado. Você não tem compaixão (Lucas 23:34a; João 8:34; Efésios 4:30–5:2; Colossenses 3:12–14).

(f) Você está esquecendo o fato de que você, como pecador, é capaz de cometer o mesmo pecado e que a mesma raiz do pecado já pode residir em você (Provérbios 16:18; Jeremias 17:9; 1 Coríntios 10: 12; Heb. 3:12–13).

Essas seis verdades e as passagens que as acompanham trazem esperança para aqueles que se perguntam se podem perdoar os outros. Eles repreendem aqueles que se recusam a perdoar ou a estar dispostos a perdoar. Eles também respondem a um par de objeções frequentes:

- Objeção: “Simplesmente não consigo perdoá-lo pelo que ele fez comigo.” Resposta: “Não, você pode e deve perdoá-lo. Deus diz assim. E Deus vai capacitar você. Jesus Cristo morreu e ressuscitou para perdoá-lo, chamá-lo e capacitá-lo”.
- Objeção: “Mas você não sabe o quanto ele me machucou.” Resposta: “Você provavelmente está certo; Não sei. Mas Deus sabe. Todos os humanos do planeta o traíram. Seu filho foi brutalmente assassinado. E Deus é quem declara que você pode e deve perdoá-lo com a mesma graça que o perdoou. Embora perdoar ofensas graves não seja fácil nem rápido, a graça de Deus pode fazer isso acontecer.”

Embora possamos dizer muito mais sobre o perdão, várias designações adicionais podem beneficiá-lo, especialmente com a ajuda de seu pastor ou de um sábio amigo cristão:

- Estude e aplique as seis verdades. Quais verdades são mais pertinentes para você? Quais são mais convincentes? Estude e medite em um por dia durante uma semana e, em seguida, repita o ciclo de estudo e meditação na próxima semana.
- Medite em Efésios 4:32 e Colossenses 3:13, junto com seus contextos. Memorize e recite-os diariamente, especialmente quando você pensa ou está próximo da pessoa de quem guarda rancor.
- Estude e aplique o livreto de Patrick H. Morison, *Perdoe! Como o Senhor te perdoou*. [2](#) Marque seis frases-chave e escreva uma resposta de aplicação de três a quatro frases.
- Complete as “Imagens do Perdão de Deus a Seu Povo” no Apêndice A.

4. Resista à tentação de extravasar sua raiva. Amigos bem-intencionados ocasionalmente aconselham os que escondem a raiva a “tirar o peso do peito”, “deixar sair”, “desabafar” e coisas do gênero. No entanto, como vimos no capítulo 5, essas oscilações do pêndulo para descarregar a raiva também são pecaminosas. [3](#) Tirar as coisas do seu peito egoisticamente ama mais o seu peito do que o peito da pessoa que receberia suas palavras penetrantes! Esse é o ponto de Provérbios 12:18: “As palavras imprudentes ferem como uma espada, mas a língua dos sábios traz a cura”. Não resolvemos um pecado substituindo-o por outro. “Não saia da boca de vocês nenhuma palavra torpe, mas apenas a que for útil para edificar os

outros de acordo com suas necessidades, para que beneficie os que ouvem” (Ef 4:29). A revisão do capítulo anterior o ajudará a evitar essa tentação.

Perceba, em vez disso, que existe outra maneira de se mover em direção aos outros. Você pode aprender a abençoar, não explodir; ajudar, não ferir; encorajar, não ferir. Você deve aprender a. . .

5. *Substitua seu comportamento oculto por palavras piedosas que ministram aos outros.* Os que escondem a raiva devem aprender a usar suas línguas como instrumentos dados por Deus, proativos e intencionais para edificar as pessoas.

A máxima “Se você não pode dizer nada de bom, não diga nada” é um bom conselho, mas apenas até onde vai. É uma meia-verdade que não vai longe o suficiente. Deus diz que você pode e deve *aprender* a dizer algo bom! Jesus chama você para abençoar até mesmo seus inimigos, ou seja, para dizer coisas boas a eles e sobre eles (Lucas 6:27–46). Clamming representa um pecado de omissão, uma séria falha em edificar os outros (Lev. 19:17–18; Prov. 10:11, 21, 31; 12:18; Ef. 4:25, 29). Os que escondem a raiva devem estudar essas passagens e planejar maneiras específicas de falar de maneira cristã. Embora esta não seja uma tarefa simples, o esforço persistente na dependência do Espírito de Deus cria novos padrões de fala.

Várias tarefas úteis de crescimento pessoal podem ajudá-lo a crescer no discurso piedoso:

- Estude Provérbios 10 e 12 e escreva, à mão, cada parte do versículo que retrata uma atividade de fala edificante. Depois de fazer isso, volte e certifique-se de ter incluído Provérbios 10:11a, 13a, 20a, 21a, 31a, 32a; 12:18b, 25b. Revise a lista diariamente, medite nas poderosas imagens apresentadas e obtenha uma visão de si mesmo como um orador estimulante. Em seguida, planeje maneiras específicas de realizar esta visão: “O que direi hoje ao meu cônjuge? Quando, onde e como?” Registre seus sucessos e fracassos diários e discuta-os com um pastor, um amigo cristão maduro ou um conselheiro bíblico.
- Estude Efésios 4:25–32 (talvez com versículos relacionados de Provérbios) e escreva diretrizes de discurso com base nessa passagem. A fala piedosa é verdadeira (v. 25), benéfica (v. 29), oportuna (v. 29) e gentil (vv. 31–32). Memorize esses quatro critérios, recite-os diariamente e lembre-se deles em espírito de oração sempre que se sentir tentado a desistir. Certifique-se de enraizar sua compreensão desses imperativos nos graciosos indicativos de Efésios 1–3 e 4:1 e no chamado pessoal para mudança em Efésios 4:17–24.

- Memorizar e aplicar “As Quatro Regras de Comunicação”, com base em Efésios 4:25–32: [4](#)

- (a) Seja honesto (v. 25).

- (b) Mantenha-se atualizado (vv. 26–27).

- (c) Atacar problemas, não pessoas (vv. 29-30).

- (d) Lei; não reaja. Controle suas emoções (vv. 31–32).

- Registre seus sucessos e fracassos, ore por ajuda contínua e discuta-os com um pastor, amigo cristão ou conselheiro bíblico.

- Memorize e recite diariamente, ore e aplique Efésios 4:29.

- Leia o capítulo de Wayne Mack sobre “Conversa fiada” em *Sua Família, à Maneira de Deus: Desenvolvendo e Sustentando Relacionamentos no Lar*. [5](#) Marque as frases-chave, procure as referências bíblicas e escreva uma resposta de aplicação de três a quatro frases.

6. Busque a pacificação bíblica e a solução de problemas. As pessoas que encobrem sua raiva devem desaprender seu estilo de evitar conflitos e desenvolver novas habilidades na reconciliação cristã. “Bem-aventurados os pacificadores”, declarou nosso Senhor, “porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5:9). Mais adiante, no mesmo capítulo, ele expôs esta agenda:

Portanto, se você estiver oferecendo sua oferta no altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você, deixe sua oferta ali diante do altar. Primeiro vá e reconcilie-se com seu irmão; então venha e ofereça seu presente. (Mateus 5:23-24)

Resolver conflitos à maneira de Cristo requer compromisso ousado e trabalho consistente. Efésios 4:3 exorta a um esforço igualmente determinado: “Fazei todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”. O verbo traduzido “fazer todo esforço” exige trabalho diligente para manter a unidade espiritual. O apóstolo Paulo enfatiza o mesmo ponto em Romanos 14:19: “Esforcemo-nos, pois, para fazer o que conduz à paz e à edificação mútua.” Este verbo sinônimo significa perseguir, rastrear ou perseguir um objeto. Devemos buscar a paz agressivamente. Ele nos exorta com o mesmo verbo em 2 Timóteo 2:22: “Fuja dos maus desejos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz. . . de um coração puro”. A pacificação requer gastos corajosos de esforço que excedem a zona de conforto natural dos corretivos.

O que implica tal resolução de conflitos? Existem dois caminhos piedosos que você pode seguir em face da ofensa. A rota mais frequente do cristão deve ser cobrir (perdoar) os pecados de seus ofensores, como 1 Pedro 4:8 ordena: “O amor cobre uma multidão de pecados” (cf. Prov. 10:12). Em casos de pecado mais grave, o crente obediente confronta amorosamente o ofensor (ver citações

de Levítico 19:17–18; Provérbios 27:5–6; Mateus 7:5; 18:15; Lucas 17:3b–4 ; Gal. 6:1a listado acima).

O que esconde a raiva, é claro, opta cronicamente por um terceiro caminho. Ele não *cobre* nem *confronta* as ofensas - ele as *cozinha* ! Ele deixa a pessoa e a ofensa cozinhando e fervendo. Em vez disso, ele deve decidir imediatamente, com a ajuda de Deus, cobrir ou confrontar os pecados de seus ofensores.

Além de estudar os textos bíblicos acima, você encontrará os livros de Ken Sande, *O Pacificador: Um Guia Bíblico para Resolver Conflitos Pessoais* e *Pacificação para Famílias: Um Guia Bíblico para Gerenciar Conflitos em Seu Lar* , como guias inestimáveis para seguir os caminhos de pacificação de Deus.⁶

7. Continue a orar, a estudar as Escrituras (e recursos baseados nas Escrituras) e a obter as orações, conselhos e responsabilidades de outros crentes. Como em todas as outras atividades de crescimento espiritual, uma mudança piedosa completa e duradoura requer o uso constante dos meios de graça de Deus. As verdades e os estudos pessoais apresentados neste capítulo orientarão suas orações. As exposições acima de várias seções-chave das Escrituras, e as citações de muitas outras, convidam a um estudo mais aprofundado. Cada passagem merece uma atenção nova e contínua.

Finalmente, os que escondem a raiva precisam de irmãos e irmãs sábios, a quem possam verbalizar abertamente suas lutas e por meio dos quais possam receber a ajuda de Deus (Colossenses 3:16; Hebreus 3:12–14; 10:24–25; Tiago 5: 16). Sua própria alma pode estar em jogo:

Vejam, irmãos, que nenhum de vocês tenha um coração pecaminoso e incrédulo que se afaste do Deus vivo. Mas encorajem-se uns aos outros diariamente, enquanto se chamam Hoje, para que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado. Chegamos a participar de Cristo se mantivermos firmemente até o fim a confiança que tínhamos no início. (Hb 3:12-14)

Há esperança para Jill? Ela pode começar a se livrar de sua raiva interior? Ela pode aprender a perdoar Jack e outros pecadores em seu mundo? Ela pode desenvolver novos padrões de fala e cultivar habilidades de resolução de conflitos?

Sim, em Jesus Cristo ela pode, e ela fez! Como Jack, ela não chegou; mas, como Jack, ela está seguindo o caminho certo. O Senhor removeu os depósitos incrustados de ressentimento. Anos de amargura começaram a quebrar. As camadas internas geladas estão descongelando. O evangelho de um Deus sem rancor a está mudando. Com doçura recém-descoberta, Jill começou a aprender como ignorar pacientemente os pequenos pecados de Jack e confrontar corajosamente seus grandes pecados. Jesus derrete os que escondem a raiva e os torna pessoas que abençoam os outros.

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Quando você se sentir provocado à raiva por alguém que ofendeu, considere sua trilogia de opções - encobrir a ofensa da pessoa, *confrontar* a pessoa sobre sua ofensa ou *cozinhar* a pessoa e sua ofensa em seu coração. Qual você costuma fazer? Por que?
2. Revise as sete etapas práticas acima. Esteja disposto a compartilhar seu conteúdo com seu pastor, um amigo cristão maduro ou um conselheiro bíblico, e convide-o a ajudá-lo a aplicar o conselho bíblico deste capítulo.

RAIVA CONTRA DEUS

Carolyn estava confusa. O caso de Ray a surpreendeu. As coisas pioraram quando ele se recusou a romper o relacionamento. O golpe final — sua decisão de ficar com a outra mulher — simplesmente destruiu a vida de Carolyn.

Perguntas sobre Ray, a outra mulher e o que Carolyn deveria fazer inundaram seus pensamentos. *O que ele estava pensando? Como ele poderia jogar fora nossos quatorze anos? Porque ela? Como vou me sustentar? O divórcio vai ficar feio?*

À medida que o choque inicial diminuiu gradualmente, outra safra de perguntas mais duras emergiu lentamente. *Onde estava Deus nisso tudo? Como um bom cristão como Ray poderia se afastar do que ele sabia ser certo? Por que o Senhor permitiria que as crianças e eu enfrentássemos tal pesadelo? É isso que um bom Deus faz com seu povo?*

Carolyn estava ficando com raiva de Deus, e ela sabia disso.

O que ela deveria fazer sobre isso? Era normal ficar com raiva de Deus? Vários amigos cristãos a instaram a “fazer a coisa certa” e não questionar a Deus. Mas para Carolyn, isso parecia estóico demais. Ela sentiu raiva! Ela deveria simplesmente colar um bom sorriso cristão de plástico? Ela deveria ignorar suas dúvidas avassaladoras sobre os procedimentos de Deus? O pregador do rádio estava certo quando disse que “os bons cristãos não reclamam” diante das provações?¹

Outros amigos recomendaram um caminho diferente. Eles a encorajaram a expressar seus sentimentos a Deus. “Tudo bem ficar com raiva de Deus. Na verdade, considerando o que você está passando, é saudável. Não o encha. Diga a ele como você se sente. Seja honesto; ele já sabe. Diga a ele que você está com raiva. Ele vai entender. Ele é um menino grande. Ele pode lidar com isso.

Carolyn estava confusa. A ideia de expressar sua raiva a Deus fazia sentido. Parecia tão revigorante e libertador. No entanto, ela estava abrigoando algumas dúvidas profundas sobre a confiabilidade de Deus, e sua consciência não estava clara sobre desabafar tão livremente. Para ela, parecia uma blasfêmia.

SUA SITUAÇÃO

Suas circunstâncias, é claro, podem ser diferentes das de Carolyn. Talvez seu chefe tenha demitido você injustamente. Ou um adulto abusou de você quando criança. Ou alguém em quem você confiava

o traiu. Talvez você enfrente encargos financeiros sem nenhum alívio à vista ou uma doença progressiva e debilitante. Ou talvez seja menos definível. Você está se arrastando pela vida com uma decepção constante, uma espécie de tristeza interior generalizada. Você não tem a alegria que marca muitos cristãos que você conhece.

Seja qual for a sua situação específica, o que você compartilha com Carolyn são perguntas incômodas sobre Deus. Você desconfia da bondade dele. Você questiona a sabedoria dele. Você fica tenso quando pensa que ele está “no controle” de sua vida em toda a sua miséria. Resumindo, você também está com raiva de Deus.

O que você deveria fazer? A boa notícia da Palavra de Deus é que não nos restam apenas duas opções. Não somos forçados a escolher entre esconder as lutas de nossa alma de Deus e descarregar nossa raiva contra ele. A Bíblia rejeita ambos em favor de um terceiro caminho, um caminho intermediário que incentiva a transparência sem endossar a blasfêmia.

Vamos expor isso em dois princípios, examinando um de cada vez.

É ERRADO FICAR COM RAIVA DE DEUS

Está tudo bem em guardar no coração ou na voz com a boca a raiva contra Deus? Não. A Bíblia proíbe a abordagem de desabafar-seus-sentimentos-contra-Deus.

A raiva na Bíblia é um julgamento pessoal que fazemos contra um erro percebido. Reagimos negativamente em nossa mente, emoções e vontade contra o que concluímos ser mau ou injusto. Nesse sentido, a raiva não é apenas uma emoção moralmente neutra (“Não é certo nem errado; apenas é”, como alguns ingenuamente argumentam) que existe à parte das crenças, afetos, emoções e vontades interiores de uma pessoa. Em vez disso, a raiva é uma função do nosso julgamento. Percebemos que algo ou alguém está errado e respondemos de acordo com todo o nosso ser.

Enquadrada desta forma, a resposta à nossa pergunta “É certo ficar com raiva de Deus?” pergunta é clara: Não! A raiva contra Deus é errada porque acusa Deus de fazer algo errado. Estar zangado com Deus é perceber algo de errado em Deus, apreender algum mal em seus caminhos.

Qual é o problema raiz? Kay Arthur perspicazmente vai direto ao ponto. Você fica com raiva de Deus, ela observa, “porque Deus não fez o que você pensou que deveria ou da maneira que deveria fazer ou quando deveria fazer”. [2](#) Observe que acusamos Deus de não fazer o *que* (ações ou inação) deveria fazer, ou não fazê-lo da *maneira* (maneira) que deveria, ou não fazê-lo *quando* (tempo)

deveria. Resumindo, queremos o que queremos quando queremos, e quando Deus não entrega, nós o julgamos.

Exemplos bíblicos

A Bíblia oferece numerosos exemplos de pessoas que ficaram com raiva de Deus. Gênesis 4 registra a rejeição de Deus a Caim e sua oferta e sua aceitação de Abel e sua oferta.

O Senhor olhou com favor para Abel e sua oferta, mas para Caim e sua oferta não olhou com favor. Então Caim ficou muito zangado e seu rosto estava abatido. Então o SENHOR disse a Caim: “Por que você está com raiva? Por que seu rosto está abatido? Se você fizer o que é certo, não será aceito? Mas se você não fizer o que é certo, o pecado está à espreita à sua porta; ele deseja ter você, mas você deve dominá-lo. (Gn 4:4b-7)

Caim queria que Deus aceitasse seu sacrifício em seus termos; ele acreditava que Deus *deveria* fazer isso. Quando Deus em sua santidade recusou a demanda de Caim, Caim reagiu com raiva contra Deus (junto com depressão, ciúme e o assassinato de seu irmão). Caim pode não ter expressado essa raiva, mas Deus a viu. A ira de Caim foi justificada? A resposta é óbvia. A ira de Caim contra Deus era pecaminosa. Suas motivações e crenças pecaminosas conduziram sua raiva. Ele precisava se arrepender do pecado que procurava dominá-lo e, em vez disso, fazer o que era certo.

Em 1 Crônicas 13, a tragédia interrompeu o plano de Davi de devolver a arca de Deus a Jerusalém. Enquanto os israelitas a transportavam, um líder chamado Uzá “estendeu a mão para firmar a arca, porque os bois tropeçaram” (v. 9). Este ato aparentemente inocente violou o mandamento explícito de Deus em Números 4:15 de não tocar na arca. Uzá desconsiderou a santidade de Deus, e Deus respondeu com ira. “A ira do Senhor SE acendeu contra Uzá, e ele o matou porque havia posto a mão na arca. Então ele morreu ali diante de Deus” (v. 10).

Como o rei Davi respondeu à ação de Deus? “Então Davi ficou irado porque a ira do Senhor IRROMPEU contra Uzá. . . . Davi teve medo de Deus naquele dia. . .” (vv. 11–12). A maioria dos comentaristas concorda que Davi acreditava que a ira de Deus era dura demais. Davi julgou que Deus estava errado em suas ações, pelo menos em sua aparente severidade. Tendo colocado Deus em julgamento, Davi declarou Deus culpado.

Alguém se pergunta se David foi vítima do “Depois de tudo que fiz por você, este é o agradecimento que recebo?” mentalidade que muitas vezes surge dentro de nós quando Deus permite dificuldades em nossas vidas. Acreditamos que Deus nos deve algo melhor do que as dificuldades providenciais que enfrentamos. Para Carolyn, envolvia exigências sutis de que Deus a tratasse bem porque ela

havia sido uma esposa fiel, mãe amorosa e boa cristã por quatorze anos.

A cláusula operativa em todas essas mentiras é esta: Deus *deveria* ter. . . . Podemos imaginar os murmúrios de Davi: “Certamente, Deus, você deveria ter ignorado o erro bem-intencionado de Uzá.” Ou: “Você deveria tê-lo punido mais tarde, ou em particular, ou menos drasticamente. Seu golpe rápido e duro minou o moral de nossa missão - a missão que estávamos fazendo para você, devo acrescentar!

Embora a narrativa não cite nenhuma condenação explícita, o contexto implica a desaprovação divina da ira de Davi, especialmente à luz da terrível decisão de Davi de abortar a missão. Dificilmente se pode concluir a partir deste texto que não há problema em ficar com raiva de Deus.

Ou considere Jonas. Deus chamou seu profeta para pregar a salvação à pagã Nínive, inimiga de Israel. Jonah relutantemente obedeceu. Nínive se arrependeu, Deus retirou sua ira e Jonas ficou zangado com Deus.

Quando Deus viu o que eles fizeram e como se converteram de seus maus caminhos, teve compaixão e não trouxe sobre eles a destruição que havia ameaçado.

Mas Jonas ficou muito descontente e ficou com raiva. Ele orou ao SENHOR : “Ó SENHOR , não foi isso que eu disse quando ainda estava em casa? É por isso que fui tão rápido em fugir para Társis. Eu sabia que você é um Deus misericordioso e compassivo, lento para a cólera e cheio de amor, um Deus que se arrepende de enviar calamidades. Agora, Senhor , tire minha vida, pois é melhor para mim morrer do que viver.

Mas o Senhor respondeu : “Você tem algum direito de estar com raiva?”

Jonas saiu e sentou-se em um lugar ao leste da cidade. Lá ele fez um abrigo para si, sentou-se à sua sombra e esperou para ver o que aconteceria com a cidade. Então o SENHOR Deus providenciou uma videira e a fez crescer sobre Jonas para dar sombra à sua cabeça para aliviar seu desconforto, e Jonas ficou muito feliz com a videira. Mas na madrugada do dia seguinte Deus providenciou um verme, que mastigou a videira e a fez murchar. Quando o sol nasceu, Deus providenciou um vento leste escaldante, e o sol brilhou na cabeça de Jonas, de modo que ele desmaiou. Ele queria morrer e disse: “Seria melhor para mim morrer do que viver”.

Mas Deus disse a Jonas: “Você tem o direito de ficar com raiva por causa da videira?”

“Eu faço”, disse ele. “Estou com raiva o suficiente para morrer.”

Mas o Senhor disse : “Você tem se preocupado com esta videira, embora não a tenha cultivado ou feito crescer. Surgiu durante a noite e morreu durante a noite. Mas Nínive tem mais de cento e vinte mil pessoas que não conseguem distinguir a mão direita da esquerda, e também muito gado. Eu não deveria estar preocupado com aquela grande cidade?” (Jonas 3:10–4:11)

O que produziu a raiva de Jonas? Seu coração maligno. Ele ansiava pela destruição de seus inimigos mais do que pela glória que Deus obteria por meio de sua conversão. Jonas não amou o próximo como a si mesmo. Nem o amor por seus inimigos nem a compaixão pelos necessitados o governavam. Jonas acreditava que Deus não havia agido da maneira que o Deus de Israel deveria ter agido.

Qual foi a atitude de Deus para com a ira de Jonas? Deus reprovou. Ele minou o suposto “direito” de Jonas de ficar com raiva. A explosão de Jonas foi a ventilação de sua carne pecaminosa, e Deus a expôs como tal. Não era bom para Jonas - ou qualquer outra pessoa - ficar com raiva de Deus.

Poderíamos citar outros exemplos bíblicos de ira contra Deus: os reis rebeldes do Salmo 2, a esposa de Jó em Jó 2, o rei Asa em 2 Crônicas 16 (contra o profeta de Deus) e a multidão judaica contra Jesus em João 7:23. Cada um revela os mesmos temas. A raiva contra Deus é sempre errada porque acusa Deus do mal.

Acusações contra Deus

Os insights pastorais de João Calvino sobre este assunto permanecem insuperáveis. Em seu sermão de Jó 1:22 (“Em tudo isso, Jó não pecou, acusando Deus de transgressão”), Calvino pergunta:

Por que os homens se preocupam tanto quando Deus lhes envia coisas totalmente contrárias ao seu desejo, exceto que eles não reconhecem que Deus faz tudo pela razão e que ele tem uma causa justa? Pois se tivéssemos bem impresso em nossos *corações* “Tudo o que Deus faz é fundamentado em boa razão”, é certo que teríamos vergonha de nos irritarmos contra ele quando, digo, sabemos que ele tem *apenas* a ocasião de dispor assim de coisas, como vemos. Agora, portanto, é especialmente dito que Jó não atribuiu a Deus nada sem razão, ou seja, que *ele não imaginou que Deus fizesse algo que não fosse justo e equitativo*.³

Aqui está a raiz do problema por trás de nossa raiva contra Deus. Nós o acusamos de injustiça. Calvino continua:

Assim que Deus não envia o que *desejamos*, discutimos contra ele, processamos, não que pareçamos fazer isso, mas nossa maneira mostra que essa é, no entanto, nossa intenção. Consideramos cada golpe: “E por que isso aconteceu?” Mas de que espírito isso é pronunciado? De um *coração envenenado*, como se disséssemos: “A coisa *deveria ter sido diferente, não vejo razão para isso*”. Enquanto isso, Deus será *condenado* entre nós. É assim que os homens se exasperam. E nisso o que eles fazem? É como se eles *acusassem* Deus de ser um tirano ou um cérebro de cabelo que pediu apenas para confundir tudo. Tal *blasfêmia horrível* sai da boca dos homens.⁴

É normal ficar com raiva de Deus? Não. É chamar Deus de “cérebro de cabelo” e expressar “horrível blasfêmia”. Como devemos contrariar esta tendência? Calvino conclui:

No entanto, o Espírito Santo quis dizer-nos que, se quisermos dar glória a Deus e bendizer o seu nome devidamente, *devemos estar persuadidos de que Deus não faz nada sem razão*. Portanto, não atribuamos a ele crueldade ou ignorância, como se ele fizesse as coisas maldosamente e imprudentemente, mas reconheçamos que ele procede em tudo com justiça admirável, com bondade e sabedoria infinita, de modo que há apenas retidão *inteira ou equidade em tudo o que ele faz*.⁵

A solução para a raiva pecaminosa de Deus está em nos arrependermos continuamente de nossa incredulidade e rebelião

remanescentes. Devemos rejeitar as mentiras que negam a bondade, poder e sabedoria de Deus, e devemos reafirmar sua retidão, amor e justiça. Devemos nos arrepender, sabendo que “Deus se opõe aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tiago 4:6).

Embora Carolyn nunca tenha lido Calvino e possa ter estremecido ao pensar em chamar Deus de “cérebro de cabelo”, essas mesmas verdades precisavam penetrar em seu coração. Ao estudar as passagens das Escrituras listadas acima, ela começou a ver que a raiz de sua raiva contra Deus eram suas sutis acusações contra ele: *Deus não deveria permitir que esse pesadelo acontecesse comigo e com boas famílias cristãs como a minha.*

Os propósitos soberanos de Deus

Antes de passar para o nosso segundo princípio — aquele que guiou Carolyn em direção a Deus em uma direção positiva — vamos considerar uma variação comum do primeiro princípio. Como uma cristã madura, Carolyn sabia de antemão que Deus estava envolvido em sua situação de julgamento; foi isso que a levou a fazer perguntas sobre as ações dele.

Don, entretanto, não culpou Deus por nenhum de seus problemas, pelo menos não inicialmente. Don logo culpou sua infelicidade pelo trabalho — um chefe exigente, concorrentes sem escrúpulos e clientes desleais — e por sua lesão na região lombar e os problemas físicos e financeiros que ela trouxe. Ele estava cronicamente zangado com os outros e “apenas chateado com a vida em geral”.

Em certo sentido, Don estava comprometido com o Senhor. Ele estava regularmente envolvido na adoração e procurava orar e ler as Escrituras várias vezes por semana. É por isso que ele protestou contra a sugestão de seu pastor de que estava com raiva de Deus sem perceber.

Como muitos outros cristãos de nossa geração, Don falhou em ver a mão soberana de Deus por trás das dificuldades de sua vida. No entanto, como Don veio a perceber, seus problemas não eram ocorrências aleatórias de acaso cego. Eles vieram a ele como os procedimentos providenciais do governante onipotente que “faz tudo o que lhe agrada” (Sl 115:3). Don não tinha visto que Deus é a causa final de todas as dificuldades e que ele usa todas as provações para o bom propósito de nos tornar semelhantes a Jesus Cristo (Gn 50:20; Jó 1–2; 38–42; Rm 8:28). –29).

A primeira virada para Don veio quando ele viu que Deus, em sua soberania, havia colocado Don exatamente onde ele queria que ele estivesse. No entanto, isso criou um problema totalmente novo para Don. Antes, ele tinha raiva da “vida”, das “outras pessoas”, da

“natureza” e do “mundo” em geral. Enquanto o Senhor era marginal na mente de Don, Don nunca o culpou por suas dificuldades. Mas quando Deus se tornou central - quando Don concedeu a Deus seu lugar de direito no meio das lutas de sua vida - ele ficou com raiva de Deus. Ele começou a arrastar o Senhor para o tribunal.

Isso foi um progresso para Don? Na verdade sim! Este foi o primeiro e necessário passo em um processo rumo a uma alegria mais profunda e duradoura. Passar da ignorância para a consciência da soberania de Deus sinaliza progresso. O próximo passo veio quando Don estudou os bons propósitos de Deus ao enviar tais provas. Como Carolyn e inúmeros outros santos, Don viu que o Deus soberano que estava por trás de seu trabalho infestado de espinhos e ferido nas costas também era seu Pai amoroso. Ele gradualmente viu nas Escrituras que o Senhor estava usando essas provas para torná-lo mais parecido com Jesus, para aproximá-lo de si mesmo, para expor seu próprio pecado remanescente, para provar algo do que seu Salvador sofreu, para equipá-lo para o ministério compassivo para com os outros. , e até mesmo para aumentar seu desejo pelo retorno de Cristo e pelo novo corpo e nova terra prometidos por Cristo. Enquanto Don refletia sobre essas e outras verdades semelhantes, sua raiva de Deus deu lugar à confiança em Deus. Don estava aprendendo a se arrepender de suas exigências para que Deus agisse de determinada maneira. Ele estava aprendendo a amar a Deus por usar essas dificuldades para propósitos gratiosos.

É CORRETO EXPRESSAR SUAS PERGUNTAS A DEUS COM FÉ NO CORAÇÃO

Se a ira contra Deus é pecado, como lidamos com nossas dúvidas e questionamentos sobre seu trato providencial, especialmente em meio aos nossos sofrimentos? Devemos estoicamente e silenciosamente “recheiar” nossas lutas? Felizmente, nosso Senhor apresenta outra opção, o caminho traçado para nós através das porções de lamentação das Escrituras.

Os cristãos às vezes ficam perplexos com os caminhos de Deus e confusos com suas aparentes inconsistências. No entanto, as Escrituras nos ensinam a arte do lamento santo - aprendendo a reclamar com fé - a Deus sobre as calamidades que ele envia.

Por exemplo, o leitor cuidadoso de Jó 1 e 2 não pode evitar a conclusão de que o próprio Deus é a causa última do infortúnio de Jó. Nos capítulos que se seguem, ouvimos as queixas amargas de Jó e as perguntas angustiantes. No entanto, ele nunca passou para um estado estabelecido de culpar a Deus por seu sofrimento. Embora as perguntas de Jó nunca fossem respondidas, ele

permaneceu fiel a Deus no coração. O Senhor que ele conheceu de maneiras mais ousadas e avassaladoras em Jó 42 era o mesmo Senhor em quem ele havia confiado desde o início.

Vemos a mesma coisa no livro de Lamentações de Jeremias. Ele estremece quando se lembra do julgamento da mão de Deus sobre sua própria nação. Ele atribui a devastação aos decretos de Deus, mas nunca nega a lealdade da aliança de Deus ou a bondade essencial de seu povo. Ele não impugna os motivos de Deus nem o acusa de malícia ou capricho. Ele luta, se pergunta e questiona, mas, no final das contas, descansa nas promessas de restauração e bênção de Deus.

Considere também o profeta Habacuque na véspera da invasão da Babilônia (c. 600 AC). Suas queixas honestas (Hab. 1:1–4; 1:12–2:1) surgem não da raiva contra Deus, mas da convicção de que Deus era realmente um poderoso Juiz e um amoroso Salvador (3:18–19). Suas perguntas refletem sua fé fundamental.

Claro, o depósito mais rico do lamento bíblico está nos salmos. Ouça os clamores de Davi no Salmo 13:

Quanto tempo, OL ORD ? Você vai me esquecer para sempre?

Até quando você vai esconder seu rosto de mim?

Quanto tempo devo lutar com meus pensamentos
e todos os dias tenho tristeza em meu coração?

Até quando meu inimigo triunfará sobre mim?

Olhe para mim e responda: Ó SENHOR , meu Deus.

Dê luz aos meus olhos, ou dormirei na morte;

meu inimigo dirá: “Eu o venci”,

e meus inimigos se alegrarão quando eu cair.

Mas eu confio em seu amor infalível;

meu coração se alegra com a tua salvação.

cantarei ao SENHOR ,

pois ele tem sido bom para mim.

Davi lida com a aparente distância de Deus dele em meio aos ataques inimigos. Ele questiona a aparente negligência do Senhor e reclama da ausência sentida de Deus. No entanto, observe que Davi fala *com* seu Deus. Ele tem tratos *com* Deus. Ele se dirige a Deus *diretamente* . E em vez de acusar Deus de transgressão, a lamentação quádrupla “até quando” de Davi (vv. 1–2) leva à petição (vv. 3–4), que produz confissão de confiança (v. 5) e compromisso de louvar (v. 6). Ele resolve confiar no amor leal, na salvação e na bondade de Deus.

lamentos de fé

Que elementos comuns podemos extrair desses lamentos bíblicos?

1. *Sufrimento*. Cada um desses crentes estava experimentando intensa confusão e perplexidade sobre as aparentes inconsistências entre o caráter revelado de Deus e seus tratos providenciais atuais. O divórcio de Carolyn não foi menos trágico do que os sofrimentos

que esses crentes enfrentaram. O trabalho de Don e os problemas nas costas eram comparáveis às provações registradas nas Escrituras. A Bíblia dá palavras ao nosso sofrimento registrando as palavras de outros sofredores.

2. *Oração*. Cada lamentador expressou suas perguntas diretamente ao próprio Deus. Eles se moveram *em direção a* Deus, não *para longe* dele. Eles buscaram seu rosto em oração e não se contentaram com nada menos que um contato conversacional com seu Salvador. Jó, Jeremias, Davi e Habacuque, todos tiveram tratos diretos *com* Deus. Um dos problemas de Carolyn era que ela estava fazendo perguntas *sobre* Deus, mas não levando essas perguntas a ele.

3. *Fé*. Os lamentos desses crentes surgiram da fé fundamental (ainda que imperfeita). Nas trincheiras, eles se submeteram a Deus e se apegaram às verdades básicas sobre sua pessoa e obra. Na verdade, foi a crença deles na absoluta soberania, poder, sabedoria e bondade de Deus que produziu suas queixas em primeiro lugar! A mentalidade é assim:

Pai, é precisamente *porque* sei que você é todo-amoroso e todo-poderoso que estou lutando com a aparente ausência de seu amor e poder agora nesta situação. É *porque* estou convencido de que você é bom que seus castigos me confundem. É *porque* acredito em sua aliança de amor que sua distância aparente me deixa perplexo.

4. *Humildade*. Esses crentes expressaram seus lamentos com reverência e submissão. Eles não desabafaram ou perderam o controle. Ao se humilharem, eles evitavam as acusações blasfemas encontradas na literatura religiosa pagã.

5. *Renovação*. Esses santos chegaram a alguma resolução de sua luta, uma medida de renovação em sua fé. As seções finais de Jó, Lamentações, Habacuque e Salmo 13 todas ecoam uma fé madura, provada e testada, mais madura e mais doce através das dificuldades.

A AGENDA DE DEUS NO SOFRIMENTO

Alex, um obreiro cristão comprometido, enfrentava problemas de depressão e abstinência ligados a pesadelos e lembranças de um estupro na infância cometido por vários meninos mais velhos. Suas lutas afetaram seriamente seu casamento e ministério. Depois de três meses de terapia que não foi orientada biblicamente e que rendeu poucos resultados, ele procurou a ajuda de um conselheiro bíblico centrado em Cristo.

No nível da raiz, Alex duvidou da bondade de Deus por causa desse abuso. A questão da “ira de Deus” o incomodava. O conselheiro anterior havia lhe dado um livro que promovia uma agenda “Tudo bem ficar com raiva de Deus”. O autor exortou Alex a liberar sua

raiva e até mesmo a perdoar a Deus. Felizmente, Alex não acreditou nessa abordagem; seus instintos bíblicos levantaram bandeiras vermelhas.

O que estava errado? Como muitos de nós, Alex erroneamente interpretou o coração de Deus com base em sua interpretação da providência de Deus. À medida que seu novo conselheiro o ajudou a ver sua vida através de lentes bíblicas, Alex ganhou uma visão mais precisa de seu Pai celestial.

Ver o incidente do estupro sob a categoria bíblica de julgamento abriu uma nova perspectiva de percepção e esperança para Alex. Ele viu alguns dos propósitos de Deus para essa provação ao estudar Tiago 1:1–12, 2 Coríntios 1, Jó e a vida de José em Gênesis 37–50.

Usando o Salmo 77 - um salmo de lamento - como modelo, Alex compôs sua própria oração de lamento na qual expressou honestamente suas lutas. Por um lado, sua compreensão crescente da bondade e graça de Deus o impediu de acusá-lo de transgressão. Por outro lado, poderia levantar as duras perguntas típicas das lamentações bíblicas: “Onde estavas, Deus, quando isto aconteceu? E como você se sentiu? Você poderia me mostrar como respondeu?

Essas perguntas impulsionaram a agenda de aconselhamento para várias sessões. Alex começou a ver que o Senhor estava presente em sua vida o tempo todo. Embora não fosse um cristão quando foi vitimado, Alex teve a certeza da verdade da graça eletiva de Deus de que mesmo assim ele estava na mente de Deus. Seu conselheiro ajudou Alex a ver a ira justa de Deus contra os perpetradores e a promessa de Deus de julgar tal mal (Romanos 12:19). Estudar a compaixão de Deus ajudou Alex a ver como Deus chorou compassivamente pelo abuso que havia sofrido. Deus tinha bons propósitos ao permitir um julgamento tão horrível.

Que propósitos gratiosos Alex identificou? Ele viu que a agenda de Deus era levá-lo, como um menino então e um homem agora, a invocar a Cristo e buscar sua ajuda. Deus planejou essa tragédia para ensinar Alex a confiar em Deus e não em si mesmo. Além disso, Deus estava usando essa experiência dolorosa para cultivar maior compaixão pelos companheiros de sofrimento (em qualquer forma de sofrimento) e para equipar Alex para um ministério mais sábio, gentil e frutífero para os outros. Hoje ele é um ministro misericordioso de Jesus.

NÃO RAIVA, MAS ORAÇÃO HUMILDE E SUBMISSA

O que você deve fazer quando for tentado a culpar a Deus por seu sofrimento? Como você deve aconselhar aqueles que estão com

raiva dele? Como você pode seguir um caminho intermediário entre a negação estoica e o desabafo carnal?

Primeiro, reafirme sua crença na soberania, poder, sabedoria e bondade de Deus para com você em Cristo. Comece meditando nas passagens listadas acima e conversando com Deus em oração sobre o que sua Palavra está ensinando a você. Complemente sua leitura das Escrituras com livros bíblicamente sólidos sobre como aprender a confiar em Deus em meio ao sofrimento.⁶

Em segundo lugar, rejeite a tentação blasfema de acusar Deus do mal ou lançar calúnias sobre seu caráter ou propósitos. Rejeite as vozes terapêuticas de “Está tudo bem ficar com raiva de Deus” de nossos dias.

Terceiro, reconheça sua capacidade limitada de compreender os decretos de Deus. Sua mente caída e finita é simplesmente incapaz de compreender os caminhos dele. Você não é responsável por descobrir Deus - apenas por conhecê-lo, confiar e agradá-lo. Resista à exigência de conhecer as coisas secretas de Deus e, em vez disso, descanse nas coisas reveladas de Deus (Deuteronômio 29:29), o que sua Palavra lhe diz sobre seus propósitos amorosos. Confesse a ele sua ignorância de seus caminhos ocultos e afirme sua fé essencial, embora fraca ou confusa, em sua bondade. Lembre-se da cruz como a prova final de que Deus o ama (Rm 5:8) e que ele é por você em meio aos seus sofrimentos (Rm 8:28–39).

Quarto, aprenda a reconhecer a Deus, com fé honesta e submissão, seus pensamentos e sentimentos. Seja transparente em sua presença; “derramem a ele seus corações” (Salmos 62:8). Expresse seus pensamentos e sentimentos, suas dúvidas e perguntas, suas alegrias e tristezas, seus gemidos e suspiros. No entanto, faça isso com reverência. Confesse ao Senhor qualquer raiva que você possa ter contra ele. Não desabafe; arrependa-se disso!

Quinto, ao aprender a harmonizar seus pensamentos e sentimentos com os bons propósitos de Deus, tenha o cuidado de obedecê-lo. Faça o que Deus ordena mesmo quando for diferente de seus desejos.

Observe a perspectiva renovada de Carolyn: “Pai Celestial, odeio o que Ray fez. Isso dói. E há momentos em que, pela minha vida, não sei por que você deixou isso acontecer com as crianças e comigo. Eu sei que você está no controle, mas é difícil ver sua mão em toda essa confusão, e estou tentado a ficar com raiva de você. Ajude-me Senhor. Eu sei que no fundo você é bom, que você me ama e está usando isso para me tornar como Jesus. Ajude-me a confiar em você e não duvidar de você. E ajuda-me a fazer o que te agrada nesta situação, mesmo quando estou chateado.”

Quando tentados a ficar com raiva de Deus, não precisamos nos contentar com o frio estoicismo ou a blasfêmia quente. Deus abre a

porta para lamentarmos, para trazermos a ele nossas dúvidas e perguntas - com sabedoria, humildade e honestidade. Ele inclina seu ouvido para seu povo sofredor. Que o Senhor nos estimule a renovar a fé, a santidade e a humildade enquanto caminhamos com ele.

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Quando for tentado a ficar com raiva de Deus, pergunte a si mesmo de qual atributo de Deus você é tentado a duvidar - sua soberania, sabedoria ou amor - ou todos ou alguma combinação deles. Então peça a Deus para renovar e refrescar sua fé nele - em seu caráter, controle absoluto e promessas.

tipos de salmos "Até quando, OL ord" (6:3; 35:17; 74:10; 79:5; 80:4; 82:2; 89:46; 94:3; 119:84).

3. O corpo de Cristo precisa das perspectivas desses capítulos. Procure oportunidades nas próximas semanas para testemunhar aos outros, de maneira sábia e sensível, não apenas como Deus tem ajudado você a se arrepender de sua ira contra ele, mas também como Deus tem convidado você a abrir seu coração a ele de forma humilde, confiança submissa.

RAIVA CONTRA SI MESMO

EU não posso acreditar que errei aquele tiro errado; teria empatado o jogo e enviado para a prorrogação. É minha culpa termos perdido.

“Não sei por que diabos vendi aquela ação; ele se separou há dois meses e continua a ter um aumento recorde, mesmo enquanto falamos.

“Eu poderia me chutar por queimar o churrasco de Londres; Eu teria que estragar tudo na mesma noite em que receberíamos o chefe de Jim.

“E pensar que joguei fora meu casamento com Susan apenas para uma aventura de fim de semana. Não consigo nem me olhar no espelho.”

“O que eu estava pensando quando abandonei meu último ano para conseguir aquele emprego de vendas bem remunerado que evaporou em oito meses? O que eu estava pensando?”

E, como um comercial de encerramento para os fãs de TV baby boomers: “Não acredito que comi tudo. . . .”¹

Mencione a palavra “raiva” e você imediatamente pensará em algum objeto – uma pessoa, situação ou coisa – contra a qual a raiva de alguém queima. As pessoas têm raiva de alguém ou de alguma coisa.

Mas a raiva não é menos raiva quando você a dirige contra si mesmo.

Considere nossa definição de trabalho do capítulo 1: A raiva é nossa resposta ativa de toda a pessoa de julgamento moral negativo contra o mal percebido. Quando ficamos com raiva de nós mesmos por causa de algum fracasso, direcionamos ativamente nossa raiva para dentro. Nossa resposta é uma resposta negativa de toda a pessoa, do coração, contra algo que fizemos ou deixamos de fazer. Aqui, a definição de “raiva” de Richard Baxter do capítulo 1 pode ser bem aplicada à auto-raiva. É “o surgimento no coração em deslocamento apaixonado contra um mal apreendido, que nos cruzaria ou nos impediria de algum bem desejado”.² Quer seja uma chance de fazer hora extra, a posse de um estoque crescente, um assado de carne não queimado, uma segunda chance em seu casamento, um diploma do ensino médio ou uma noite sem azia, a pessoa está com raiva de si mesma porque sua ação cruzou ou o impediu de algum bem desejado. A raiva vem quando as

circunstâncias ou as pessoas – incluindo nós mesmos – frustram nossos desejos.

Como devemos pensar sobre essa noção muito real de estar com raiva de si mesmo? É notavelmente semelhante à noção de “autoperdão”. Em ambos os casos, faço um julgamento moral de que minha ação ou inação é errada – não necessariamente uma violação da lei de Deus, mas roubando de mim algo que agora desejo. Eu me julgo ter feito algo errado e agora desejo me punir. Auto-raiva descreve minha ira contra mim mesmo; a noção antibíblica de auto-perdão postula minha necessidade de me perdoar do meu pecado e liberar minha raiva.

Tanto a raiva quanto o autoperdão são, por sua vez, semelhantes à dinâmica da vergonha ou do arrependimento. No último, percebo que minha ação ou inação é errada aos olhos dos outros; Estou envergonhado diante dos olhos de outras pessoas por causa do meu fracasso.

Como devemos pensar biblicamente sobre ficar com raiva de nós mesmos? Como vimos no capítulo 1, a Bíblia fala da ira divina, da ira humana justa e da ira humana pecaminosa, mas não retrata essa ira sendo dirigida contra o eu. Ao mesmo tempo, a Escritura fala do poder de condenação da consciência de alguém em passagens como Romanos 14:22–23, 1 Coríntios 4:2–4 e 1 João 3:19–21.

Deixe-me sugerir cinco maneiras pelas quais a Bíblia aborda esse assunto de auto-ira. Qualquer um ou todos eles podem estar subjacentes à experiência de uma pessoa de estar com raiva de si mesma.

1. A pessoa que está com raiva de si mesma pode estar simplesmente expressando sua incapacidade ou falta de vontade de compreender e receber o perdão de Deus.

Essa explicação se ajusta especialmente à pessoa que de fato e sem ambiguidade — de fato, não por mera percepção — pecou contra Deus. Essa pessoa vê sua auto-ira como uma punição pela culpa em que incorreu sua ação ou inação. Estou com raiva de mim porque, enquanto minha consciência me diz que mereço punição, em minha incredulidade não vejo o julgamento e o perdão de Deus simultaneamente derramados sobre mim.

Por que um cristão pode não compreender o perdão de Deus? Talvez ele tenha falhado em ver seu pecado como uma ofensa direta e séria contra o próprio Deus (Gn 39:9; Sl 51:3-4). Sua consciência não está tranquila porque ele subestimou a gravidade do pecado. Ele racionaliza isso como um mero erro, não como um ataque traiçoeiro contra seu Criador e Rei. Portanto, ele não é levado a buscar a graça de Deus por seus pecados; em vez disso, ele mastiga seus erros com um arrependimento indefinido e corrosivo.

De maneira semelhante, talvez ele tenha falhado em ver e apreciar a santidade e a ira de Deus contra seu pecado (Isaías 6:5). Sua consciência lhe diz que seu pecado deve ser julgado e punido. Se Deus não o fizer, ou se a ira de Deus for considerada leve demais, o homem irado suprirá a raiva necessária. Por subestimar o ódio de Deus ao pecado, ele acredita que deve julgá-lo por si mesmo e ficar zangado com isso. O verdadeiro Deus simplesmente não está na foto.

Talvez a pessoa não tenha captado o escopo e a profundidade da graça e do poder perdoador de Deus (1 Coríntios 6:9–11; Filipenses 3:13–14; 1 Timóteo 1:15–16). Ele não acredita na verdade de que Deus pode perdoar até mesmo o pior dos pecadores. Com um Deus tão estreito e limitado, ele vê seu pecado como imperdoável e que precisa de seu próprio castigo. Ou ele vê a graça de Deus como “barata”, não poderosa o suficiente para quebrar o domínio do pecado.

Talvez a pessoa lute contra o perdão porque não está respondendo adequadamente aos obstáculos que impedem a segurança e a tentam a duvidar. Estes podem incluir Satanás, o acusador (Zacarias 3:1; Apoc. 12:10), acusadores humanos, remanescentes persistentes do mesmo pecado ou lembretes contínuos de pecados passados (lugares, relacionamentos, cicatrizes físicas). Quando ele sucumbe a tais tentações, pode ficar cheio de remorso e pensar erroneamente que precisa de mais autoperdão.

Talvez ele tenha falhado em crescer nas graças de adiar o pecado específico e colocar substitutos justos (Efésios 4:22–24). Ele duvida do perdão de Deus porque repete o mesmo pecado. E repete o mesmo pecado porque, em termos de crescimento, é a mesma pessoa. Sua santificação atrofiada resulta em repetidas derrotas nas mãos desse pecado que assedia. E sua contínua “incapacidade de perdoar a si mesmo” é uma rendição velada ao seu poder vinculativo. Ele está bravo consigo mesmo por seu pecado contínuo. O remédio em todos esses casos é entender, crer e viver o evangelho adequadamente. Apegar-se ao perdão de Deus em Cristo reduz todos esses erros e remove o risco de entendermos mal nosso verdadeiro problema (ou seja, a necessidade de libertação da culpa e do poder do pecado) como raiva contra nós mesmos. O que realmente precisamos é mudar de nossa incredulidade para o verdadeiro evangelho da graça!

Phil, o homem que jogou fora seu casamento para um encontro de fim de semana com outra mulher, precisava desesperadamente entender a graça do evangelho de Deus. O relacionamento começou como uma amizade inocente, mas desenvolveu vida própria, culminando em adultério. “Não posso acreditar como fui realmente estúpido”, disse Phil a seu amigo e ancião da igreja. “Eu

destruí meu casamento completamente; Susan nunca vai me dar uma segunda chance. Apesar de seus esforços para se arrepender e buscar o perdão de Deus e de sua esposa, sua raiva contra si mesmo continuou. Seu desgosto ao se olhar no espelho era mais do que a culpa e a vergonha que sua infidelidade justificava. Não vendo um Deus que o julgou e um Salvador que morreu por ele, Phil teve apenas a si mesmo para aplicar o castigo necessário de auto-ira. E lá ele chafurdou em sua culpa, tateando por auto-expição por meio de penitência e auto-laceração mental. E cada lembrança de sua esposa, seu casamento, sua casa e seus filhos só aumentava seu pesar furioso. Seus pensamentos de suicídio não eram movidos pelo desespero, mas por desejos de auto-assassinato. Phil odiava o homem em que se tornara e, de uma forma distorcida, havia se sentenciado à morte.

Qual era a esperança de Phil? Apenas a cruz - a sentença de morte imposta e executada em seu substituto, o Senhor Jesus. Quando Phil aprendeu sobre a obra de Cristo, ele foi capaz, por meio do arrependimento e da fé, de superar sua raiva e confiar sua culpa e seu julgamento ao poderoso Salvador dos pecadores.

2. A pessoa que está com raiva de si mesma pode não ver ou estar disposta a reconhecer a profundidade de sua própria natureza pecaminosa.

A pessoa que diz que está com raiva de si mesma pelo que fez pode simplesmente querer dizer "Ainda não consigo acreditar que eu - eu, uma pessoa de boa moral, eu, o grande eu - realmente fiz uma coisa tão covarde!" Tal pessoa falha em entender que nenhum de nós, como pecadores, está acima dos atos mais enganosos e desesperadamente perversos (Jeremias 17:9; 1 Coríntios 10:6–12). Nossa capacidade de fazer o mal não deve nos surpreender, uma vez que entendemos a natureza pecaminosa que reina no incrédulo e permanece no crente. Tiago 1:13–15 retrata o poder de nossos desejos corruptos de nos levar à ruína espiritual. O teólogo puritano John Owen observou que qualquer tipo de pecado carrega em si as sementes da apostasia total.³ Sua auto-raiva pode ser simplesmente o resultado de acreditar ingenuamente que você é melhor do que realmente é.

3. A pessoa que está com raiva de si mesma pode estar expressando seu arrependimento por não ter conseguido realizar um certo desejo acalentado.⁴

O menino que errou o lance livre que empatou o jogo e o homem que vendeu suas ações antes de seu rápido aumento têm isso em comum: seus fracassos significam que eles não conseguirão as coisas boas que valorizavam. Em essência, essa pessoa diz o seguinte: "Tive a oportunidade de conseguir algo que realmente queria, mas joguei tudo fora". O jogador de basquete reclama: "Eu

poderia ter empatado o jogo para o meu time!” O investidor fica emburrado: “Eu poderia ter ficado rico!”

O desejo dominante específico pode variar: “Quero que meus colegas gostem de mim”. “Eu quero me casar.” “Quero ser aprovado pelo meu chefe.” “Quero ter filhos que me respeitem.” “Quero ver meu pai moribundo encontrar a salvação.”

Mas a realidade então se estabelece: “Mas de alguma forma pelo meu pecado [real ou percebido], eu estraguei tudo.” “Eu disse algo estúpido na aula na frente dos meus colegas.” “Eu envergonhei minha namorada [ou seja, noiva em potencial] no restaurante.” “Eu congelei no quarto do papai no hospital em vez de falar uma boa palavra sobre Jesus.”

Conclusão: “E agora me odeio por desperdiçar a oportunidade de conseguir o que tanto desejava. Eu tinha a felicidade na palma da mão e deixei cair!”

Você vê a mentira que leva a pessoa com raiva de si mesma? Ele pensa com orgulho que pode controlar o mundo e garantir o que deseja. Quando seus desejos são frustrados, o resultado é autocensura e um caso assustador de “se eu tivesse. . . .” Ele é cego para seu desejo subjacente de controlar sua própria felicidade. Quando ele falha em realizar seu sonho terreno, ele fica bravo consigo mesmo.

Você vê a semelhança com a dinâmica dos capítulos 3 e 4? Lá vimos que nossos ídolos do coração fazem exigências aos outros e, quando eles falham em nos dar o que desejamos, ficamos com raiva deles. O mesmo é verdade aqui: não conseguimos o que desejamos e ficamos com raiva de nós mesmos.

A solução também é semelhante à dos capítulos anteriores. Devemos confessar o engano e o poder de nossos desejos dominantes e nos arrepender de sua autoridade. Com fé humilde, encontramos um Salvador perdoador e, em sua força, destruímos esses ídolos e aprendemos a descansar nele. A auto-ira retrocede. O contentamento aumenta. Jesus reina.

4. A pessoa que está com raiva de si mesma pode estar tentando estabelecer ou viver sob seus próprios padrões de retidão.

A auto-raiva pode simplesmente significar que a pessoa não viveu de acordo com seus próprios padrões ou com as expectativas de outras pessoas (que ela adota como seus padrões). Esperamos um certo nível de desempenho de nós mesmos. Definimos metas irrealistas e perfeccionistas. Quando falhamos, como inevitavelmente acontece, ficamos com raiva de nós mesmos.

Em essência, tal pessoa erigiu orgulhosamente sua própria lei ou abraçou com medo a lei de outra pessoa. Ele está buscando não apenas “uma justiça própria” (Filipenses 3:7–9), mas uma justiça própria contra seus próprios *padrões*. Mas a Bíblia nos diz que

Deus é o único a quem devemos agradar; sua lei deve ser nosso único padrão de autoavaliação. Quando aceitamos outros padrões, nos abrimos para a auto-ira quando falhamos.

Por exemplo, o homem que fica com raiva de si mesmo quando comete um erro de trabalho erigiu um padrão antibíblico: "Devo ser um trabalhador impecável." Ele está brincando de Deus ao rejeitar a lei de Deus e estabelecer a sua própria. A mulher que está chateada consigo mesma porque, em suas palavras: "Se eu tivesse persuadido meu marido a ir ao médico antes, ele não teria morrido", também está assumindo o papel de Deus. Felizmente, o evangelho é mais poderoso até mesmo do que uma consciência distorcida.

Enquanto escrevia este capítulo, conversei com um casal que havia passado por uma experiência vocacional decepcionante. Sid havia se mudado para um estado do sul para assumir um cargo de gerência intermediária em uma grande empresa. O trabalho parecia perfeito para ele, um trabalho ideal com um salário sólido e pacote de benefícios e muito potencial de crescimento. O que Sid havia subestimado — severamente — era o clima corporativo cruel e o compreensível descontentamento de sua família tanto com a comunidade quanto com a questionável empresa. Após nove meses, ele pediu demissão e eles voltaram para sua cidade natal desempregados e endividados.

Mais tarde, Sid admitiu que tinha sido míope, concentrando-se mais no trabalho do que na família e no fascínio do trabalho - suas vantagens e potencial - mais do que em suas muitas desvantagens. Ele havia sido seduzido pelos atrativos da empresa. Seus bons desejos se tornaram mestres ruins.

Mas quem lutou ainda mais foi Jane. Desde a menção inicial de Sid sobre esta oportunidade de trabalho, até sua primeira entrevista, até a visita de sua família para procurar uma casa, até o dia da mudança, Jane ficou preocupada com a mudança.

À medida que os eventos se desenrolavam, Jane ficou cada vez mais zangada consigo mesma por não impedir Sid de perseguir e aceitar essa posição. Sua retrospectiva apresentava uma dúzia de "se ao menos" e "por que não eu?" arrependimentos. *Se ao menos eu tivesse falado antes. Se ao menos eu tivesse feito mais perguntas a Sid ou ao entrevistador. Se ao menos eu tivesse insistido para que Sid esperasse uma semana antes de aceitar impulsivamente a oferta. E o mais extremo de tudo: se ao menos eu tivesse feito as malas e dirigido eu e as crianças de volta para casa por alguns dias para mostrar a Sid que eu não queria estar lá.* Seus arrependimentos a estavam afogando em culpa e raiva de si mesma.

O que estava acontecendo dentro de Jane? Entre os muitos temas do coração que discutimos estava a culpa distorcida por trás da

auto-ira. Ela estava com raiva de si mesma porque acreditava erroneamente que era responsável por fazer seu marido desistir do caminho de candidatura-entrevista-aceitação. Não bastava ela fazer o que fez, ou seja, expressar claramente suas dúvidas e preocupações ao marido em vários momentos. Ela estava assumindo a responsabilidade não apenas de se comunicar com ele (o que ela fez), mas também de controlar a decisão dele (o que ela não fez e não podia!). Sua auto-ira fluiu de sua submissão a uma lei que não era de Deus.

5. A pessoa que está com raiva de si mesma pode ter subido ao trono do julgamento e declarado ser seu próprio juiz.

Ter raiva de mim mesmo é me colocar no papel de juiz. Eu convoco o tribunal, ajuízo o caso, dou um veredicto de culpa contra mim mesmo e expresso minha raiva. Mas a Bíblia declara que somente Deus é o Juiz e que somente seu Filho é o meu culpado e perdoador. [5](#)

Esta questão do papel é importante. O que a pessoa está realmente dizendo quando fala sobre estar com raiva de si mesma? “Ele” está de alguma forma zangado com seu “eu” ou vice-versa? Quem é o “ele” que julga o seu “eu”? E quem é o juiz que determina que a culpa existe em primeiro lugar?

É vital neste caso que apontemos a pessoa irada para longe de si mesma como juiz ou perdoador, para o único Juiz e Perdoador, nosso Senhor Jesus Cristo!

Começamos este capítulo com alguns exemplos típicos de pessoas que ficam com raiva de si mesmas. E vimos cinco maneiras pelas quais esse diagnóstico realmente falha ao não compreender as profundezas da depravação humana e as alturas da graça divina. Não devemos minimizar nossa culpa - os tipos reais ou distorcidos - mas levá-la à cruz. A Palavra de Deus fornece o único diagnóstico e solução precisos e úteis.

Que rico raio de graça isso é para pecadores auto-irados como nós! Nossa experiência de auto-ira - por exemplo, auto-recriminação, auto-acusação e meditação - fornece uma janela maravilhosa para uma percepção mais profunda de nossa pecaminosidade sutil. Falhamos em ver as maneiras pelas quais vivemos cegamente como nosso chamado “justo legislador e juiz, bem como sacrifício pelos pecados”. Esse autoconhecimento aprofundado abre a porta para conhecermos o amor de Deus em Cristo Jesus com nova relevância e poder.

O que isso significa para nós? Não precisamos guardar raiva contra nós mesmos. O sangue de Jesus purifica toda a nossa injustiça. “Filho, perdoados estão os teus pecados” (Marcos 2:5). Em vez do gotejamento interminável de arrependimento, Deus agora nos cobre

com seu perdão. Suas promessas de graça diária caem sobre nós como uma cascata vigorosa.

Quais promessas? As seguintes passagens, com suas figuras de linguagem, podem se tornar especialmente persuasivas: “Eu removi seus pecados tanto quanto o leste está longe do oeste. Embora fossem como o escarlata, eu os tornei brancos como a neve. Eu coloquei todos os seus pecados nas minhas costas. Eu, eu mesmo, sou aquele que apago as vossas transgressões e não me lembro mais dos vossos pecados. Eu varri suas ofensas como uma nuvem, seus pecados como a névoa da manhã. Eu os pisei e os lancei nas profundezas do oceano” (Sl 103:12; Is 1:18; 38:17; 43:25; 44:22; Mq 7:19).

Que Deus nos capacite a lidar com nossa raiva por meio do evangelho e ajudar outros a fazerem o mesmo.

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Quando você se sentir zangado consigo mesmo de uma maneira prolongada ou duradoura, seja do tipo forte "eu me odeio" ou do tipo arrependimento torturante, tente as cinco explicações acima para ver se uma delas se encaixa na sua experiência. Observe como todas as cinco maneiras se concentram nas questões básicas do evangelho – pecado e graça, o julgamento de Deus e a redenção de Cristo. Cuidado com noções simplistas, até mesmo cristãs, que as pessoas podem oferecer para diagnosticar e explicar sua luta, como “Você só precisa se perdoar”.

2. Estude as passagens do estudo bíblico do Apêndice A, “Imagens do Perdão de Deus a Seu Povo”. Reflita sobre essas ricas imagens da graça. Veja seu cumprimento na cruz de nosso Senhor. Banqueteie-se com o perdão que Deus derrama sobre você. Peça a ele para substituir a auto-ira em sua alma pela alegria da obra redentora de Cristo. E compartilhe este estudo e seu testemunho com um amigo.

AJUDANDO OS OUTROS A LIDAR COM SUA RAIVA

Taqui estão várias razões pelas quais você pode estar lendo este livro. Talvez você esteja lendo para o seu próprio bem. Você deseja lidar melhor com sua própria raiva e melhorar seu relacionamento com Deus e com os outros.

Ou talvez alguém de quem você gosta tenha um sério problema de raiva. Talvez você esteja ansioso para entender por que seu amigo fica com tanta raiva e quer oferecer alguma ajuda prática.

Mas é mais do que provável que ambos sejam verdadeiros. Mesmo se você pegou este livro para obter alguma auto-ajuda, você está vendo os rostos de muitos amigos e familiares nestas páginas. Em outras palavras, como disse Paul Tripp, você é uma pessoa que precisa de mudança e quer ajudar os outros que precisam de mudança.¹ Ou talvez você seja um pastor, presbítero ou conselheiro cristão a quem Deus deu uma visão ministerial especial e um chamado para ajudar pessoas iradas a crescer e mudar em Cristo. No meu próprio caso, comecei a estudar a raiva para ser um pastor melhor, para ministrar a Palavra de Deus com mais habilidade a algumas pessoas iradas que eu conhecia. No entanto, no decorrer da minha busca, Deus me mudou.

Seja qual for o seu status, você deve ser elogiado por seu desejo de ajudar. Deus em Cristo chama cada um de seus filhos para ministrar uns aos outros de várias maneiras, inclusive aconselhando-se uns aos outros com a Palavra de Deus.² O mundo lá fora — e o seu próprio mundo ao seu redor — tem muitas pessoas raivosas que precisam dessas perspectivas centradas em Cristo.

À luz disso, como você ministra a verdade de Deus de maneiras específicas para pessoas iradas? ³ Como podemos nos tornar ajudantes de pessoas mais sábios e graciosos ao encontrarmos pessoas iradas? Vamos considerar uma agenda básica de três etapas e algumas ferramentas para ajudar amigos e familiares zangados, quer admitam ou não ter um problema de raiva.

Etapas: entrar no mundo da pessoa, compreendê-la e sua situação e dar esperança no evangelho

Seus objetivos iniciais ao ajudar uma pessoa irada são refletir o cuidado e a esperança de Cristo por ela e cultivar um relacionamento caloroso e acolhedor. Jesus, nosso grande sumo sacerdote, oferece misericórdia e poder a todos, inclusive as

peessoas iradas, que olham para ele. Dele podemos “receber misericórdia e achar graça para nos ajudar em nosso tempo de necessidade” (Hb 4:16). A Palavra de Deus — o livro sobre a ira — dá respostas aos problemas de ira.

Obter informações (“coleta de dados”) sobre a pessoa é vital; você não pode ajudar pessoas que não conhece. Na verdade, seu conhecimento íntimo até mesmo sobre seus próprios amigos e familiares é geralmente muito menor do que você imagina. A maioria de nós tem muito poucos relacionamentos que quebram a superfície.

Você vai querer começar com informações gerais e avançar progressivamente em direção aos detalhes. Isso significa compreender e responder com interesse cristão às influências significativas do passado, às circunstâncias presentes e às preocupações futuras da pessoa. Quais são suas pressões situacionais? Como as pessoas pecaram contra ele? Quando? Por quem? De que maneiras? Onde ele está sendo tentado? A escuta compassiva é vital.

Por que esses assuntos são tão importantes? Porque as pessoas raivosas são frequentemente defensivas e desconfiadas. Eles não abrirão suas vidas para você, a menos que você demonstre desejo genuíno de ouvir suas histórias, incluindo suas dificuldades. Ficar “a bordo” com eles abre as portas para outras oportunidades de instruir e persuadir. Além disso, não basta que você os entenda; você deve comunicar isso a eles. Em outras palavras, para ganhar seus ouvidos, eles precisam *saber* que você os entende e que se importa. Conhecer a pessoa também requer entender seus incidentes específicos de raiva. Quando ele fica com raiva? O que o desencadeia? Em que ocasiões? Contra quem? Onde, quando e como? O que ele faz e diz com raiva? Que padrões ele relata? Qual você suspeita?

Você obtém essas informações não apenas fazendo boas perguntas e ouvindo bem, mas também observando o comportamento não-verbal de seu amigo e ouvindo o tom, a inflexão e o volume de suas palavras. O amigo que protesta com uma voz intensa e elevada: “Não, eu não estava zangado com ela”, precisa de sua intervenção amigável centrada em Cristo mais do que admite. Além disso, ao conhecê-lo melhor, você também pode começar a sentir um pouco de sua raiva diretamente. Ele pode começar a baixar a guarda e liberar sua raiva. E você pode ser o destinatário.

Outra maneira de conhecer a pessoa é por meio de várias tarefas de casa, como os exemplos do Apêndice A. Não presuma que você não pode sugerir tarefas em seu aconselhamento informal ou relacionamentos de discipulado. Assim como emprestar seu carrinho de mão a um vizinho, compartilhar uma ou duas

ferramentas de crescimento cristão com um amigo que confiou em você e demonstrou interesse em Cristo apenas elevará sua amizade e mostrará a seu amigo que você é um amigo verdadeiro que deseja ajudar.

Por exemplo, a folha “Registro de um Incidente Problemático” o convida a avaliar um incidente de raiva — descrever a situação e anotar brevemente o que ele sentiu, disse, fez, pensou e desejou naquela situação. Dependendo da área do problema e de suas percepções de suas conversas, você pode adaptar o dever de casa para pedir que ele se concentre na raiva em relação a uma pessoa específica ou em uma situação específica (por exemplo, “escreva alguns dos incidentes de raiva que você está tendo no trabalho”). Você notará que o formulário não se limita a incidentes de raiva, mas pode ser usado para refletir sobre questões de conflito, ansiedade, etc.

Outros formatos também podem funcionar. Você pode encorajar seu amigo a registrar em um caderno seus pensamentos ou orações relacionadas à raiva. Você pode usar este exercício para ensiná-lo a distinguir entre raiz e fruto, situação e resposta, pecar e ser alvo de pecado e preocupações versus responsabilidades. O diário também ajuda você a conhecê-lo melhor conforme ele compartilha com você e quando você entra em seu mundo cotidiano e vê a vida através de suas lentes.

Ao longo deste primeiro passo, você deve apresentar continuamente a esperança de Cristo. Ajude seu amigo desde o início a acreditar que Cristo perdoa e muda as pessoas iradas, e que a Palavra de Deus tem respostas para seus problemas de raiva. Ajude-o a descobrir essas verdades por si mesmo por meio da graça, tanto privada (por exemplo, lendo e meditando nas Escrituras, oração) quanto pública (por exemplo, adoração, ensino bíblico, serviço, comunhão “uns aos outros” com crentes maduros).

Lembre-se também do poderoso impacto que seu próprio exemplo pode ter sobre os outros. Uma grande parte do ministério cristão é refletir Jesus, que é gentil, humilde e convidativo aos pecadores (Mateus 11:28–30). Seu relacionamento com a pessoa estabelece um contexto para ensinar sabedoria (Tiago 3:17–18), demonstrar linguagem graciosa (Provérbios 15:1; Colossenses 4:6) e modelar um comportamento piedoso (Provérbios 13:20; 22: 24–25). Este ministério também inclui divulgações sábias de ilustrações pessoais, incluindo seus sucessos e fracassos. Testemunhos da transformação de Deus em seu próprio coração irado irão percorrer um longo caminho para dar esperança a seu amigo e aumentar sua confiança em você.

À medida que você ganha compreensão de seu amigo e à medida que a confiança dele em você se desenvolve, sua tarefa é conduzi-

lo dos ídolos a Jesus. Isso começa de maneira geral desde o início, quando você fala da graça e do poder de Cristo e convida a esperança e a fé. Enfatizar os fatos do evangelho – a morte e ressurreição de Cristo por pecadores como nós – e as promessas de Deus devem ser sua prioridade. As passagens-chave para memorização e meditação que inspiram ajuda e apontam para as provisões de Cristo para os pecadores incluem João 6:68–69; 1 Coríntios 10:13; Efésios 1:3; Colossenses 2:3, 9–10; Hebreus 4:16; e 2 Pedro 1:3. Ler e registrar percepções e aplicações de João 1 ou Efésios 1–2 pode ajudar. Livretos como *Cristo e Seus Problemas*, de Jay Adams, e *Você Pode Confiar em Deus*, de Jerry Bridges, podem complementar seu uso das Escrituras para dar esperança.⁴

Com base nessa graça, você convida seu amigo a responder com o compromisso de viver para Cristo, agradar a Deus e aplicar as respostas de Deus em sua vida. As passagens principais incluem 2 Coríntios 5:9, 14–15 e Efésios 4:1, 17–31; 5:8–10. Ao mesmo tempo, você deve fazer concessões para as pessoas que permanecem hesitantes neste estágio. A pessoa irada pode não estar convencida de que Jesus é digno de sua lealdade e que Jesus pode verdadeiramente perdoá-la e mudá-la.

Passo Dois: Ajude a Pessoa a Extirpar Suas Crenças Pecaminosas e Motivos que Causam Raiva Pecaminosa e a Abraçar o Deus da Graça

Ao abordar questões específicas de raiva, é vital que você ajude seu amigo a ver que a raiva dele vem de seu próprio coração. Como vimos no capítulo 2, as pessoas darão meia dúzia de explicações para sua raiva, que ficarão aquém do diagnóstico simples, mas penetrante, da Bíblia. Você, é claro, deve estar convencido de que esta conexão é indispensável, ou seja, que uma mudança piedosa completa e duradoura só acontece quando nossas crenças e motivos do coração são radicalmente mudados pela graça de Deus. Revisar os capítulos 3 e 4 pode ajudá-lo a solidificar essa ligação entre coração e comportamento.

O cerne de seu trabalho neste estágio é expor as crenças e motivos dominantes de seu amigo, ensiná-lo e persuadi-lo de novas maneiras a se arrepender e crer em Cristo. Você pode achar mais útil pedir-lhe que leia Tiago 3:13–4:12 ou uma das histórias da Bíblia que consideramos anteriormente. O estudo bíblico “Tiago 4 e a Causa dos Conflitos” no Apêndice A pode servir para conduzi-lo à passagem para discuti-la com você ou para acompanhar sua reunião.

Espere encontrar em seu amigo zangado os típicos agrupamentos de ídolos enfrentados por você e outros pecadores. Talvez eles se apeguem ao controle das circunstâncias e relacionamentos. Os pais

explodem quando seus filhos resistem à sua autoridade. As esposas tentam convencer seus maridos a irem à igreja. Os maridos exigem que suas esposas se submetam sexualmente. Os trabalhadores constroem suas esperanças em uma promoção ou aumento. Os pastores exigem que os membros tenham um bom desempenho; os membros esperam o mesmo (e às vezes mais) de seus pastores. Conforto e conveniência também podem governar as pessoas. Um pai grita com seu filho por interromper seu caso noturno com seu jornal. Um empregado reclama que o patrão lhe dá trabalho extra. A esposa de um pastor se ressentida dos telefonemas constantes de um congregante que reclama constantemente.

Ou talvez o medo que a pessoa tem do homem — seus ídolos de aprovação e reputação — cause raiva. Um marido constrangido entra em erupção quando sua esposa não consegue limpar a casa antes que seus amigos cheguem para visitá-lo. Uma esposa defensiva se ressentida dos comentários críticos do marido sobre ela na frente dos pais dele. A professora motivada pelo desempenho desmaia quando seus alunos a criticam.

Quais atribuições ajudam a eliminar ídolos específicos? Juntamente com os itens mencionados acima, o “Inventário de Necessidades e Direitos Pessoais” no Apêndice A aborda nossas chamadas “necessidades não atendidas”. Os conselheiros bíblicos sabem que os itens listados no inventário não são verdadeiras “necessidades” ou “direitos” aos olhos de Deus. Mas obter esses dados das necessidades sentidas por seu amigo é útil quando você ensina a ele a perspectiva bíblica.

Durante esta fase, você deve encorajar a pessoa a continuar registrando seus incidentes de raiva. À medida que ele começa a entender os problemas de seu coração com uma visão bíblica, o diário começa a refletir um coração arrependido. A pessoa pode progressivamente transformá-lo de um diário de problemas em um diário de oração, dirigindo-se a Deus com pronomes de segunda pessoa. John Bettler sugere um silogismo útil para ajudar a identificar problemas específicos de ídolos. ⁵ Ajude seu amigo a preencher os espaços em branco nas seguintes afirmações para cada episódio de raiva (exemplos de respostas fornecidos em itálico):

1. “Devo/não devo ser incomodado.”
2. “Seu trabalho é tornar minha vida conveniente.”
3. “Porque você falhou, você é mau e eu tenho o direito de puni-lo.” ⁶

Observe os ingredientes da raiva pecaminosa:

1. “Não devo ser incomodado” = um impulso idólatra (“devo”) por algo (conveniência), mesmo algo que em si não seja ruim.

2. “Seu trabalho é tornar minha vida conveniente” = uma exigência egocêntrica e irracional colocada sobre você para me dar aquele ídolo.

3. “Porque você falhou, você é mau e eu tenho o direito de puni-lo” = um veredicto punitivo sobre você como um transgressor.

Ou considere o resumo útil de Ken Sande sobre a progressão de um ídolo, encontrado em *The Peacemaker* e *Peacemaking for Families*.

7 Começamos com um “eu desejo” legítimo, mas isso muitas vezes se torna um “eu exijo” pecaminoso. Quando outra pessoa falha em satisfazer minhas demandas (e notemos que ninguém pode!), desenvolvo uma postura interna de “eu julgo”, que então dá origem a uma agenda de “eu castigo”. Embora o tema de Sande seja o conflito, a aplicação à raiva é óbvia e direta. Suas perguntas de aplicação também encontradas em ambos os trabalhos também podem servir como tarefas de casa que revelam o coração.8

Claro, não basta ajudar a pessoa a desarraigar os ídolos. Você deve ajudá-lo a substituir sua falsa confiança por uma confiança renovada no Deus vivo e por uma confiança crescente em seus recursos centrados em Cristo e em seu Espírito, sua Palavra e sua igreja.

Embora cada ato, atributo e promessa de Deus aumente a fé do crente, três verdades parecem particularmente vitais para aqueles com coração irado:

1. Deus é o justo juiz de seus ofensores. Pessoas iradas contra quem pecaram, às vezes severamente, precisam saber que um Deus justo punirá o pecado e justificará seu povo. Eles precisam deixar que Deus fique irado por eles, deixar que o Senhor seja seu único legislador, registrador de ofensas, testemunha, promotor, juiz e carrasco. Exorte seu amigo contra quem pecou a confiar na justiça perfeita de Deus — perfeita em discernimento, tempo e grau de punição. A seu tempo e à sua maneira, ele condenará os culpados e justificará os justos.

A que é que isto soa? “Querido amigo, sei que fulano de tal o feriu profundamente, mas Deus vê. Ele é justo. Deixe espaço para sua ira. Deixe Deus ser Deus. Deixe-o ficar com raiva de você. Recuse-se a bancar o vigilante. Deixe-o defendê-lo diante de seus acusadores e processar seus inimigos, a seu tempo e à sua maneira. Além disso, ele pode fazer um trabalho muito mais completo do que você. Só ele pode separar o trigo e o joio. Não fique no caminho dele.”

As passagens-chave para ensinar ou designar incluem o Salmo 94; Romanos 12:14–21; 13:1–7; 2 Tessalonicenses 1:6–8; 1 Pedro 2:22–23; 4:19; Apocalipse 6:9–11. *Como Vencer o Mal* de Jay Adams : Uma Exposição Prática de Romanos 12:14–21 9 ajudou muitos cristãos a lutar nesta batalha. Incentive seu amigo a ler o

livro, marque frases-chave, registre insights e aplicações e converse com você sobre eles na próxima semana.

2. Deus é o misericordioso perdoador e justo juiz de seus pecados. As pessoas iradas se concentram nos ciscos nos olhos dos outros e ignoram as vigas nos seus próprios olhos (Mt 7:3-5). O lugar para começar a desalojar essa distorção egocêntrica é saber que, para os crentes, Deus em Cristo perdoou sua enorme dívida multimilionária contra ele. As passagens-chave para a pessoa estudar incluem Salmos 32; 51; 103; 130; Isaías 38:17; 43:25; 44:22; Jeremias 31; Miquéias 7:18–20; Mateus 18:21–35; Efésios 4:32; e Colossenses 3:13.

Uma designação específica é estudar, registrar e meditar nas ricas figuras verbais do perdão divino nas passagens de Salmos, Isaías, Jeremias e Miquéias listadas acima (ver Apêndice A, “Imagens do Perdão de Deus a Seu Povo”). Tal estudo também prepara seu amigo para o chamado de Deus para perdoar aqueles que pecaram contra ele. O livro de Jerry Bridges, *Transforming Grace*, e o livreto de Patrick Morison, *Forgive! Como o Senhor te perdoou*, ensinará as mesmas verdades. [10](#)

Além disso, queremos ajudar as pessoas iradas a expandir sua consciência e reverência a Deus como seu santo Juiz. Embora tentados a retribuir o mal com o mal, eles precisam saber que os santos olhos de Deus os contemplam. “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Provérbios 9:10); tal sabedoria reverente é necessária ao enfrentar maus-tratos. O apóstolo Pedro apelou desta forma aos cristãos sofredores: “Visto que invocais um Pai que julga a obra de cada um com imparcialidade, vivam aqui como estrangeiros em temor reverente” (1 Pedro 1:17; cf. 2 Coríntios 5:9–10).

3. Deus é seu Pai bom, amoroso e soberano. Cristãos irados muitas vezes se sentem fora de controle – perdidos, abandonados e órfãos em um mundo fora de controle. Nossa agenda é simples: ajude-os a conhecer a Deus como seu Pai. Eles são filhos, não escravos; herdeiros, não órfãos (Gálatas 3–4). Instrua seu amigo a listar e meditar nos atributos de Deus em passagens como Gênesis 37–50 (especialmente 50:19–20); Mateus 6:19–34; Lucas 12:22–32; e Romanos 8:28–39.

Novamente, existem excelentes livros centrados em Cristo para nos ajudar. Sugira a seu amigo o livro de Jerry Bridges, *Trusting God: Even When Life Hurts*, seu livreto resumido, *You Can Trust God*, ou John J. Murray's *Behind a Frowning Providence*. [11](#) Bridges apresenta uma tríade memorável de verdades sobre Deus que costumo desenhar para as pessoas e chamo de “Triângulo da Confiança em Deus”: Deus é . . .

- Soberano e todo-poderoso;
- Infinitamente sábio e trabalhando de acordo com seu plano; e
- Perfeitamente amoroso e bom para com seu povo.

Esses fatos podem trazer esperança renovada ao seu amigo ou familiar em dificuldades.

Antes de passar para a nossa terceira fase do ministério, vamos nos lembrar do nosso objetivo neste ponto. Tendo cultivado um relacionamento com a pessoa, você está procurando ajudá-la a erradicar sua raiva pecaminosa desalojando seus desejos dominantes e transferindo sua fé para o Deus vivo. O Deus trino está usando você para expor e mudar as crenças e motivações pecaminosas de seu amigo. Ele se opõe aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes (Lucas 12:32; 18:9–14; Hebreus 4:16; Tiago 4:6). É vital que você lide cuidadosamente com esses problemas cardíacos.

Passo Três: Ajude a Pessoa a Controlar Suas Expressões de Raiva Pecaminosas e a Substituí-las por Palavras e Ações Divinas

Tendo levado seu amigo a abraçar o Deus da graça, nesta fase você procura ajudá-lo a mudar seu comportamento raivoso. A direção que você toma depende do tipo de raiva que ele expressa. Você deve adaptar o chamado bíblico para controlar e substituir palavras e ações pecaminosas para se adequar à pessoa em particular.

Ao lidar com reveladores de raiva como Jack, lembre-se de nossas diretrizes do capítulo 5:

1. Arrependa-se dos maus desejos que produzem seu comportamento raivoso e receba a graça capacitadora e perdoadora de Deus.
2. Assumir a responsabilidade por seu comportamento irado e identificá-lo como mau diante de Deus e do homem.
3. Confesse e renuncie ao seu comportamento raivoso diante de Deus e dos outros.
4. Acredite novamente em Cristo e em suas promessas do evangelho para pessoas iradas.
5. Comprometa-se a tomar medidas ativas e concretas para substituir seu comportamento raivoso por palavras e ações cristãs:
 - Auto-controle.
 - Fala piedosa.
 - Pacificação bíblica e resolução de problemas.
6. Estabeleça e execute um plano de tentação viável. Isso inclui alistar a ajuda de outros crentes.
7. Continue a estudar fervorosamente as Escrituras e os recursos baseados nas Escrituras sobre tópicos relevantes.

Juntamente com essas diretrizes, consideramos uma série de passagens bíblicas para reveladores de raiva. Em seu ministério pessoal, você pode adaptar esses textos a várias tarefas criativas. Uma ferramenta para usar no Apêndice A é um estudo de Provérbios intitulado “Controlando seu comportamento raivoso”. Incentive a pessoa a completá-lo e, em seguida, discuti-lo com você depois, e adotar um ou dois dos versículos como flechas afiadas para atacar a raiva pecaminosa. Vários deles, especialmente Provérbios 12:18 e 29:11, servem como excelentes versículos para memorizar.

Como podemos ajudar os que escondem a raiva como Jill? O capítulo 6 examinou as maneiras pecaminosas pelas quais as pessoas ocultam, internalizam e controlam sua raiva. Escrituras como Levítico 19:16–18, Lucas 15:25–30 e Efésios 4:25–5:2 podem ajudar seus amigos a ver o mal de tal comportamento. Lembre-se das seguintes orientações:

1. Veja a pecaminosidade e as terríveis consequências de seu coração amargo e comportamento oculto.
2. Volte-se para Jesus Cristo em arrependimento e fé e acredite que ele o perdoa totalmente.
3. Perdoe seu ofensor de coração.
4. Resista à tentação de extravasar sua raiva.
5. Substitua seu comportamento oculto por palavras piedosas que ministram aos outros.
6. Busque a pacificação bíblica e a solução de problemas.
7. Continue a orar, a estudar as Escrituras (e recursos baseados nas Escrituras) e a obter as orações, conselhos e responsabilidades de outros crentes.

A terceira diretriz, “Perdoe de coração o seu ofensor”, requer atenção especial. Devemos ajudar nossos amigos a liberar a amargura e perdoar o ofensor com atitude, de coração. Livros como *The Peacemaker*, de Ken Sande, *From Forgiven to Forgiving*, de Jay E. Adams, [12](#) *Perdoe* de Patrick Morison! *Como o Senhor te perdoou e a guerra de palavras* de Paul David Tripp [13](#) pode guiar conselheiros e aconselhados através das complexidades do perdão, incluindo as distinções entre perdão de atitude/coração e perdão transacional/concedido.

Uma ferramenta útil de estudo/ensino da Bíblia no Apêndice A é “Batalhando a Amargura com o Evangelho”, juntamente com as verdades sobre o perdão no capítulo 6.

Os capítulos 4 e 5 sugeriram outras tarefas de casa. Além disso, você pode usar os manuais de Wayne Mack que contêm vários

materiais práticos de lição de casa, incluindo auto-análise, ensino bíblico, sugestões práticas e estudos bíblicos. [14](#)

Mais um esclarecimento: a Bíblia ensina que essas mudanças de comportamento honrarão a Deus e refletirão mudanças piedosas completas e duradouras somente se elas fluírem do tipo de arrependimento de coração que vislumbramos acima. Mas isso não significa que em nosso ministério pessoal devemos deixar de exigir consistentemente tal obediência desde o início de nosso ministério. Na verdade, nossa própria insistência na obediência e no autocontrole desde o início muitas vezes expõe a necessidade de graça da pessoa e cria dependência de Deus. Em outras palavras, ao exortar os reveladores de raiva a pararem de desabafar imediatamente e exortar os que escondem a raiva a falar de maneira honesta e edificante agora, você realmente os conduz a Cristo e ao evangelho. No meu próprio caso, posso ver que a mesma Bíblia que se opôs às minhas expressões de raiva também expôs e cortou minhas raízes de raiva e me apontou para o Redentor, em quem demandantes de julgamento como eu encontram misericórdia perdoadora e graça transformadora.

Ajudar pessoas raivosas pode custar caro - custará seu tempo para cultivar um relacionamento e conversar com seu amigo. Vai custar-lhe a energia de ler a Bíblia e orar. E pode até sujeitá-lo à raiva da outra pessoa. Mas as riquezas de servir nosso Senhor neste ministério superam em muito nosso investimento. Ver amigos, familiares e outros membros da igreja humilhando-se diante do Deus da graça é uma rica recompensa, como Tiago 5:19–20 nos lembra:

Meus irmãos, se algum de vocês se desviar da verdade e alguém o trazer de volta, lembrem-se disto: Quem converte um pecador do erro do seu caminho, o livrará da morte e perdoará uma multidão de pecados.

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Medite nas seguintes passagens (referidas acima; veja nota 2): Romanos 15:14; Gálatas 6:1–2; Efésios 4:12–16; Colossenses 3:16; 1 Tessalonicenses 5:12–13; Hebreus 13:12–13; Tiago 5:19–20. Pergunte a Deus que tipo de ministério pessoal ele gostaria que você tivesse na vida de seus amigos, especialmente daqueles que estão com raiva.

2. Liste dois ou três amigos, membros da igreja ou membros da família que possam estar lutando contra a raiva. Revise as três etapas da estratégia ministerial neste capítulo e planeje algumas etapas específicas para começar a entrar no mundo de uma dessas pessoas para cultivar um relacionamento ministerial sábio e atencioso. Conte com o apoio de oração e a orientação de um

pastor ou de um amigo cristão maduro ao se preparar para ministrar dessa maneira.

3. Ao ministrar às pessoas, perceba que seu desejo de que elas cresçam e mudem pode facilmente se tornar uma exigência, e que a raiva contra elas pode se desenvolver rapidamente. Conforme você avança no ministério, esteja preparado para as maneiras pelas quais você será tentado e seja rápido em praticar o que prega.

POR QUE VOCÊ DEVE LIDAR COM SUA RAIVA PECAMINOSA

K Agora e fazer não são a mesma coisa. Se você seguiu nosso caminho nos nove capítulos anteriores, aprendeu muito sobre a raiva:

- Agora você vê a raiva não como uma coisa ou apenas como uma emoção, mas como uma reação negativa de julgamento moral contra um erro percebido (e você entende o que essa definição significa!).
- Você entende que todo mundo tem um problema de raiva, que pode se manifestar em uma série de formas e graus, e que raramente é justo, embora muitas vezes nos enganemos ao contrário.
- Você percebe que Deus o chama, na dependência de sua graça perdoadora e capacitadora, para erradicar a raiva de seu coração.
- Você recebeu muitas estratégias e passos específicos para mudança tanto no nível da raiz quanto no nível do fruto.
- Você sabe que precisa desesperadamente e tem um Redentor maravilhosamente!

Surge a pergunta natural: O que nos motivará a ser cumpridores da Palavra de Deus? Por que devemos lidar com nossos problemas de raiva? Por que nós, nossos amigos e familiares devemos procurar erradicar a raiva e substituí-la por frutos piedosos? Em outras palavras, o que deve levar as pessoas a uma mudança semelhante à de Cristo?

Em certo sentido, devemos lidar com a raiva pecaminosa simplesmente porque Deus nos ordena a fazê-lo. Somos responsáveis por levar nosso pecado à morte (Romanos 8:13). Cristo chama os crentes, à luz da graça, para se livrar da ira pecaminosa e substituí-la pela justiça (Efésios 4:22–24, 31; Colossenses 3:8).

Além disso, em Cristo, Deus provê tudo o que precisamos para fazer isso. Seu Espírito e sua Palavra são suficientes para nos mudar (Col. 2:9–10; 2 Tim. 3:16–17; 2 Pedro 1:3). Devemos responder à graça de Deus aplicando essas provisões e obedecendo-o ativamente. Isso requer comprometimento e esforço transmitidos pelo Espírito (Fp 2:12–13).

No entanto, a Escritura fornece mais do que princípios amplos. Deus fornece motivos convincentes para mudar nossa raiva. Vamos considerar três pares – positivos e negativos – de razões persuasivas pelas quais você deve lidar com seus problemas de raiva biblicamente. Cada dupla olha para o mesmo assunto sob a perspectiva de advertências e promessas, de maldições e bênçãos.

Razão # 1: Evitar lesões e promover o bem-estar de sua saúde física e espiritual

Em certo sentido, é claro, todo pecado é autodestrutivo. Muito antes da chegada da medicina moderna, a Bíblia descrevia a conexão psicossomática (ou “espírito-somática”) entre pecado e doença, e entre retidão e saúde. Passagens como os Salmos 32 e 38 e Provérbios 3 mostram essa ligação geral.

De particular importância é Provérbios 14:29–30, um texto que aborda a raiva: “O homem paciente é grande em entendimento, mas o homem de temperamento explosivo mostra insensatez. O coração tranquilo dá vida ao corpo, mas a inveja apodrece os ossos”. A estrutura poética hebraica sugere que a antítese paciência versus temperamento rápido é paralela à antítese “vida para o corpo” versus “apodrecimento dos ossos”. Em outras palavras, tanto a raiva quanto a inveja danificam o corpo, enquanto as qualidades de paciência e paz trazem saúde.

Séculos atrás, o pastor e teólogo puritano Richard Baxter abordou esse vínculo entre raiva e problemas de saúde: “Observe também que inimigo ela [raiva] é para o próprio corpo. Inflama o sangue e provoca doenças, e gera a força da natureza, e lançou muitos em doenças agudas e crônicas, que provaram sua morte. E que tipo de morte desconfortável é essa!”¹

Ao longo dos anos, outros observaram a mesma correlação entre raiva (particularmente do tipo oculto) e doença. Os observadores relatam uma associação entre raiva mal administrada e consequências fisiológicas, como dores de cabeça tensionais, hipertensão (pressão alta), úlceras estomacais, colite e até mesmo resfriados.

Kent aprendeu essa lição por experiência depois de se separar de sua esposa. “Sei que meu coração não é reto para com Deus”, ele confidenciou em nossa sessão de aconselhamento. “Estou com raiva de Kathy. Estou muito amargo. Ela tem sido horrível comigo por doze anos, e agora ela está fazendo a coisa certa e está me julgando. Kent estava dividido entre o que Deus queria e sua afeição por outra mulher.

“Como estão as coisas?” Eu comecei em nossa próxima sessão. “As coisas estão piorando. Eu estou indo ladeira abaixo.” “Como assim?” Perguntei. Kent foi honesto: “Estou desanimado. Não estou

dormindo, estou perdendo peso e estou muito cansada física e emocionalmente. Meu trabalho está sofrendo. Meu supervisor está ficando chateado comigo.” “O que você quer?” Eu persegui. “Quero que minha caminhada com o Senhor seja restaurada e que essas dores de estômago desapareçam.” Kent era um testemunho ambulante — ou melhor, manco — da veracidade de Provérbios 14. Perda de sono, perda de peso, cansaço e dores de estômago o acompanharam.

Pior ainda, as consequências espirituais surgem quando deixamos de lidar adequadamente com a raiva. Perdemos várias bênçãos espirituais. Por exemplo, abrimos mão de uma consciência limpa diante de Deus e dos outros e devemos lidar com nossa culpa. Isso perturba nossa paz com Deus: “Por isso, procuro sempre manter minha consciência limpa diante de Deus e dos homens” (Atos 24:16). Nenhuma bênção é mais preciosa para o crente do que uma consciência limpa (cf. 1 Cor. 4:1–5; 2 Cor. 1:12; 1 Tim. 1:18–20).

Além disso, a raiva atrapalha nossa vida de oração e nossa comunhão com Deus:

- Se eu tivesse acalentado o pecado em meu coração, o Senhor não teria ouvido. . . . (Sl 66:18).
- Quero que os homens em todos os lugares levanten as mãos santas em oração, sem raiva ou disputa. (1 Tm. 2:8)
- Maridos, da mesma forma, tenham consideração ao viver com suas esposas, e tratem-nas com respeito como o parceiro mais fraco e como herdeiros com vocês do gracioso dom da vida, para que nada impeça suas orações. (1 Pedro 3:7)

Você quer que o ouvido de Deus se incline para você quando você ora? Então se arrependa de sua raiva.

Além disso, a ira pecaminosa nos expõe ao julgamento divino: “Ouvistes que há muito se disse ao povo: 'Não mates, e quem matar estará sujeito a julgamento.' Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Novamente, qualquer um que disser a seu irmão, 'Raca', é responsável perante o Sinédrio. Mas quem diz: 'Seu tolo!' estará em perigo do fogo do inferno” (Mateus 5:21–22; cf. 1 João 3:15).

Embora não haja condenação para aqueles que estão em Cristo (Romanos 8:1), padrões de raiva impenitente podem, com razão, questionar a credibilidade da assim chamada profissão de fé do crente. Por outro lado, o crescimento na semelhança de Cristo, incluindo o progresso na mudança da ira pecaminosa, acrescenta confiança à nossa certeza da salvação (1 João 2:3–6).

Por fim, como aconteceu com Caim, a raiva desenfreada nos torna presas do poder escravizador do pecado que deseja maior domínio sobre nós: “Então o Senhor DISSE a Caim: 'Por que você está com

raiva? Por que seu rosto está abatido? Se você fizer o que é certo, não será aceito? Mas se você não fizer o que é certo, o pecado está à espreita à sua porta; ele deseja ter você, mas você deve dominá-lo” (Gn 4:6–7).

Nesse sentido, Frederick Buechner observa incisivamente: “Dos sete pecados capitais, a raiva é provavelmente o mais divertido. Lamber suas feridas, lamber seus lábios sobre mágoas passadas, rolar sobre sua língua a perspectiva de um confronto amargo ainda por vir, saborear até o último bocado saboroso tanto a dor que você recebe quanto a dor que você está devolvendo - é um banquete adequado para um rei. A principal desvantagem é que o que você está devorando é você mesmo. O esqueleto do banquete é você.”²

Uma avenida adicional de evidência bíblica vem do livro de Provérbios. O escritor promete uma infinidade de bênçãos ou maldições aos indivíduos que andam com sabedoria ou tolice. Deus dá ordens diretas e diretas às suas criaturas. Leia Provérbios, começando no capítulo 1, e o refrão o dominará: é *bom* para você dar ouvidos à voz de Deus; é *ruim* para você ignorá-lo. Lidar com a raiva à maneira de Deus melhorará sua saúde física e espiritual.

Consequências para a saúde física e espiritual

- Problemas de saúde física (efeitos psicossomáticos)
- Problemas de saúde espiritual
- Consciência turva
- Orações nubladas/
comunhão com Deus
- Julgamento divino
- Poder escravizador da raiva pecaminosa

Razão nº 2: evitar danos e promover o crescimento em seus relacionamentos interpessoais

Sua raiva o impede de amar o próximo como a si mesmo. Isso fere e aliena as pessoas. Isso impede o estabelecimento e o crescimento de amizades piedosas. Por outro lado, lidar com a raiva, resolver conflitos e reconciliar as mágoas fortalece e adoça todos os seus relacionamentos.

Várias passagens demonstram essa conexão. Paulo nos chama para lidar com a nossa raiva em Efésios 4:26-27: “Na vossa ira não pequeis”: Não deixe o sol se pôr enquanto você ainda está com raiva, e não dê lugar ao diabo.” Ele continua no versículo 31: “Livrem-se de toda amargura, furor e cólera, contenda e calúnia, bem como de toda forma de malícia”. Da mesma forma, Colossenses 3:8 nos exorta: “Mas agora vocês devem se livrar de todas essas coisas como estas: raiva, furor, malícia, calúnia e linguagem obscena de seus lábios”.

O que isso tem a ver com relacionamentos interpessoais? Ambos os conjuntos de injunções contra a raiva surgem em contextos mais amplos de relacionamentos “uns com os outros” (Efésios 4:1–6; 4:25–5:2; Colossenses 3:5–17).

Em outras palavras, deixar de se livrar da raiva impede a unidade, o funcionamento e o crescimento adequados do corpo de Cristo. Ele divide e corta sua igreja. Ao mesmo tempo, essas mesmas passagens mostram a atratividade de pessoas que se comunicam em amor genuíno, perdão e preocupação mútua.

As exortações do apóstolo Tiago ao arrependimento, exploradas no capítulo 3 acima, também envolvem relacionamentos dentro da igreja. A inveja amarga, a ambição egoísta e os desejos arraigados que ele aborda em Tiago 3:13–4:12 geram desordem, conflito e calúnia nas relações interpessoais. Em vez disso, ele nos convida a ver a beleza de uma maneira melhor de nos associarmos uns aos outros: “Mas a sabedoria que vem do céu é antes de tudo pura; então amante da paz, atencioso, submisso, cheio de misericórdia e bons frutos, imparcial e sincero. Os pacificadores que semeiam em paz produzem uma colheita de justiça” (Tiago 3:17–18).

Talvez nenhuma frase acerte esse ponto com mais força do que Lucas 15:28: “O irmão mais velho ficou irado e recusou-se a entrar.” Em sua raiva, ele se distanciou das pessoas. Enquanto seu irmão já havia desperdiçado sua riqueza, este homem agora desperdiçou sua oportunidade de amar seu irmão arrependido e seu pai feliz. Infelizmente, ele se recusou a se aproximar deles em um relacionamento significativo. Ele perdeu a alegria de comemorar este reencontro com sua família e amigos. Pior, ele desonrou seu pai.

Gus e Gail ilustram um cenário relacional comum. Eles foram ao pastor para aconselhamento matrimonial para “restaurar a paz” e “melhorar a comunicação”. Por três anos, as explosões crônicas de Gus, as reações de rosto vermelho e os gritos destruíram toda a intimidade entre eles. Toda conversa séria degenerava em conflito. Mesmo tópicos aparentemente seguros se transformaram em discussões. Eles tinham perseguido estilos de vida independentes. A união sexual havia cessado. Gail estava dormindo no quarto de hóspedes. Apenas a presença dos filhos impedia o divórcio.

Pela graça de Deus, Gus começou a ver sua pecaminosidade. Ele falhou em ser um aprendiz cristão, amante e líder de sua esposa. As verdades no capítulo 3 sobre seus ídolos do coração irados o prenderam. Ele ficou dolorosamente ciente de como suas palavras haviam perfurado Gail e como sua desabafo imprudente a havia afastado. Ele havia agido como um “vagabundo inútil” e sabia disso. Agora, com a ajuda do Espírito, ele começou a fazer progresso notável no caminho do arrependimento, fé e obediência. Gus

aprendeu a aproximar-se de Gail, relacionalmente, com gentileza, sabedoria e sensibilidade.

Buscar a paz relacional requer desenraizar a raiva pessoal!

Gail, no entanto, enfrentou uma difícil encruzilhada. Por um lado, ela apreciava genuinamente o crescimento de Gus. “Finalmente”, comentou ela, “estou conseguindo o tipo de marido que sempre desejei, o tipo de homem que sabia que Gus poderia ser.” No entanto, Gail logo descobriu uma parte de seu coração anteriormente escondida para ela. Ela viu sua amargura e julgamento. Enquanto Gus a maltratava, ela justificava sua frieza em nome da autoproteção. Com farisaísmo, ela saboreou sua vitimização.

Agora, no entanto, aqueles muitos anos de raiva escondida olhavam para ela com olhos gelados. Ela poderia - ela poderia - perdoar seu marido arrependido? Ela responderia a Gus movendo-se em direção a ele? Ela arriscaria abrir sua vida para ele novamente? Ou ela permaneceria distante? Ela o colocaria em liberdade condicional? Ela levantaria alguns arcos penitenciais inalcançáveis através dos quais Gus não seria capaz de pular?

Eu gostaria de poder relatar uma conclusão positiva para a história de Gail. Infelizmente, ao contrário de Jill em nosso estudo de caso anterior, sua amargura nunca cedeu. Ela se retirou do aconselhamento.

No entanto, tudo isso criou um novo teste para Gus. Uma coisa era se arrepender enquanto Gail permanecia comprometida; outra coisa era amá-la quando ela o rejeitou. Ele continuaria a amá-la com seu crescente amor cristão, mesmo que ela não retribuísse? Ou ele se afastaria dela com raiva e se tornaria amargo como ela? Felizmente, Gus continuou no caminho do arrependimento, para agradar a Cristo mais do que para reconquistar Gail. Mas o caminho tem sido difícil.

A raiva, tanto em sua forma revelada quanto oculta, prejudica os relacionamentos. Corta casamentos e aliena famílias. Isso nos impede de reconciliar relacionamentos e buscar a paz. A raiva pecaminosa desculpa nossas tábuas e destaca as manchas dos outros (Mt 7:3-5).

O escritor sábio reconheceu a natureza infecciosa da raiva em Provérbios 22:24-25: “Não faça amizade com um homem de temperamento explosivo, não se associe com alguém que se irrita facilmente, pois você pode aprender seus caminhos e cair na armadilha”.

Nossa raiva não apenas machuca os outros, mas também provoca sua raiva. Ele modela e tenta aqueles ao nosso redor a clamar ou

desabafar. Não é de admirar que os escritores de Provérbios façam tantos avisos aos jovens sobre os efeitos negativos de pessoas ímpias. E não é de admirar que o apóstolo Paulo em Efésios 6:4 adverte os pais de que sua própria pecaminosidade, incluindo a raiva (4:26–27, 31), pode provocar a ira de seus filhos. A raiva provoca raiva; ventres incitam ventres.

Ao mesmo tempo, lidar com sua raiva aumenta a probabilidade de Deus usá-lo para melhorar o relacionamento com os outros.

- Quando os caminhos de um homem agradam ao Senhor, ele faz até mesmo seus inimigos viverem em paz com ele. (Pv 16:7)
- Hipócrita, tire primeiro a trave do seu próprio olho, e então você verá bem para tirar o cisco do olho do seu irmão. (Mateus 7:5)
- Se for possível, no que depender de vocês, vivam em paz com todos. (Rm 12:18)

A raiva pecaminosa, portanto, não apenas me machuca (motivo #1). Também machuca os outros (motivo nº 2). Impede a edificação e arruína os relacionamentos. A raiva divide famílias, separa amigos e afasta os membros da igreja. Devemos lidar com isso para amar os outros e promover relacionamentos piedosos. Ao fazer isso, trazemos graça, cura e esperança para aqueles ao nosso redor.

Razão nº 3: Evitando o desagrado de Deus e trazendo-lhe honra e deleite

O pior resultado da raiva, para o cristão, é que ela desonra, desagrada e ofende o seu Senhor. Como vimos, a Palavra de Deus certamente exorta você a se livrar da ira pecaminosa porque ela prejudica sua saúde e seus relacionamentos. Os terapeutas seculares apelam para seus clientes apresentando argumentos semelhantes.

No entanto, esses não são os motivos mais elevados da Bíblia. A justificativa preeminente para a mudança bíblica – para substituir a raiva por frutos piedosos – diz respeito ao nosso relacionamento com Deus, nosso Salvador. As questões bíblicas mais prementes não são “O que a raiva não resolvida faz comigo? Como isso afeta meus relacionamentos?” mas “O que isso fará com meu Senhor? Como isso o entristece? O que ele pensa sobre mim e meu problema de raiva?”

Como o equivalente moral do assassinato (Mateus 5:21-22), a raiva viola os mandamentos de Cristo. “Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna nele” (1 João 3:15). A raiva é desobediência ao nosso Salvador e incita seu julgamento. Por outro lado, arrepender-se da ira pecaminosa e amar e orar por nossos inimigos, imita nosso Pai celestial (Mateus 5:43–48) e traz elogios de outros (5:13–16).

Em Efésios 4:26–27, Paulo nos adverte a lidar corretamente com nossa raiva, para que não “dêmos lugar ao diabo”. A raiva não resolvida oferece a Satanás uma porta de entrada na vida da igreja. É uma maneira pela qual os crentes, infelizmente, ficam do lado do arquiiinimigo de Deus. Promovemos a agenda destrutiva do maligno para destruir o povo de Deus.

Além disso, o apóstolo nos chama a “livrar-se de toda amargura, ódio e cólera, contenda e calúnia, bem como de toda forma de malícia” (v. 31). Curiosamente, Paulo precede contextualmente esta injunção com o versículo 30, que nos exorta: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com quem fostes selados para o dia da redenção”. A pior consequência da raiva não é a colite nem o divórcio, mas o luto do próprio Deus! No entanto, aprender a mostrar veracidade, bondade, perdão e amor nos torna semelhantes ao Pai e ao Filho (Efésios 4:20–5:2).

A passagem paralela em Colossenses 3:5-11 transmite as mesmas verdades. O versículo 8 ordena aos crentes que “se livrem de todas as coisas como estas: raiva, furor, malícia, calúnia e linguagem obscena de seus lábios”. Por que? Paulo enraíza a motivação em nosso relacionamento com Deus. Esses são os tipos de comportamento que provocam a ira de Deus contra os ímpios (v. 6). Eles são incompatíveis com a nova vida que Deus nos deu, contrários à sua imagem e opostos ao seu objetivo de nos recriar naquela imagem (vv. 7, 10–11). Apegar-se à nossa raiva é trabalhar contra os propósitos de Deus de nos tornar semelhantes a ele. Arrepende-se de nossa ira é participar de seu glorioso objetivo.

Em 1 Timóteo 2:8, o mesmo apóstolo declara: “Quero que os homens em todos os lugares levantem mãos santas em oração, sem ira ou contenda”. O contexto trata da atividade do culto público e da organização da vida congregacional local. Em tal cenário, a raiva impede a adoração a Deus. Parafraseando Isaías 29:13, esses homens honram a Deus com seus lábios e mãos santas, mas seus corações irados estão longe dele!

Talvez a passagem que mostra nosso terceiro ponto mais claramente seja Tiago 1:19–20: “Meus queridos irmãos, observem isto: todos sejam prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para se irar, pois a ira do homem não traz sobre a vida justa que Deus deseja”.

O apóstolo nos chama a ser “prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para se irar”. Por que? Por que devemos nos livrar de nossa ira pecaminosa? Não porque prejudicará nossa saúde ou arruinará nossos relacionamentos (embora possa causar ambos), mas porque desonra, desagrade e ofende a Deus! Como escreve Tiago, “a ira do homem não produz a vida justa que Deus deseja” (v. 20).

Várias observações são úteis. Primeiro, Tiago faz uma declaração geral de que a ira humana é pecaminosa. Ele não se qualifica como “ira *pecaminosa do homem*”. James assume que a raiva humana é pecaminosa. (A raiva justificada é uma exceção a essa regra e não está em vista aqui.)

Em segundo lugar, e fundamentalmente, nossa raiva fica aquém do que Deus deseja que sejamos. Isso desagrade ao Senhor. É contrário à sua agenda de amadurecimento em Cristo. A raiva é diferente de Deus. É diferente de seu Filho, que nos comprou e agora é nosso dono. A maior causa para um cristão mudar sua raiva é agradar a Deus e trazê-lo louvor (2 Coríntios 5:9).

Você quer agradar a Deus - satisfazer seus desejos? Em seguida, elimine sua raiva e substitua-a pela semelhança com Cristo.

Terceiro, como a maioria dos comentaristas observa, o contexto sugere uma reunião para adoração e/ou ensino público da Palavra de Deus. Nesse caso, devemos prestar atenção especial às maneiras pelas quais nossa ira pecaminosa - temperamentos explosivos, rancores e coisas do gênero - se torna um obstáculo a tal adoração e ensino. Devemos ser sensíveis às ocasiões de raiva antes, durante e depois da reunião congregacional, incluindo as tensões que podemos ter em relação a outras pessoas dentro do corpo de Cristo.

Por exemplo, nossos focos de oração pré-culto e congregacionais devem incluir regularmente o arrependimento sobre a raiva. Devemos orar por nós mesmos e por nossas famílias, e por nossas famílias da igreja, enquanto nos vestimos e nos preparamos para sair de casa para participar das reuniões congregacionais do Dia do Senhor. As tensões podem surgir facilmente em casa ou no caminho para o culto.

Um texto final de Tiago, discutido no capítulo 3, merece consideração. Em Tiago 4:11–12, o apóstolo adverte contra o julgamento e a calúnia, uma combinação de raiz e fruto dentro da constelação da raiva. Por que esse comportamento é errado? Não porque te machuca, embora vá. E nem mesmo porque ofende os outros, embora ofenda. É errado porque usurpa o papel *de Deus* como Legislador e Juiz. Ele agarra seu trono. Em última análise, a raiva não é sobre nós ou sobre os outros; é sobre Deus.

A raiva, como jogo de Deus, é o pior mal moral. Arrepende-se da raiva é reconhecer o lugar legítimo e único de Deus como Rei sobre todo o seu mundo.

Embora os escritores seculares percam essa dimensão teológica, infelizmente, a maioria dos autores “integracionistas” cristãos também o faz. Eles falham em ver a raiva principalmente como um pecado contra Deus. Em vez disso, eles minimizam, eufemizam, racionalizam ou neutralizam a raiva.

Por exemplo, um livro popular sobre raiva, escrito por um conhecido psicólogo cristão e agora em sua terceira edição, basicamente ignora Deus. O escritor nem mesmo se refere ao livro de Tiago ou passagens relacionadas. A presença de Deus está visivelmente ausente. A razão pela qual a raiva é ruim é que ela prejudica minha saúde e meus relacionamentos, mas não que ofende meu Deus. O motivo para mudar, por sua vez, torna-se egocêntrico: agradar a mim mesmo ou aos outros, não ao meu Criador e Redentor. Não há chamado para ter relações com Deus ou para lamentar e se arrepender de entristecê-lo.

STUART: MUDANDO SEM DEUS?

O caso de Stuart exemplifica esse erro. Cinco anos atrás, ele sofreu um grande revés no trabalho. De sua perspectiva, uma equipe de empregadores que eram líderes cristãos proeminentes o havia maltratado. Eles arrancaram seus planos de carreira; eles frustraram suas esperanças. Os maus-tratos acabaram resultando em sua relutante renúncia. A partir de então, Stuart lutou contra os maus-tratos em si. Além disso, os maus-tratos incluíram várias acusações contra ele que prejudicaram sua reputação, questionaram sua credibilidade e prejudicaram sua carreira.

Consumido pela mágoa, Stuart veio a mim como amigo e pastor. Seu formulário de admissão mostrou um desejo de ajuda com “resolução de conflito”, “frustração”, “encerramento necessário” e “perdão”. Não notou a profundidade da raiva que logo desfizeríamos.

Embora Stuart tivesse deixado a empresa, ele continuou a semear e colher uma colheita de problemas persistentes: amargura contra os empregadores por seu tratamento injusto; pensamentos de atos de vingança ocultos e abertos; culpa ainda não detectada por suas próprias respostas pecaminosas; frustração contínua sobre uma reputação pública desfavorável; e confusão geral sobre o que fazer a seguir.

Como começou o aconselhamento? A extensa coleta de dados reconstruiu uma cronologia detalhada dos eventos do conflito. Stuart descreveu e documentou uma cena triste. Eu reconheci a dor que ele experimentou e as formas severas pelas quais ele havia pecado. Estabeleci um fundamento bíblico de esperança enquanto discutíamos a soberania, justiça, bondade e perdão de Deus. A compreensão intelectual de Stuart era teologicamente sólida; ele estava lutando para aplicá-lo.

Tendo assegurado o compromisso de Stuart de buscar agradar a Deus, expus um modelo bíblico para resolução de conflitos. O modelo levaria a um esforço sábio e sincero de reconciliação com

esses empregadores. Traçamos um plano de jogo prático para nossas sessões de aconselhamento e concordamos em proceder de acordo.

Começamos com uma “lista de pranchas” em Mateus 7:3–5 sobre o comportamento errado de Stuart antes, durante e depois do conflito. Isso incluía várias formas de raiva oculta e revelada. Nós expusemos várias mentiras e concupiscências que haviam governado e continuavam a governar seu coração.

O teste crítico veio quando pedi a Stuart que escrevesse uma oração de arrependimento a Deus sobre seus frutos e raízes pecaminosos. O que surgiu foi uma mistura de confissão e transferência de culpa: “Senhor Jesus, . . . Percebo que não respondi inteiramente ao que é ensinado nas Escrituras quando alguém enfrenta *pessoas que não são amorosas, egoístas e divisivas* Senhor, perdoa-me se fui insubordinado. . . . Por favor, perdoe-me se fiz algo que prejudique a causa de Cristo” (grifo meu).

Uma segunda e uma terceira tentativa, mesmo após contínua correção e instrução das escrituras, produziram resultados semelhantes. Não houve confissão clara de pecado, mas acusação contínua contra seus inimigos. Stuart permaneceu governado pela amargura contra eles e pela cegueira sobre seu próprio mal. O que seus inimigos fizeram a ele o perturbou muito mais do que o que ele havia feito a Deus e a eles (Mt 18:21-35). Ele acabou admitindo: “Tenho dificuldade em admitir meu pecado”.

O que deu errado? Stuart tinha um problema de motivação. Em cada sessão, eu o sondava, instruía e confrontava com relação aos motivos egocêntricos. Stuart queria um conselheiro bíblico que justificasse sua causa “justa”. Ele queria a reconciliação não porque havia ofendido a Deus e aos outros, mas porque esse conflito estava bloqueando seu avanço vocacional. Ele queria que esses empregadores fossem expostos. Stuart também queria se sentir melhor. Ele estava sofrendo o fardo e a pressão de um passado não resolvido. Isso o estava consumindo e afetando seu casamento, trabalho atual e desempenho ministerial.

O que Stuart perdeu foi o fato de que sua ira - tanto em seu fruto quanto em sua raiz - foi, antes de tudo, pecado contra Deus (Sl 51:3-4). Ele falhou em compreender a excessiva pecaminosidade de sua ira aos olhos de Deus, diante da face de Deus (*coram Deo*). Seu pecado violou tanto a lei de Deus quanto a graça de Deus. Felizmente, Stuart acabou vendo essas realidades, reconhecendo seu pecado contra o Deus vivo e a necessidade de extirpar sua raiva. Assim como você e eu.

RESUMO

A raiva pecaminosa prejudica sua saúde física e espiritual. Isso prejudica suas relações interpessoais. No entanto, como Stuart acabou aprendendo, o maior motivo para mudar sua raiva é que ela desagrada, desonra e ofende o Salvador que morreu e ressuscitou por você. Não existe motivo maior para você e eu, e nossos amigos e familiares, mudarmos e crescermos. Ao fazer isso, trazemos grande honra e deleite a Deus. Agradamos a Deus obedecendo-lhe e tornando-nos como seu Filho. Que Deus tenha o prazer de operar sua graça santificadora em nós!

“Que o Deus da paz, que pelo sangue da aliança eterna trouxe de volta dentre os mortos nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, vos dê todo o bem para fazer a sua vontade, e que ele faça em nós o que é agradável a ele, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém” (Hb 13:20–21).

Para maior reflexão e aplicação na vida

1. Teste a tese deste capítulo entrevistando individualmente um grupo de cristãos. Pergunte a eles qual é a maior razão pela qual as pessoas precisam lidar com seus problemas de raiva. Veja quantas respostas, se houver, apontam para agradar e não entristecer a Deus. Em seguida, comprometa-se novamente a fazer de Deus o ponto focal de sua própria luta contra a raiva e de seu ministério para com os outros.
2. Você simpatiza com Stuart acima? Existem muitos homens e mulheres como ele. Você foi maltratado ou severamente maltratado e achou difícil conter sua raiva? Você não está sozinho. Fixe seus olhos naquele que suportou tanto a ira injusta do homem quanto a ira justa de Deus para salvar sua alma e garantir sua união eterna com ele.
3. Pense globalmente. Se a busca pela paz relacional exige a erradicação da raiva pessoal, como pensamos nos vários esforços — diplomáticos ou militares — para acabar com as guerras civis em outras nações? O que motiva os líderes internacionais a buscar a paz e como poderíamos comparar e contrastar essa paz com a paz que Deus oferece no evangelho e em sua igreja?

Apêndice A

DESENVOLVIMENTO DE AMOSTRAS E ATRIBUIÇÕES DE APLICAÇÃO

As páginas a seguir contêm seis exemplos de formulários de tarefa de casa que costumo usar para aconselhar pessoas raivosas. Sugestões sobre como usá-los aparecem no capítulo 9. Estas podem ser reproduzidas, na forma apresentada, para uso pessoal no ministério.

1. Registrando um Incidente Problemático
2. Inventário de necessidades e direitos pessoais sentidos
3. Tiago 4 e a Causa dos Conflitos
4. Controlando seu comportamento raivoso
5. Imagens do perdão de Deus ao seu povo
6. Lutando contra a amargura com o Evangelho

REGISTRANDO UM INCIDENTE DE PROBLEMA

Selecione um incidente recente no qual você demonstrou ou sentiu raiva, conflito, depressão, ansiedade ou atitudes ou ações negativas semelhantes. Em seguida, resuma a situação e sua resposta a ela:

- 1. Sua situação.** Quem, o quê, onde, quando? Resuma o que aconteceu:
- 2. Seu comportamento.** O que você disse, fez e sentiu em resposta ao que aconteceu? Resuma suas palavras, ações e emoções, especialmente as negativas:
- 3. Seus pensamentos e desejos.** O que você estava pensando ou querendo em meio a essa situação? Resuma suas atitudes, pensamentos, desejos, motivos, etc., que podem ter levado ao comportamento errado. Observe qualquer dinâmica de “bom desejo, mestre ruim”.
- 4. As Respostas de Deus.** No verso desta folha, descreva como você acha que Deus gostaria que você lidasse com esta situação agora ou na próxima vez que ela ocorrer. Que mudanças em seu comportamento e em seus pensamentos, desejos e motivações parecem necessárias? Que passos você deve tomar?

E DIREITOS PESSOAIS SENTIDOS

Problemas pessoais ou relacionais geralmente surgem quando sentimos que nossas necessidades ou direitos pessoais não são atendidos ou negados. Examinar esses sentimentos nos dá uma visão de nossos problemas e das soluções de Deus.¹

Passo #1: Identifique suas necessidades ou direitos. Marque cada item que você vê como uma necessidade ou direito pessoal (ou desejo intenso). Você pode adicionar breves notas explicativas.

1. Esteja livre de problemas e pressões intensas
2. Privacidade
3. Possuir e expressar opiniões pessoais
4. Tenha dinheiro/bens e use-os como quiser
5. Planeje minha programação diária
6. Ser respeitado, apreciado, considerado importante
7. Amigos, relacionamentos próximos
8. Seja amado e aceito
9. Seja compreendido, ouvido
10. Ser apoiado e cuidado
11. Tomar minhas próprias decisões
12. Planeje meu futuro
13. Boa saúde, cuidados médicos adequados
14. Namore ou case
15. Cônjuge amoroso, atencioso e comprometido
16. Satisfação sexual
17. Crianças
18. Crie os filhos do jeito que você quiser
19. Filhos que obedecem, respeitam e valorizam você
20. Filhos que trabalham duro e têm sucesso na escola/emprego/casamento
21. Seja bem-sucedido no trabalho, na família ou na igreja
22. Satisfação no emprego, curtindo seu trabalho
23. Afirmação do seu empregador
24. Dia de folga do trabalho
25. Colegas de trabalho respeitam, apreciam você
26. Esperanças e aspirações pessoais realizadas
27. Seja tratado com justiça
28. Divirta-se na vida
29. Esteja fisicamente protegido, seguro
30. Outros:

Etapa 2: Identifique suas necessidades não atendidas ou direitos negados. Circule o número de itens acima que estão

atualmente não atendidos/negados.

Etapas # 3: Priorize suas necessidades não atendidas mais urgentes/direitos negados. Descreva suas duas necessidades não atendidas mais prementes ou direitos negados:

1. Direito/necessidade:

Não atendido/negado por quem?

Como? De que maneira?

Como você tende a responder ou agir em relação a essa pessoa?

2. Direito/necessidade:

Não atendido/negado por quem?

Como? De que maneira?

Como você tende a responder ou agir em relação a essa pessoa?

TIAGO 4 E A CAUSA DOS CONFLITOS

Compreendendo a verdade de Deus

1. Leia cuidadosamente Tiago 3:13–4:12 duas vezes.

2. Que problemas principais 3:16, 4:1a e 4:2 abordam?

3. Quais são as causas ou fontes de conflitos, brigas e brigas em 4:1–3?

4. O que torna esses desejos pecaminosos em 4:1–3? Por exemplo, é porque você quer *coisas ruins* ou porque quer coisas boas *demais* (desejos desordenados)? 4:2 dá uma pista.

5. Liste observações adicionais sobre desejos pecaminosos em Tiago 1:13–16; 3:13–18; 4:4–12.

6. O que 4:4–12 aconselha você a fazer com relação a seus desejos pecaminosos?

Aplicando a verdade de Deus

1. Descreva brevemente uma situação de conflito atual ou recente.

2. Descreva seus desejos nesta situação. O que você queria/queria que acontecesse ou que não acontecesse?

3. Como esses desejos levaram você a palavras, ações ou sentimentos errados?

4. Analise esses desejos colocando-os em uma ou mais das seguintes categorias:

(a) Desejos por objetos errados, coisas ruins.

(b) Desejos por bons objetos, mas por razões egoístas, ou desejos que são muito fortes – desejos desordenados, dominantes, controladores, “obrigatórios” (uma dinâmica de “bom desejo, mau mestre”). (Observação: os desejos o governam se consumirem seus pensamentos, se você pecar para obtê-los ou se pecar quando não os obtém.)

5. O que você acha que Deus quer que você faça sobre seus desejos que produzem conflito? Que passos práticos você deve tomar para lidar com eles?

CONTROLANDO SEU COMPORTAMENTO IRRITADO: UMA TAREFA DE ESTUDO BÍBLICO DE PROVÉRBIOS

A Palavra de Deus apresenta uma estratégia dupla para superar a ira pecaminosa: reconhecer e erradicar sua fonte no nível do coração e controlar sua expressão no nível comportamental (palavras e ações). Esta tarefa se concentra neste segundo aspecto — aprender a controlar a expressão de sua raiva. Leia cuidadosamente cada versículo de Provérbios, medite sobre ele e responda às seguintes perguntas.

Prov. 29:11: “O tolo dá plena vazão à sua ira, mas o sábio se mantém sob controle.”

1. Como um tolo lida com sua raiva?
2. Como um homem sábio lida com isso?
3. Quais são algumas maneiras pelas quais você pode controlar e não dar vazão à sua raiva?
4. Memorize este versículo. Sempre que se sentir tentado a extravasar sua raiva, repita para si mesmo cinco vezes.

Prov. 14:16-17: “O sábio teme ao SENHOR e evita o mal, mas um tolo é impetuoso e imprudente. O homem de temperamento explosivo faz coisas tolas, e o homem astuto é odiado”.

1. Como um tolo é descrito? O que ele faz?
2. Como é descrito um homem sábio?

Prov. 14:29-30: “O homem paciente tem grande entendimento, mas o homem de temperamento explosivo exibe tolice. O coração tranquilo dá vida ao corpo, mas a inveja apodrece os ossos”.

1. Como é descrito um homem irado?
2. Qual é o oposto de tolo? Como ele é descrito?
3. A raiva pode produzir problemas físicos?

Prov. 15:1: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira.”

1. Como devemos reagir à raiva?
2. O que isso produz?
3. Dê um exemplo:
4. O que uma resposta áspera produz?

Prov. 15:18: “O homem de temperamento explosivo provoca dissensão, mas o homem paciente acalma a discussão.”

1. Como a raiva contribui para os conflitos?
2. Como um homem paciente acalma os conflitos?
3. Como você pode desenvolver paciência?

Prov. 16:32: “Mais vale um homem paciente do que um guerreiro; um homem que se controla do que aquele que toma uma cidade.”

Descreva (e medite sobre) a imagem de força que este versículo dá:

Prov. 19:11: “A sabedoria do homem lhe dá paciência; é para sua glória ignorar uma ofensa.”

Que atividade controladora de temperamento é mencionada aqui?

Prov. 19:19: “O homem irascível terá de pagar a penalidade; se você resgatá-lo, terá que fazer isso de novo.”

1. Que pena o homem irado deve pagar?
2. Por quê?

Prov. 22:24-25: “Não faça amizade com um homem de temperamento explosivo, não se associe com alguém que se irrita facilmente, ou você pode aprender os modos dele e ficar enlaçado.”

1. Que perigo há em associar-se com uma pessoa irada?
2. O que isso implica em nossa própria raiva?

Prov. 29:9: “Se um homem sábio vai ao tribunal com um tolo, o tolo se enfurece e zomba, e não há paz.”

O que um tolo faz em meio a um conflito?

Prov. 29:20: “Vês um homem que fala precipitadamente? Há mais esperança para um tolo do que para ele.”

Que aspecto da raiva descontrolada é mencionado?

Prov. 29:22: “O homem irado provoca dissensão, e o irascível comete muitos pecados.”

O que resulta da raiva?

IMAGENS DO PERDÃO DE DEUS AO SEU POVO

Leia cada passagem cuidadosamente e em oração. Para cada um, liste quaisquer figuras ou imagens do perdão de Deus, juntamente com aplicações pessoais ou perguntas que você tenha. Escreva uma breve resposta de aplicação (O que Deus está me dizendo?).

Salmo 103:8–14

Salmo 130:3–4

Isaías 1:18

Isaías 38:17

Isaías 43:25

Isaías 44:21–22

Jeremias 31:31–34

Jeremias 50:20

Miquéias 7:18–20

COMBATENDO A AMARGURA COM O EVANGELHO

1. Examine cada passagem abaixo e escreva brevemente o que ela ensina sobre perdoar seu ofensor em seu coração diante de Deus, ou seja, ter uma atitude de perdão na qual você se arrepende de sua amargura, libera-o de seu julgamento e se recusa a manter seu pecado contra ele.

Gênesis 50:19–20

Miquéias 6:6–8

Mateus 5:3–10

Mateus 6:9–15

Mateus 18:21–35

Marcos 11:20–25

Lucas 6:32–36

Lucas 23:32–34

Atos 7:54–60

Romanos 12:17–21

Efésios 4:30–5:2

Colossenses 3:12–13

Tiago 2:12–13

Tiago 4:11–12

2. Com base nessas passagens, liste as razões pelas quais Deus deseja que você perdoe seu ofensor de forma atitudinal, em seu coração. (Observação: uma maneira de organizar essas mesmas passagens foi fornecida para você na página 105)

3. Escreva, memorize e recite Efésios 4:32 quando pensamentos sobre seu ofensor entrarem em sua mente.

Apêndice B

RECONSIDERANDO DOIS TEXTOS SOBRE “RAIVA”: EFÉSIOS 4:26 E HEBREUS 12:15

Aconselhar a nós mesmos ou aos outros biblicamente requer não apenas um compromisso de aplicar a Palavra de Deus a nós mesmos e aos outros, mas também um compromisso prévio de entender a Palavra de Deus adequadamente. Os dois versículos a seguir são às vezes citados por professores populares da Bíblia e conselheiros cristãos, de maneiras que são questionáveis ou imprecisas.

EFÉSIOS 4:26: MANDAMENTO OU CONCESSÃO?

Os exegetas do Novo Testamento debatem o significado da primeira metade de Efésios 4:26 (4:26a), “Irai-vos, mas não pequeis” (NASB). Aqui está o texto grego e cinco das traduções inglesas mais populares:

- *Organiza o kai me μ hamartanete: ho he μ lios me μ epidueto μ _ epi parorgismo o μ hum o μ n ,*
- NIV : “Na tua ira não peques”: Não deixe o sol se pôr enquanto você ainda está com raiva.
- NASB (rev. 1995): Fique irado, mas não peque; não deixe o sol se pôr sobre a sua raiva. . . .
- KJV : Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa cólera. . . .
- NKJV : “Fique com raiva e não peque”: não deixe o sol se pôr sobre a sua ira. . . .
- ESV : Fique com raiva e não peque; não deixe o sol se pôr sobre a sua raiva. . . .

O cerne do debate centra-se na tradução do verbo *orgizesthe* , a forma imperativa de *orgizomai* , “estar com raiva”. Carrega força volativa (comando) ou concessiva?

Duas visões principais são comumente mantidas. [1](#) Versões em inglês como NASB , ESV , NKJV e KJV acima traduzem como um comando. Esta é a opinião de vários comentadores. [2](#) Versões em inglês, como o NIV , no entanto, traduzem como uma concessão: “Na sua raiva, não peque! Não deixe o sol se pôr enquanto você ainda estiver com raiva.” Esta é a posição da maioria dos livros de

referência gregos padrão do Novo Testamento, junto com muitos comentaristas e comunicadores.³ Os proponentes citam imperativos concessivos semelhantes em Eclesiastes 11:9, Mateus 23:32, João 2:19, 7:52 e 2 Coríntios 12:16.

Esta segunda visão parece preferível por várias razões. Primeiro, ele se encaixa melhor no fluxo contextual da passagem, especialmente à luz da condenação geral do versículo 31 de toda ira: “Livrem-se de toda amargura, furor e ira, brigas e calúnias, juntamente com toda forma de malícia”. Chamar a ira justificada no contexto de 4:17-32 parece fora de lugar. Em segundo lugar, embora a ira justa seja certamente encorajada pelo exemplo bíblico (como no capítulo 2 de nosso livro), em nenhum outro lugar a Bíblia ordena que os crentes fiquem com raiva. Se este é um comando para a ira justa, é um exemplo singular na Bíblia. Em terceiro lugar, o peso e a virtual unanimidade dos estudos gregos do Novo Testamento são persuasivos. Como resumiu um escritor: “É muito errado tomar isso como uma ordem ou mesmo uma permissão para ficar com raiva”.⁴

Que implicações decorrem da adoção dessa tradução concessiva? Este versículo permite, ou mesmo encoraja, a raiva? Isso permite uma raiva justa? Andrew Lincoln dá respostas sábias que todo pastor e conselheiro bíblico deveria prestar atenção:

Geralmente concorda-se que o primeiro imperativo nesta formulação deve ser interpretado como tendo força concessiva. . . . É importante, no entanto, ter clareza sobre a força dessa construção. Não é *dar permissão* para ficar com raiva. Embora o v26b reconheça que a raiva ocorrerá, o v27 indica o quão perigoso é e o v31 repudia toda raiva (cf. também 6:4). O foco do v26a, então, é não pecar por ceder à raiva. Sua formulação paradoxal *não pretendia encorajar especulações sobre quais tipos de raiva seriam permissíveis*. Quaisquer que sejam os méritos da noção tradicional de raiva justificada contra a injustiça ou da noção moderna da salubridade de expressar em vez de reprimir a raiva, eles *não devem ser considerados como tendo suporte no aspecto concessivo dessa proibição*. Sua força pode ser transmitida por uma paráfrase: “A raiva deve ser evitada a todo custo, mas se, por qualquer motivo, você ficar com raiva, recuse-se a ceder a essa raiva para não pecar”. Desta forma, a exortação está muito alinhada com a visão de raiva em outras partes do NT.⁵

Lincoln então cita Mateus 5:22; Gálatas 5:20; Colossenses 3:8; 1 Timóteo 2:8; Tito 1:7; e Tiago 1:19-20 como constituindo uma visão do Novo Testamento sobre a raiva.

HC Hahn, em *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, capta esse mesmo sentido nesta paráfrase: “Mas quando um homem fica com raiva (*seja por boas ou más razões*), ele não deve deixar o sol se pôr sobre sua raiva. ”⁶ Em outras palavras, a intenção do autor no versículo 26a não é comandar a ira, não julgar se a ira é certa ou errada e não declarar a ira como uma emoção neutra e amoral (“nem boa nem má; apenas é”). Seu propósito é orientar os cristãos sobre como lidar com sua raiva.

Embora o argumento acima não possa persuadir todos os professores da Bíblia e conselheiros cristãos a abandonar sua interpretação de que a raiva é ordenada de Efésios 4:26, é minha esperança que pelo menos nos leve a reestudar esta passagem, para manter nossa visão menos tenazmente, e construir nossa teologia da ira justa em uma base mais sólida do que este texto discutível. Que Deus conduza cada um de nós a um reexame constante de sua Palavra e a um ministério mais hábil dessa Palavra para nós mesmos e para os outros.

HEBREUS 12:15 E A RAIZ DA AMARGURA

Para diagnosticar o problema da amargura e alertar as pessoas contra a raiva não resolvida, vários professores populares da Bíblia e conselheiros cristãos populares adotam uma interpretação questionável de Hebreus 12:15. Reproduzi o texto grego abaixo junto com cinco traduções populares em inglês, enfatizando a frase-chave a cada vez.

- *Episkopountes me μ tis huster o μ n apo te μ s carruagens para μ Teu, eu μ tis rhiza pikrias an o μ phuana enochle μ kai dia taute μ s mianth o μ sin hoi polloi* ,
- NVI: Cuide para que ninguém perca a graça de Deus e que nenhuma *raiz amarga* cresça para causar problemas e contaminar muitos.
- NASB (rev. 1995): Cuide para que ninguém fique sem a graça de Deus; que nenhuma *raiz de amargura* brotando cause problemas, e por ela muitos sejam contaminados. . . .
- KJV : Olhando diligentemente para que ninguém perca a graça de Deus; para que nenhuma *raiz de amargura* brotando o perturbe, e assim muitos sejam contaminados. . . .
- NKJV : olhando cuidadosamente para que ninguém fique aquém da graça de Deus; para que nenhuma *raiz de amargura* brotando cause problemas, e por isso muitos sejam contaminados. . . .
- ESV : Cuide para que ninguém deixe de obter a graça de Deus; que nenhuma *“raiz de amargura”* brota e causa problemas, e por ela muitos se contaminam. . . .

Com base na frase “raiz de amargura”, vários professores e conselheiros afirmam que a raiva irreconciliável pode se instalar no coração de alguém e produzir “amargura”. Essa amargura então se “enraíza” por dentro e, por sua vez, produz todos os tipos de problemas pessoais e relacionais. A mudança não vem por meio de meros ajustes comportamentais, mas lidando com aquela amargura no nível da raiz, no coração da pessoa.

É isso que Hebreus 12:15 ensina? Não.

O propósito da epístola aos Hebreus, de acordo com 13:22, é exortar e encorajar o povo de Deus a se apegar a Jesus Cristo e seu novo pacto de salvação, e não voltar aos antigos caminhos do antigo pacto. O apóstolo anônimo consegue isso apresentando numerosos argumentos que apresentam a superioridade de Jesus e seu novo caminho sobre o sistema levítico da lei de Moisés. Ele regularmente apóia seus argumentos com citações e alusões a textos do Antigo Testamento e a eventos da história de Israel. Ele freqüentemente pressiona seu pedido com comandos explícitos para perseverar na fé, amor e obediência a Cristo, juntamente com advertências severas sobre as consequências da apostasia.

Em Hebreus 12:14–17, o escritor retoma sua exortação. No versículo 14, ele chama sua comunidade cristã a buscar a paz e a santidade. Então, no versículo 15, ele exorta os membros DA IGREJA A SE CERTIFICAREM DE DUAS COISAS : PRIMEIRO , que nenhum deles “erre” (NVI ; de,” NASB ; “falha em obter,” ESV) a graça de Deus agora dada a eles na nova aliança; e segundo, que nenhuma “raiz de amargura” (ou “raiz de amargura”, NVI) cresce entre eles para causar problemas e contaminação.

O que é essa “raiz de amargura” (*rhiza pikrias*)? O apóstolo alude a Deuteronômio 29:18 (28:17 no texto massorético hebraico e na Septuaginta grega), onde Moisés adverte a nação de Israel para garantir que ninguém - homem ou mulher - entre eles se afaste do Senhor para servir outros deuses (como nos vv. 16-18). [7](#)

“Certifiquem-se de que não haja homem ou mulher, clã ou tribo entre vocês hoje cujo coração se afaste do SENHOR , nosso Deus, para ir adorar os deuses dessas nações; certifique-se de que não haja raiz entre vocês que produza veneno tão amargo” (Deuteronômio 29:18). Tal pessoa seria como uma raiz ou broto crescendo entre a congregação e produzindo “veneno amargo” (NIV ; “fruto venenoso e amargo”, ESV ; “fruto venenoso e absinto”, NASB) que desviará os outros. Como observa um comentarista: “A imagem de uma raiz amarga que pode se espalhar para infectar muitos é de Deuteronômio 29:18. . . . O texto em Deuteronômio é bastante apropriado, pois se refere à apostasia, como faz o escritor de Hebreus.” [8](#)

Esta alusão a Deuteronômio apóia o que parece ser um entendimento natural de Hebreus 12:15, ou seja, que os leitores da comunidade da nova aliança do apóstolo devem assumir a responsabilidade de que ninguém entre eles perca a graça de Deus e se afaste do Senhor Jesus. Em outras palavras, o versículo 15 é uma advertência contra a apostasia e um chamado aos membros da congregação para que tenham supervisão espiritual uns dos outros. Isso, é claro, se encaixa no contexto imediato de Hebreus 12:14-17 e contextos mais amplos de Hebreus 12 e toda a epístola. Nos

versículos 16–17, o apóstolo cita o exemplo da rejeição de Esaú à graça de Deus. O escritor de Hebreus gosta de citar passagens do Antigo Testamento (como Deuteronômio 29:18) e personagens (como Esaú) para alertar contra a apostasia.

Hebreus 12:15 é uma advertência contra a apostasia que contamina a comunidade. David Peterson concorda: “Os cristãos devem estar atentos ao bem-estar espiritual dos outros na igreja, cuidando para que *ninguém perca a graça de Deus* (lit. 'fica alguém da graça de Deus'). A graça de Deus está sempre disponível "para nos ajudar na hora da necessidade" (4:16). Aqueles que não dependem dela e respondem a ela não entrarão em seu reino celestial (cf. 3:12–14). Na verdade, eles podem se tornar uma *raiz amarga* que causa problemas para toda a congregação e contamina muitos. Tal imagem lembra Deut. 29:18, onde Moisés adverte sobre a amargura que pode ser espalhada por toda a comunidade do povo de Deus por um membro rebelde.” [9](#) Outros comentaristas de Hebreus concordam. [10](#)

Dada essa compreensão do texto em seu contexto, podemos ver vários erros na compreensão da amargura no coração de Hebreus 12:15. Em geral, perde o argumento contra a apostasia do apóstolo no contexto de Hebreus 12 e o propósito da alusão a Deuteronômio 29:18.

Especificamente, embora esta interpretação compreenda corretamente o uso metafórico da palavra “raiz” em Hebreus 12:15, ela perde o significado de “amargura”. Aqui, como em Deuteronômio 29:18, não tem nada a ver com raiva. Também faz parte da metáfora e se refere à natureza nociva e desagradável da raiz (cf. Tiago 3:11–12; Apoc. 8:11). Embora a “raiz amarga” da NIV tenha menos probabilidade de ser mal interpretada, uma tradução ideal para o inglês que não arriscaria o duplo significado de “amargura” em nossos dias pode ser simplesmente “gosto ruim” ou algo semelhante.

Além disso, essa interpretação popular individualiza indevidamente a passagem. Ele vê a raiz amarga no coração de um indivíduo, com a raiz brotando de dentro da alma da pessoa para então afetar toda a sua vida. Mas o fluxo do argumento tanto em Hebreus 12 quanto em Deuteronômio 29 é corporativo. O corpo da igreja deve cuidar para que nenhuma pessoa entre eles se torne apóstata. A própria pessoa é vista como a raiz amarga, não seu coração. E o dano que a raiz amarga causaria não são as lutas individuais, mas a tentação da congregação à idolatria.

Isso significa que é errado falar da raiva como uma raiz? Não. Isso significa que não devemos ler essa noção em Hebreus 12:15, perdendo assim seu verdadeiro significado. O título deste livro, *Uprooting Anger*, emerge de uma teologia bíblica do coração como

causador do comportamento humano, e passagens como Mateus 12:33–37, Jeremias 17:5–10 e Lucas 6:43–45 usam frutas e árvores /root metáforas para descrever essa conexão.

NOTAS

Capítulo 1: O que é raiva?

1. Chamar a raiva de “emoção” pode se concentrar erroneamente no afeto e nos sentimentos em distinção às funções cognitivas e volitivas. Como afirmam os dicionários de inglês e a fala diária, falamos rotineiramente de “emoção” como afeto e sentimento: “Ela reagiu com muita emoção”; “Não deixe que suas emoções tomem conta de você”; “Ele precisa ser mais racional e menos emocional sobre tudo isso.” Dado esse sentido popular, o termo “emoção” deixa de lado a dinâmica pessoal da raiva, especialmente o componente de julgamento que, como veremos, está no cerne da raiva. Alguns escritores que concordam com a natureza holística da raiva, no entanto, usam o termo “emoção” como um rótulo resumido para raiva (e depressão, etc.), mas também no sentido mais restrito de afeto e sentimentos. Veja os úteis artigos de Sam R. Williams, “Toward a Theology of Emotion,” *Southern Baptist Journal of Theology* 7:4 (Inverno de 2003), e David A. Powlison, “What Do You Feel?,” *Journal of Biblical Counseling* 10 :4 (1992).

2. Carol Tavris, *Anger: The Misunderstood Emotion* (Nova York: Simon and Schuster, 1982), 23. Ênfase minha.

3. David A. Powlison, “Anger Part 1: Understanding Anger,” *Journal of Biblical Counseling* , 14:1 (1995): 48.

4. Elsie Johnson, no *Dicionário Teológico do Antigo Testamento* , vol. 1, 2ª ed., eds. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren, trad. John T. Wills (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), 356.

5. Richard Baxter, *The Practical Works of Richard Baxter in Four Volumes* , vol. 1, *A Christian Directory* (Ligonier, PA: Soli Deo Gloria, 1990), 284.

6. Gregory C. Nichols, “A Biblical View of Anger,” dez sermões pregados na Trinity Baptist Church, Montville, NJ, fevereiro-mar. 1987. Audiocassetes disponíveis no Trinity Pulpit, Montville, NJ.

7. Leon Morris, *A Cruz no Novo Testamento* (Grand Rapids: Eerdmans, 1965), 149.

8. Elsie Johnson, em *Theological Dictionary* , 356; JW Simpson Jr., na *International Standard Bible Encyclopedia* , vol. 4, ed. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 1134; HC Hahn, “Raiva, Ira; Orge ,” no *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* , vol. 1, ed. Colin Brown (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 108, 110; Andrew T. Lincoln, *Efésios* , Word Biblical Commentary Series, vol. 42 (Dallas: Word, 1990), 301; Leslie C. Mitton, *Efésios* , New Century Bible Series, ed. Matthew Black (Londres: Marshall, Morgan e Scott, 1976), 168–69.

9. Os três termos gregos do Novo Testamento são *orge*, *thymos* e *aganaktesis* , junto com seus termos cognatos.

10. Richard Walters (1981, 12–13, 28–31), seguido por H. Norman Wright (1985, 30–32), apresenta um esquema tripartido de raiva (*thymos*), ressentimento (*orge*) e indignação (*aganaktesis*).

11. HC Hahn, “Raiva, Ira; Orge ,” em *New International Dictionary* , p. 110; cf. Gustav Stählin, no *Dicionário Teológico do Novo Testamento* , vol. 5, ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, trad. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1967), 419.

12. Friedrich Buchsel, no *Dicionário Teológico do Novo Testamento* , vol. 3, ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, trad. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1965), 167–68; cf. H. Schonweiss, no *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* , vol. 1, ed. Colin Brown (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 105–6; HC Hahn, “Raiva, Ira; Orge ,” em *New International Dictionary* , p. 110; Gustav Stählin, no *Dicionário Teológico* .

Capítulo 2: Sua raiva é realmente justa?

1. Breve Catecismo de Westminster, Q. 14.

2. David A. Powlison, “Anger Part 1: Understanding Anger”, *Journal of Biblical Counseling* 14:1 (1995): 48–53.
3. Alguns escritores apontam para os eventos em Mateus 23; Lucas 13:32; e João 11:33–37.
4. Relatos semelhantes são dados em Mateus 21:12–13; Marcos 11:15–17; e Lucas 19:45–46. Os estudiosos debatem se estes refletem um evento ou dois eventos separados.
5. Benjamin Breckinridge Warfield, “The Emotional Life of Our Lord”, em *The Person and Work of Christ* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1950), 120–121.
6. BF Westcott, *O Evangelho Segundo São João* (Londres: John Murray, 1937), en loc.
7. Como no caso de nosso Senhor, outras narrativas do Antigo Testamento poderiam ser citadas. Considere, por exemplo, o exemplo comovente de Finéias em Números 25:1–18 ou de Moisés em Êxodo 32 (mencionado no capítulo 1).
8. Santo Agostinho, *As Confissões de Santo Agostinho* (New Kensington, PA: Whitaker House, 1996), 118.
9. Ibidem.
10. Ibidem.
11. Ibidem.
12. Para uma discussão de Efésios 4:26, veja o Apêndice B, onde concluo, junto com a grande maioria dos estudiosos gregos do Novo Testamento, que o imperativo é melhor entendido como uma concessão do que como uma ordem.

Capítulo 3: Chegando ao coração da raiva

1. Alexander Solzhenitsyn, *One Day in the Life of Ivan Denisovich* (Nova York: Penguin, 1963), 154.
2. Santo Agostinho, *As Confissões de Santo Agostinho* (New Kensington, PA: Whitaker House, 1996), 15–20.
3. Ibid., 16.
4. Ibid., 19.
5. Ibidem.
6. Ibidem.
7. Ibidem.

Capítulo 4: Arrependimento: O caminho para desenraizar a raiva do coração

1. David Powlison, “Dinâmica Bíblica da Mudança Divina,” D.Min. palestra em classe, Seminário Teológico de Westminster, Filadélfia, agosto de 1993.
2. Gregory C. Nichols, “A Biblical View of Anger,” dez sermões pregados na Trinity Baptist Church, Montville, NJ, fevereiro-mar. 1987.

Capítulo 5: Mudando Nosso Comportamento Irritado: Revelação Pecaminosa

1. Várias abordagens da psicologia psicodinâmica usam imagens “hidráulicas”, vendo a raiva como uma espécie de fluido ou coisa. No entanto, como vimos no capítulo 1, a raiva não é uma força que devemos escoar, rolar, lançar ou drenar, mas uma escolha humana, uma resposta ativa de julgamento que exige ação. Escolhemos revelar ou ocultar essa raiva de várias maneiras. A linguagem reveladora/ocultadora aborda melhor as questões motivacionais por trás de nosso comportamento raivoso.
2. Outros esquemas são possíveis; não há limite para como podemos cortar a torta empírica do comportamento raivoso. E cada método teria valor. Poderíamos dividir o comportamento raivoso em métodos ofensivos (ou de ataque) e defensivos (ou de retirada). Ou as proverbiais opções de “lutar ou fugir”. Embora não aborde a raiva per se neste ponto, Ken Sande, do Peacemaker Ministries, retrata dois tipos errados de respostas a conflitos como “respostas de ataque” e “respostas de fuga”. Algumas pessoas iradas atacam seus ofensores; outros correm por segurança. O ataque não precisa ser aberto ou ventilado. Veja Ken Sande, *The Peacemaker: A Biblical Guide to Resolving Personal Conflict*, 3d ed. (Grand Rapids: Baker, 2004), 22–25. Além disso, pode-se classificar o comportamento raivoso com base no objeto dessa raiva: contra o ofensor, contra outras pessoas ou objetos (“chutar o cachorro”) ou contra si mesmo. Ou poderíamos conceber a

raiva em termos de comportamento ativo, passivo ou evitativo. Ou pode-se analisar o comportamento raivoso em termos de pecados de omissão e pecados de ação.

3. Ken Sande, *O Pacificador: Um Guia Bíblico para Resolver Conflitos Pessoais*, 3d ed. (Grand Rapids: Baker, 2004); Ken Sande com Tom Raabe, *Peacemaking for Families: A Biblical Guide to Managing Conflict in Your Home* (Wheaton, IL: Tyndale, 2002); Wayne Mack, *Your Family, God's Way: Developing and Sustaining Relationships in the Home* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1991).

Capítulo 6: Mudando Nosso Comportamento Irritado: Ocultação Pecaminosa

1. Essa metáfora não deve ser ampliada em uma noção geográfica literal dos chamados demônios habitantes ou espíritos territoriais. Este texto também não justifica modos exorcísticos de ministério. De acordo com Efésios 6:10–20, Tiago 4 e 1 Pedro 5 (veja o capítulo 4 acima), esta passagem retrata a guerra espiritual como resistir ao diabo arrependendo-se da ira pecaminosa, não repreendendo-o ou expulsando demônios irados. Ver também David A. Powlison, *Power Encounters: Reclaiming Spiritual Warfare* (Grand Rapids: Baker, 1995).

2. Patrick H. Morison, *perdoe! Como o Senhor te perdoou* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1977).

3. Eles são pecaminosos, é claro, porque Deus diz isso em versículos como Provérbios 29:11, não por causa de “descobertas de pesquisas relativamente recentes” (Neil Clark Warren, *Make Anger Your Ally*, 2d ed. [Brentwood, TN: Wolgemuth & Hyatt, 1990], 85–88), embora tais observações possam *ilustrar* a verdade bíblica. Não dependemos de pesquisas sociológicas ou psicológicas para determinar ou mesmo confirmar comportamentos justos e injustos.

4. John Bettler, “Casamento e Aconselhamento Familiar”, D.Min. palestra do curso, Westminster Theological Seminary, Filadélfia, agosto de 1992; cf. “The Four Rules of Communication,” Faith Baptist Counseling Ministries, Lafayette, IN, fevereiro de 1994.

5. Wayne Mack, *Your Family, God's Way: Developing and Sustaining Relationships in the Home* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1991).

6. Ken Sande, *O Pacificador: Um Guia Bíblico para Resolver Conflitos Pessoais*, 3d ed. (Grand Rapids: Baker, 2004), e Ken Sande com Tom Raabe, *Peacemaking for Families: A Biblical Guide to Managing Conflict in Your Home* (Wheaton, IL: Tyndale, 2002).

Capítulo 7: Ira contra Deus

1. Este capítulo foi publicado originalmente como um livreto na série de livretos do Ministério de Recursos para Transformar Vidas: Robert D. Jones, *Angry at God?: Bring Him Your Doubts & Questions* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2003).

2. Kay Arthur, “Mas estou com tanta raiva!” em *Lord, Heal My Hurts* (Sisters, OR: Multnomah, 1989).

3. João Calvino, *Sermons from Job*, selecionado e trad. Leroy Nixon (Grand Rapids: Eerdmans, 1952), 29. Ênfase adicionada.

4. *Ibid.*, 29–30. Ênfase adicionada.

5. *Ibid.*, 30. Ênfase adicionada.

6. Recomendo Jerry Bridges, *Trusting God: Even When Life Hurts* (Colorado Springs: NavPress, 1988); seu resumo do tamanho de um livreto, *You Can Trust God* (Colorado Springs: NavPress, 1989); Joni Eareckson Tada e Steven Estes, *When God Weeps: Why Our Sufferings Matter to the Almighty* (Grand Rapids: Zondervan, 1997); e o livreto de John J. Murray, *Behind a Frowning Providence* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1990).

Capítulo 8: Raiva contra você mesmo

1. Grande parte deste capítulo foi adaptada do livreto anterior do autor, *Perdão: “Não consigo me perdoar!”* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2003), na série de livretos do Ministério de Aconselhamento Cristão e Fundação Educacional Recursos para Mudar Vidas.

2. Richard Baxter, *The Practical Works of Richard Baxter*, vol. 1, *A Christian Directory* (Ligonier, PA: Soli Deo Gloria, 1990), 284.

3. John Owen, “A mortificação do pecado nos crentes”, cap. 2 em William Goold, ed., *The Works of John Owen*, vol. 6 (Edimburgo: Banner of Truth, 1981).

4. Sou grato a David Powlison por sugerir este terceiro ponto em correspondência privada e por suas contribuições perspicazes aos meus escritos anteriores sobre este tópico.

5. 1 Cor. 4:3–5; Tiago 4:11–12; 1 Pedro 2:24; 3:18

Capítulo 9: Ajudando os outros a lidar com sua raiva

1. Paul David Tripp, *Instruments in the Redeemer's Hands: People in Need of Change Helping People in Need of Change* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2002).

2. Todos os textos a seguir retratam o ministério pessoal da verdade de Deus não apenas por pastores/presbíteros, mas por todas as outras pessoas cristãs: Romanos 15:14; Gálatas 6:1–2; Efésios 4:12–16; Colossenses 3:16; 1 Tessalonicenses 5:12–13; Hebreus 13:12–13; Tiago 5:19–20. Dentro do evangelicalismo americano, Jay E. Adams foi pioneiro na recuperação do aconselhamento bíblico pelo povo de Deus em *Competent to Counsel* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1970). Como seu título indica, Adams argumenta persuasivamente que Deus chama e equipa seu povo para aconselhar uns aos outros. Nos últimos trinta e cinco anos, esse movimento cresceu e se desenvolveu - em várias formas e nuances - por meio do trabalho de organizações como a Christian Counseling and Educational Foundation e a National Association of Nouthetic Counselors.

3. Para um tratamento mais completo sobre como fazer ministério pessoal, seja ajuda informal a pessoas ou aconselhamento formal, leia Paul David Tripp, *Instruments in the Redeemer's Hands*. A estrutura de quatro funções de Tripp de “Amar, Saber, Falar, Fazer”, junto com seus ensinamentos e nossas conversas ao longo dos anos, ajudou a formar meu processo de ministério neste capítulo.

4. Jay E. Adams, *Christ and Your Problems* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1971); Jerry Bridges, *Você pode confiar em Deus* (Colorado Springs: NavPress, 1989).

5. John Bettler, “Casamento e Aconselhamento Familiar,” D.Min. palestra do curso, Seminário Teológico de Westminster, Filadélfia, agosto de 1992.

6. Em alguns casos, expandi isso adicionando um preenchimento para a última declaração: “Porque você falhou, você é mau e eu tenho o direito de puni-lo (gritando com você, afastando-se de você, focando sobre você, etc.)”.

7. Ken Sande, *O Pacificador: Um Guia Bíblico para Resolver Conflitos Pessoais*, 3d ed. (Grand Rapids: Baker, 2004), cap. 5; Ken Sande com Tom Raabe, *Peacemaking for Families: A Biblical Guide to Managing Conflict in Your Home* (Wheaton, IL: Tyndale, 2002), cap. 2. Sande reconhece sua grande dívida para com John Bettler, David Powlison, Paul Tripp e Ed Welch, professores-conselheiros bíblicos de quem eu também tirei grande proveito em muitos anos de instrução e conversação.

8. Sande, *The Peacemaker*, 115–116, e *Peacemaking for Families*, 30.

9. Jay Adams, *How to Overcome Evil: A Practical Exposition of Romans 12:14–21* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1977).

10. Jerry Bridges, *Transforming Grace* (Colorado Springs: NavPress, 1991); Patrick Morison, *perdoe! Como o Senhor te perdoou* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1977).

11. Jerry Bridges, *Trusting God: Even When Life Hurts* (Colorado Springs: NavPress, 1988); *Você pode confiar em Deus*; John J. Murray, *Behind a Frowning Providence* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1990).

12. Jay E. Adams, *From Forgiven to Forgiving* (Amityville, NY: Calvary Press, 1994).

13. Paul David Tripp, *War of Words: Getting to the Heart of Your Communication Struggles* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2000) 240–43.

14. Wayne Mack, *Homework Manual for Biblical Living*, vol. 1, *Problemas pessoais e interpessoais* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1979), 1–13. Nota: Você pode precisar adaptar e abreviar essas designações para atender às necessidades específicas das pessoas a quem você ministra.

Capítulo 10: Por que você deve lidar com sua raiva pecaminosa

1. Richard Baxter, *The Practical Works of Richard Baxter in Four Volumes*, vol. 1, *A Christian Directory* (Ligonier, PA: Soli Deo Gloria, 1990), 284.

2. Frederick Buechner, trecho sem título na edição de amostra do boletim mensal Better Families, ed. J. Allan Petersen, publicado pela Family Concern, Morrison, Colorado, 1993.

Apêndice A

1. Adaptado de Wayne Mack, *Homework Manual for Biblical Living*, vol. 1, *Problemas pessoais e interpessoais* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1979), 4–6, 8.

Apêndice B

1. Visões excepcionais existem, é claro. Por exemplo, John Calvin, *Sermons on the Epistle to the Ephesians* (orig. 1562; Carlisle, PA: Banner of Truth, 1973), 443–45, entendeu esse imperativo como um comando para ficar com raiva de si mesmo por meio do auto-exame de sua próprios pecados. Essa raiva de si mesmo, seguida de arrependimento, o impedirá de guardar raiva pecaminosamente contra os outros. Embora esse insight seja verdadeiro à luz de outras Escrituras (por exemplo, Tiago 3:13–4:12; Mateus 7:3–5) e poderosamente relevante ao lidar com a raiva, provavelmente não é isso que este texto pretendia.

2. RCH Lenski, *A Interpretação das Epístolas de São Paulo aos Gálatas, aos Efésios e aos Filipenses* (Minneapolis: Augsburg, 1937), 576–77; D. Martyn Lloyd-Jones, *Darkness and Light: An Exposition of Ephesians 4:17–5:17* (Grand Rapids: Baker, 1982), 225–31; John F. MacArthur, “Ephesians”, em *The MacArthur New Testament* (Chicago: Moody, 1986), pp. 184–185; SDF Salmond, “A Epístola aos Efésios”, no *Testamento Grego do Expositor*, vol. 3, ed. W. Robertson Nicoll (Grand Rapids: Eerdmans, 1980), 345; Charles R. Swindoll, *Three Steps Forward, Two Steps Back* (Nashville: Thomas Nelson, 1980), 151–53; Kenneth S. Wuest, *Efésios e Colossenses no Novo Testamento Grego para o English Reader* (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), 454; A. Skevington Wood, “Efésios”, no *Comentário Bíblico do Expositor*, vol. 11, ed. Frank E. Gaebelein (Grand Rapids: Zondervan, 1978), 64; e aparentemente TK Abbott, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Ephesians and the Colossians*, International Critical Commentary on the Holy Scriptures of the Old and New Testaments Series (Edimburgo: T. & T. Clark, 1979), 140; e William Hendricksen, *Exposição de Efésios*, Série de Comentários do Novo Testamento, vol. 10 (Grand Rapids: Baker, 1967), 217–18.

3. Henry Alford, *Testamento Grego de Alford: Um Comentário Exegético e Crítico*, vol. 3 (Grand Rapids: Baker, 1980), 125; Markus Barth, *Ephesians: Translation and Commentary on Chapters 4–6* (Garden City, NY: Doubleday, 1974), 513; Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. Robert F. Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), 195; Robert G. Bratcher e Eugene A. Nida, *Manual do Tradutor sobre a Carta de Paulo aos Efésios*, Série Helps for Translators (Nova York: United Bible Societies, 1982), 117; James A. Brooks e Carlton L. Winberry, *Syntax of New Testament Greek* (Washington: University Press of America, 1978), 118; HC Hahn, “Raiva, Ira; Orge,” no *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol. 1, ed. Colin Brown (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 110; Harold W. Hoehner, “Efésios”, em *The Bible Knowledge Commentary*, vol. 2, Novo Testamento ed. John F. Walvoord e Roy B. Zuck (Wheaton, IL: Victor, 1983), 637; Walter L. Liefeld, “Efésios,” em *The NIV Study Bible*, ed. Kenneth Barker (Grand Rapids: Zondervan, 1985), 1797; Andrew T. Lincoln, *Efésios*, Word Biblical Commentary Series, vol. 42 (Dallas: Word, 1990), 301; Leslie C. Mitton, *Efésios*, New Century Bible Series, ed. Matthew Black (Londres: Marshall, Morgan e Scott, 1976), 168–69; John RW Stott, *The Message of Ephesians: God's New Society*, Bible Speaks Today Series (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1979), 185; David G. Stewart, *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, vol. 1, ed. Merrill C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 167; e aparentemente FF Bruce, *The Epistles to the Colossians, to Filemon, and to the Ephesians*, New International Commentary on the New Testament Series, ed. FF Bruce (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), 361.

4. Leslie C. Mitton, *Efésios*, 168.

5. Andrew T. Lincoln, *Efésios*, 301. Ênfase adicionada.

6. HC Hahn, “Raiva, Ira; Orge”, em *New International Dictionary*, 110. Ênfase adicionada.

7. Wilhelm Michaelis, no *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, vol. 6, ed. Gerhard Friedrich (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), 990.

8. CS Keener, *IVP Biblical Background Commentary: New Testament* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993), 680.

9. David G. Peterson, em *New Bible Commentary: 21st Century Edition*, ed. DA Carson (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994).

10. Zane Hodges, "Hebrews," in *Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, vol. 2, ed. JF Walvoord e RB Zuck (Victor Books, 1985), 810, escreve: "Como um lembrete sombrio do que pode acontecer entre os crentes, o escritor advertiu que aquele que perde a graça de Deus pode se tornar como uma raiz amarga cuja infidelidade a Deus afeta outros. Aqui o autor tinha em mente Deut. 29:18 onde um apóstata da Antiga Aliança era chamado de 'raiz'. . . que produz um veneno tão amargo." Ver também David A. DeSilva, *Perseverance in Gratitude: A Socio-Rhetorical Commentary on the Epistle "to the Hebrews"* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), 460; Philip Edgecumbe Hughes, *Um Comentário sobre a Epístola aos Hebreus* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 538–39; William L. Lane, "Hebrews 9–13," in *Word Biblical Commentary*, vol. 47B (Waco, TX: Word, 1991), 453–54; Paul Ellingworth, "A Epístola aos Hebreus", no *Comentário do Novo Testamento Grego Internacional* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), 664; George Guthrie, "Hebrews", no *NIV Application Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 1998), 409. FF Bruce, "The Epistle to the Hebrews", no *New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), 365–66, concorda, mas vê a "raiz" não como o próprio apóstata, mas como o pecado do apóstata. Leon Morris, "Hebrews", no *Expositor's Bible Commentary*, vol. 12, ed. Frank C. Gaebelein (Grand Rapids: Zondervan, 1978), 139–140, concorda que o texto adverte contra a apostasia e alude a Deuteronômio 29:18, mas incorretamente (e aparentemente sozinho) vê no texto o pecado real da "amargura" levando à apostasia.

ÍNDICE DAS ESCRITURAS

Gênese

3:1—6—69
4—115—16
4:4—7—116
4:5—21
4:6—7—157
4:7—67
27—22, 57
30:1—2—22
30:2—22
31:36—22
37—50—125, 147
39—22, 79
39:9—131
39:19—20—79
44—22
50:19—105
50:19—20—147, 178
50:20—121

Êxodo

15:8—19
17:1—7—79
20:17—51
32—191n.7 (cap. 2)
32:9—10—20
32:19—22
32:19—20—21
32:33—35—21

Levítico

19:16—99
19:16—18—96—100, 149
19:17—97, 98
19:17—18—107, 110
19:18—98, 99

Números

4:15—116
20:6—12—79
22—57
22:27—22
24—57
24:10—22
25:1—18—191n.7 (cap. 2)
25:11—20

Deuteronômio

28:17—186
29:16—18—186
29:18—186, 187, 199n.10
29:29—127

32:41—19

1 Samuel

11:1—6—35—36

18:8—22

20—58

20:24—35—35—36

20h30—22

2 Samuel

6:8—22

12:5—22

1 Crônicas

13—116—17

13:9—116

13:10—116

13:11—12—116

2 Crônicas

16—118

16:10—23

25:5—13—22—23

26:19—23

28:9—23

Ester

1:12—23

2:1—23

3:5—23

5:9—23

7:7—23

7:10—23

Trabalho—125

1—2—121, 122

1:22—119

2—118

4:9—19

32:1—5—23

38—42—121

42—122

salmos

2—181

2:4—5—19

2:12—20, 30

6:3—128

7:11—20

13—123, 125, 128

18:7—8—19

18:15—19

32—147, 154

35:17—128

38—154

45:7—30, 43

51—147

51:3—4—131, 167

51:4—90

51:5—52

62:8—127

66:18—156
69:9—38
74:10—128
77—126
79:5—128
80:4—128
82:2—128
89:46—128
94—146
94:3—128
103—147
103:8—14—177
103:9—99
106:32—33—79—80
115:3—121
119—36, 44
119:52—54—36
119:84—128
119:103—4—37
119:113—15—37
119:127—28—37
119:135—36—37
119:139—38
119:157—59—38
119:162—64—38
130—147
130:3—4—177
139:22—41

Provérbios

1:7—84
1:10—19—87, 92
1:20—33—84
2:1—8—84
3—154
4:23—48
4:23—24—81
5:21—16
9:10—84, 147
10—108
10:11—107, 108
10:12—87, 109
10:13—108
10:19—21—91
10:20—108
10:21—107, 108
10:31—107, 108
10:31—32—91
10:32—108
12—108
12:18—82, 84, 89, 90, 91, 92, 104, 107, 108, 149
12:25—108
13:20—142
14—155
14:16—17—82, 174

14:29–30—83, 154, 174
14h30—104
15:1—83, 84, 91, 92, 142, 175
15:3—16
15:18—84, 175
16:7—161
16:18—105
16:32—85, 91, 93, 175
19:3—23
19:11—87, 175
19:19—87, 176
22:14–25—86
22:24–25—87, 92, 142, 160, 176
25:28—85, 91, 93
27:5–6—97, 110
28:13—70, 90
29:9—88, 176
29:11—84, 91, 92, 149, 174, 193n.3
29:20—84, 176
29:22—86, 176
29:25—89

Eclesiastes

11:9—182

Isaías

1:18—138, 177
29:13—163
38:17—138, 147, 177
43:25—138, 147, 177
44:21–22—177
44:22—138, 147
56:7—33

Jeremias

3:5—99
3:12—99
7:11–33
17:5–10—188
17:9—28, 105, 133
17:9–10—16
31–147
31:31–34—177
50:20—177

Lamentações—122–123

Daniel

2:12–23
3:13–24
3:19–24

joel

2:13–88

Amós

1:11—99

Jonas

3:10–4:11—117–18
4:1—22

Miquéias

6:6–8—178

6:8—105

7:18–20—147, 177

7:19—138

Naum

1:3—99

Habacuque

1:1–4—123

1:12–2:1—123

3:18–19—123

Zacarias

3:1—132

Mateus

2—58

2:1–18—80

2:16—24, 80

5–63

5:3–10—178

5:3–12—93

5:7—105

5:9—91, 109

5:13–16—162

5:21–22—16, 48, 49, 80, 82, 156, 162

5:22—183

5:23–24—109

5:23–26—91

5:43–48—162

6:9–15—178

6:12–15—105

6:19–34—147

7:3–5—90, 146, 160, 166, 197n.1

7:5—97, 110, 161

11:28–30—142

12:33–37—81, 188

15:15–20—48

15:17–32—81

18–63

18:15—97, 110

18:15–17—91

18:21–35—91, 105, 147, 166, 178

20:24—24

21:12–13—191n.4 (cap. 2)

21:13—3

21:15—24

22:36–40—29

23—191n.3 (cap. 2)

23:32—182

Marca

2:5—137

2:12–31

2:27–28–31

3–33

3:1–6—31–32

3:5—31
7:20—23—48
10:32
10:13—16—32—33
10:14—33
10:15—32, 33
10:16—33
10:41—24
10:45—72, 73, 75
11:15—17—191n.4 (cap. 2)
11:20—25—178
11:25—105

Lucas

4:58
4:28-24
6:27—46—107
6:32—36—178
6:43—45—48, 81, 188
12:22—32—147
12:32—33, 148
13:14—24
13:32—191n.3 (cap. 2)
15:25—30—102—3, 104, 149
15:28—103, 158
17:3—4—91, 98, 110
18:9—14—148
19:45—46—191n.4 (cap. 2)
23:32—34—178
23:34—35, 105

John

1—143
2—33
2:13—17—33—14
2:17—33—34, 38
2:19—182
3:36—20
6:68—69—143
7:23—118
7:52—182
8:34—105
11:33—37—191n.3 (cap. 2)
17:15—92
17:17—11

Atos

7:54—60—178
19:58-59
20:20—11
24:16—90, 156

romanos

1:18—20
2:5—9—20
2:16—20
3:21—26—20

3:23-29
5:8—127
7-67
7:7-11—51
8:1—156
8:13—154
8:28-29—121, 127
8:28-39—147
12:14-21—146
12:17-21—178
12:18—91, 161
12:19—35, 105, 126
13:1-6—87
13:1-7—146
14:19—91, 109
14:22-23—130
15:3—72
15:14—151, 195n.2

1 Corintios

4:1-5—156
4:2-4—130
4:3-5—194n.5
(cap. 8)
5:9-10—92
6:9-11—131
10:6-12—133
10:12—105
10:13—143
15:33—87, 92

2 Corintios

1—125
1:12—156
5:9—143, 163
5:9-10—147
5:14-15—143
12:9-10—65
12:16—182

Gálatas

3-4—147
5:16-21—48
5:16-26—50
5:20—24
5:22-23—84, 93
5:23—91
6:1—98, 110
6:1-2—151, 195n.2

Efésios

1-2—143
1-3—108
1:3—143
2:1-3—67
4:1—108, 143
4:1-6—158
4:3—91, 109

4:12–16—151, 195n.2
 4:17–24—100, 108
 4:17–31—143
 4:17–32—81, 182
 4:20–5:2—162
 4:22–28, 105
 4:22–24—132, 154
 4:25—107, 108
 4:25–32—91, 93, 108
 4:25–5:2—100, 149, 158
 4:26–12, 181–84, 191n.12
 4:26–27—67, 100–102, 108, 158, 160, 162
 4:27—100
 4:29—81, 85, 101, 107, 108
 4:29–30—108
 4:29–32—81
 4:30—81, 104, 162
 4:30–31—101
 4:30–5:2—100–102, 105, 178
 4:31—13, 24, 25, 81, 101, 154, 158, 160, 162, 182
 4:31–32—108
 4:32—91, 106, 147, 179
 4:32–5:2—81, 102
 5–63
 5:8–10—143
 5:20—183
 6:4—160
 6:10–18—68, 68
 6:10–20—193n.1 (cap. 6)
filipenses
 2:5–11—35
 3:7–9—135
 3:13–14—131
colossenses
 2:3—143
 2:9–10—143, 154
 3:5–11—162
 3:5–17—158
 3:6—162
 3:7—162
 3:8—24, 25, 154, 158, 162, 183
 3:10–11—162
 3:12–13—178
 3:12–14—105
 3:13—105, 106, 147
 3:16—110, 151, 195n.2
 4:6—142
1 Tessalonicenses
 5:12–13—151, 195n.2
2 Tessalonicenses
 1:6–8—146
1 Timóteo
 1:15–16—131
 1:18–20—156

2:8—24, 156, 163, 183

6:10—52

2 Timóteo

2:22—91, 109

3:16—10

3:16—17—154

Tito

1:7—183

hebreus

1:9—30, 43, 44

3:12—13—28, 48, 88, 105

3:12—14—110, 187

4:12—48

4:12—13—16

4:16—64, 65, 140, 143, 148, 187

10:24—25—88, 110

10:27—34

12:14—185

12:14—17—185, 186

12:15—12, 184—88, 185, 186, 187, 188

12:16—17—186

12:28—33

13:12—13—151, 195n.2

13:20—21—167

13:22—185

James

1:1—12—15

1:6—8—67

1:13—52

1:13—15—21, 48, 75, 133

1:13—16—173

1:14—15—51, 86

1:17—52

1:19—20—24, 163, 183

1:20—163

2:12—13—178

2:13—105

3:11—12—187

3:13—16—75

3:13—18—173

3:13—4:12—21, 59, 143, 158, 173, 197n.1

3:15—67

3:16—173

3:17—18—142, 158

4—59, 64, 65, 173, 193n.1 (cap. 6)

4:1—50, 173

4:1—2—49

4:1—3—50—52, 75

4:2—52, 173

4:3—51

4:4—5—65

4:4—12—173

4:6—64, 70, 76, 120, 148

4:6—10—66

4:7—50, 67, 68
4:11—12—49, 68, 104, 164, 178, 194n.5 (cap. 8)
4:12—105
5:19—20—151, 195n.2

1 Pedro

1:17—117
2:11—13, 50
2:21—23—35
2:22—23—35, 146
2:23—35
2:24—194n.5 (cap. 8)
3:7—156
4:8—87, 109
4:19—35, 146
5—193n.1 (cap. 6)
5:6—9—68
5:8—67
5:8—9—68
5:16—110

2 Pedro

1:3—10, 143, 154

1 João

1:8—2:2—64
2:3—6—156
3:4—29
3:15—16, 49, 80, 156, 162
3:19—21—130

Revelação

6:9—11—146
6:16—17—34
8:11—187
12:10—132

SOBRE O AUTOR

Robert D. Jones (D.Min, Westminster Theological Seminary; M.Div, Trinity Evangelical Divinity School) é professor assistente de aconselhamento bíblico no Southeastern Baptist Theological Seminary. Ele é o autor dos livretos *Recursos para Mudar Vidas*, *Perdão*, *Irritado com Deus?* e *Bad Memories*, e escreveu vários artigos e resenhas de livros para o *Journal of Biblical Counseling*.

Jones é membro da National Association of Nouthetic Counselors (NANC). Ele também é um conciliador cristão certificado e instrutor adjunto do Peacemaker Ministries (e seu Institute for Christian Conciliation), e atuou como instrutor adjunto da Christian Counseling and Educational Foundation (CCEF).

Um palestrante experiente em conferências, Jones apresenta o “The Peacemaker Seminar” em igrejas locais e organizações de aconselhamento nos Estados Unidos, na Espanha e no Brasil. Ele apresenta workshops em conferências para o NANC e o Instituto de Aconselhamento Bíblico.

Jones mora em Raleigh, Carolina do Norte, com sua esposa e dois filhos.